Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Bia Calza

Ação coletiva no WhatsApp e no Telegram: Os enquadramentos golpistas que prepararam o terreno para o 8 de janeiro

Brasília, julho de 2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

Bia Calza

Ação coletiva no WhatsApp e no Telegram: Os enquadramentos golpistas que prepararam o terreno para o 8 de janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política na Universidade de Brasília, como exigência para a obtenção do título de mestre em Ciência Política

Orientadora: Marisa von Bülow

Banca examinadora:

Membro Externo: Dra. Nina Santos (INCTDD/UFBA)

Membro Interno: Prof. Dr. Joscimar Souza Silva (IPOL/UnB)

Presidente da Banca: Prof. Dra. Marisa von Bülow (IPOL/UnB)

Suplente: Prof. Dra. Rebecca Abers (IPOL/UnB)

Brasília, julho de 2024

Agradecimentos

Essa dissertação só foi possível graças a compreensão e ajuda da minha imensa e fraterna rede de apoio. Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu marido, Guilherme Amado, por ter criado todas as condições e arranjos domésticos possíveis para que eu pudesse me dedicar à pesquisa e aos estudos sem que isso se transformasse em uma sobrecarga. Especialmente porque temos uma filha ainda bebê e esse momento já é desafiador por si só. Agradeço também à minha sogra Bel e à minha cunhada Clara por terem cuidado das minhas filhas nos momentos que precisei me dedicar à escrita.

O meu mestrado se estendeu por um período que compreendeu a pandemia, as eleições, a minha segunda gravidez e o puerpério. Posso afirmar que só concluí todas as etapas sem prejuízo à minha saúde mental por causa da minha orientadora Marisa von Bülow, que sabe guiar o processo de maneira sensível, sem que haja perda de excelência. Agradeço ao meu grupo de pesquisa Resocie, e ao apoio da Lorena, às contribuições de Amanda, Alê A., Matheus e Pedro A., às conversas com João durante as eleições e às fraldas que ganhei de todos do grupo (e por isso agradeço aos já citados e ainda a Pedro B., Carol, Rafael, Raphael, Alê G., Anne, Gabriel, Gustavo e professora Rebecca), que me pouparam várias idas à farmácia.

Gostaria de agradecer aos meus colegas de trabalho na Avaaz, que não apenas me deram toda a liberdade para fazer as disciplinas, como também me encorajaram e me permitiram integrar a minha pesquisa ao meu trabalho. Um abraço a toda equipe do projeto Samba.

Um agradecimento especial aos integrantes do Projeto Farol, da Universidade Federal do Ceará, na pessoa do professor José Maria da Silva Monteiro Filho, que me cederam os dados com os quais trabalhei. E agradeço também a Lucas Freitas, do Instituto Federal de Brasília, por ter criado o código que me possibilitou automatizar a filtragem dos dados e otimizar meu tempo de pesquisa.

Resumo

A invasão às sedes dos Três Poderes no dia 8 de janeiro de 2023 em Brasília entrou para a história brasileira como uma tentativa fracassada de golpe de Estado. Um dos elementos que ajudam a explicar o evento é a disseminação massiva de ataques à integridade eleitoral em mídias digitais. Esta pesquisa analisa como foram construídos os enquadramentos dessas narrativas pela ultradireita brasileira no WhatsApp e no Telegram. Portanto, esta dissertação é guiada pela seguinte pergunta de pesquisa: Como enquadramentos de mensagens enviados via aplicativos de mensageria privada podem ser instrumentalizados para objetivos anti-democráticos? O objetivo geral da pesquisa é compreender os enquadramentos (frames) de ação coletiva empregados pelo bolsonarismo no Whatsapp e no Telegram para atacar a integridade eleitoral, e propor argumentos exploratórios sobre as razões por trás das escolhas de tais enquadramentos. De forma específica, relacionamos a estratégia de enquadramentos a outras estratégias de manipulação do debate público observadas na campanha desinformativa sobre o sistema eleitoral brasileiro. A partir do conceito de enquadramentos de ação coletiva, proposto por Benford e Snow (2000), o artigo analisa 613 mensagens de texto enviadas em 331 grupos de WhatsApp e 180 grupos de Telegram de apoio declarado ao ex-presidente Jair Bolsonaro, que fizessem um ataque claro à integridade eleitoral. A análise foi dividida em dois momentos - antes e depois do período oficial de campanha (até o dia 31 de dezembro de 2022) - para entender como a ultradireita brasileira articulou as narrativas em contextos distintos e manteve seus simpatizantes engajados na mobilização de rua por vários meses. Constatou-se que, no período eleitoral, houve forte mobilização de enquadramentos diagnósticos, apontando e reforçando a injustiça (a suposta fraude) e o culpado (a Justiça Eleitoral). Já no período pós-eleitoral, nota-se o predomínio do enquadramento prognóstico, apontando para a solução de permanecer protestando em frente aos quartéis até que o Exército tomasse alguma atitude para reverter o resultado das eleições.

Palavras-chave: framing, ação coletiva, ultradireita, WhatsApp, Telegram, eleições

Abstract

The invasion of the headquarters of the Three Branches of Government on January 8, 2023 in Brasilia went down in Brazilian history as a failed coup attempt. One of the elements that help explain the event is the massive dissemination of attacks on electoral integrity in digital media. This research analyzes how these narratives were framed by the Brazilian ultra-right on WhatsApp and Telegram. Therefore, this dissertation is guided by the following research question: How can message frames sent via private messaging apps be instrumentalized for anti-democratic purposes? The general objective of the research is to understand the collective action frames used by bolsonarism on Whatsapp and Telegram to attack electoral integrity, and to propose exploratory arguments about the reasons behind the choices of such frames. Specifically, we relate the framing strategy to other strategies for manipulating public debate observed in the disinformation campaign about the Brazilian electoral system. Based on the concept of collective action frames, proposed by Benford and Snow (2000), the article analyzes 613 text messages sent in 331 WhatsApp groups and 180 Telegram groups of declared support for former president Jair Bolsonaro, which made a clear attack on electoral integrity. The analysis was divided into two moments - before and after the official campaign period (until December 31, 2022) - to understand how the Brazilian far right articulated narratives in different contexts and kept its supporters engaged in street mobilization for several months. It was found that, during the election period, there was a strong mobilization of diagnostic frameworks, pointing out and reinforcing the injustice (the alleged fraud) and the culprit (the electoral justice system). In the post-election period, there was a predominance of prognostic framing, pointing to the solution of continuing to protest in front of the barracks until the army took action to reverse the election result.

Keywords framing, collective action, far right, WhatsApp, Telegram, elections.

Lista de tabelas

Tabela 1: Classificação dos enquadramentos encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp e Telegram durante o período eleitoral (de 16 de agosto a 31 de outubro) _____ 59

Tabela 2: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp durante o período eleitoral de 2022 (de 16 de agosto a 31 de outubro) _____ 60

Tabela 3: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de Telegram durante o período eleitoral de 2022 (de 16 de agosto a 31 de outubro) _____ 66

Tabela 4: Classificação dos enquadramentos encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp e Telegram após o período eleitoral até o dia 31 de dezembro de 2022 _____ 77

Tabela 5: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp após o período eleitoral até o dia 31 de dezembro de 2022 _____ 78

Tabela 6: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de Telegram após o período eleitoral até o dia 31 de dezembro de 2022 _____ 79

Quadros

Quadro 1: Mensagem encaminhada 55 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral _____ 64

Quadro 2: Mensagem encaminhada 31 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral _____ 64

Quadro 3: Mensagem encaminhada 28 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral _____ 66

Quadro 4: Mensagem encaminhada 25 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral _____ 67

Quadro 5: Mensagem encaminhada 20 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral _____ 67

Quadro 6: Mensagem encaminhada 17 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral _____ 68

Quadro 7: Mensagem encaminhada 140 vezes na amostra do Telegram no período eleitoral _____ 70

Quadro 8: Mensagem encaminhada 51 vezes na amostra do Telegram no período eleitoral _____ 71

Quadro 9: Mensagem encaminhada 27 vezes na amostra do Telegram no período eleitoral _____ 72

Quadro 10: Mensagem encaminhada 111 vezes na amostra do WhatsApp e 116 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 74

Quadro 11: Mensagem encaminhada 10 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 74

Quadro 12: Mensagem encaminhada 87 vezes na amostra do WhatsApp e 80 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 75

Quadro 13: Mensagem encaminhada 40 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 78

Quadro 14: Mensagem encaminhada 17 vezes na amostra do WhatsApp no período pós-eleitoral _____ 78

Quadro 15: Mensagem encaminhada 181 vezes na amostra do WhatsApp e 121 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 80

Quadro 16: Mensagem encaminhada 98 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 81

Quadro 17: Mensagem encaminhada 74 vezes na amostra do WhatsApp no período pós-eleitoral _____ 83

Quadro 18: Mensagem encaminhada 100 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral _____ 84

Quadro 19: Mensagem encaminhada 42 vezes na amostra do WhatsApp no período pós-eleitoral _____ 85

Quadro 20: Mensagem encaminhada dezenas de vezes na amostra do WhatsApp e do Telegram no período pós-eleitoral _____ 86

Quadro 21: Mensagem encaminhada dezenas de vezes na amostra do WhatsApp e do Telegram no período pós-eleitoral _____ 87

Sumário

Introdução 10

Pergunta de pesquisa e objetivos 12

Justificativa 12

Metodologia 16

Estrutura da dissertação 20

Capítulo 1. A ultradireita e os desafios da democracia 22

O avanço da ultradireita 22

A ultradireita como movimento social 24

Enquadramentos 29

Os desafios para a democracia 32

A instrumentalização de aplicativos de mensageria privada para objetivos anti-democráticos 36

Capítulo 2. A ultradireita brasileira 41

O bolsonarismo 42

O bolsonarismo como movimento social 46

O ataque à integridade eleitoral como estratégia central 49

O manual de campanha da ultradireita 52

Capítulo 3. As eleições que não terminaram: os enquadramentos golpistas durante e após o processo eleitoral 57

3.1. O período eleitoral: predomínio dos enquadramentos diagnósticos 58

3.2. O pós-eleição: as soluções para reverter o resultado das urnas 70

Considerações finais 87

Referências bibliográficas 90

Introdução

A sociedade brasileira acompanhou com perplexidade e curiosidade a mobilização de eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que havia acabado de perder a eleição de 2022 à presidência. Milhares de pessoas permaneceram por mais de dois meses diante de quartéis do Exército em diversas cidades, portando bandeiras do Brasil, tocando o hino nacional, ajoelhadas ou atentas a cada movimento dos caminhões que chegavam ou partiam, na esperança de uma ação dos militares que impedisse a posse do Presidente eleito. O caldo preparado em banho maria entrou em ponto de ebulição no dia 8 de janeiro de 2023, quando apoiadores do ex-presidente Bolsonaro se deslocaram à Esplanada dos Ministérios, em Brasília, e provocaram cenas de destruição que estamparam capas de jornais no mundo todo.

O resultado das eleições presidenciais havia sido apertado. Bolsonaro perdeu de Lula por menos de 2% dos votos. Mas não foi apenas a pequena diferença de votos que motivou eleitores a acreditarem em supostas irregularidades no processo eleitoral e agirem em função dessa crença. Como esta dissertação ajuda a compreender, o terreno foi preparado com antecedência e de maneira ininterrupta. Nas eleições de 2018, em que saiu vitorioso, Bolsonaro e sua coalizão de apoiadores haviam utilizado uma estratégia discursiva muito similar, disseminando desconfiança sobre o funcionamento das urnas eletrônicas (e.g. RECUERO, 2020).

Mesmo tendo sido eleito em 2018, as tentativas de descredibilizar o processo eleitoral nunca foram abandonadas por Bolsonaro. O presidente e seus apoiadores, incluindo parlamentares de sua base, mobilizaram o discurso favorável ao voto impresso, de forma a promover a desconfiança injustificada contra a urna eletrônica, desde o início de seu governo até outubro de 2021, quando a Proposta de Emenda à Constituição do voto impresso foi enterrada no plenário da Câmara dos Deputados (OLIVEIRA, 2024). Com a derrota da PEC, Bolsonaro criou novas narrativas para atacar as urnas eletrônicas. Um dos episódios mais marcantes desses ataques foi uma reunião com embaixadores[1] no Palácio da Alvorada, em

[1] Ver em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/18/bolsonaro-reune-embaixadores-para-repetir-sem-provas-suspeitas-ja-esclarecidas-sobre-urnas.ghtml

18 de julho de 2022, portanto antes do início oficial da campanha eleitoral, em que repetiu sem provas suspeitas já esclarecidas sobre as urnas, e pelo qual foi condenado à inelegibilidade[2] posteriormente.

Não apenas as urnas foram alvo de ataques retóricos por parte do presidente e de parlamentares de sua base, como também a Justiça Eleitoral, os ministros da Suprema Corte, as pesquisas eleitorais e a imprensa. Quando a campanha eleitoral começou, em agosto de 2022, a suspeita de irregularidades nas eleições já estava latente entre seus eleitores. Poucos dias após a invasão, uma pesquisa realizada pelo Instituto Atlas Intel mostrou que 39,7% dos entrevistados acreditavam que houve fraude nas eleições[3]. Como compreender o sucesso da narrativa coordenada pela ultradireita?

Esta dissertação contribui para responder a pergunta, ao analisar os enquadramentos mais utilizados para convencer a base de apoiadores do ex-presidente de que as eleições seriam e foram fraudadas e mobilizá-la de forma a criar as condições para um golpe de Estado caso e quando a derrota se concretizasse. Os enquadramentos utilizados por grupos e ativistas são uma das chaves analíticas propostas pela ciência política para desvendar como se dão os processos de mobilização coletiva. Esta dissertação utiliza o conceito de enquadramento de ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000), definido como "conjuntos de significados e crenças orientados à ação" (p. 614).

A pesquisa foca especificamente nos usos de serviços digitais de mensageria privada, a partir de uma análise das mensagens de texto enviadas em grupos de WhatsApp e Telegram de apoio declarado ao ex-presidente Bolsonaro, que fizeram um ataque claro ao processo eleitoral. A análise foi dividida em dois momentos - antes e depois do período oficial de campanha - para entender como a ultradireita brasileira articulou as narrativas em contextos distintos e manteve seus simpatizantes engajados na mobilização de rua por vários meses, culminando com uma ação coletiva sem precedentes no dia 8 de janeiro de 2023.

---

[2] Ver mais em:
https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos#:~:text=Por%20maioria%20de%20votos%2C%20TSE%20declara%20Bolsonaro%20ineleg%C3%ADvel%20por%208%20anos,-Plen%C3%A1rio%20reconheceu%20o&text=Por%20maioria%20de%20votos%20(5,a%20partir%20das%20Elei%C3%A7%C3%B5es%202022.

[3] Ver em:
https://www.cnnbrasil.com.br/politica/atlasintel-para-38-ataques-no-df-se-justificam-em-algum-nivel/

Pergunta de pesquisa e objetivos

Esta dissertação é guiada pela seguinte pergunta de pesquisa: Como enquadramentos de mensagens enviados via aplicativos de mensageria privada podem ser instrumentalizados para objetivos anti-democráticos?

O objetivo geral da pesquisa é compreender os enquadramentos (frames) de ação coletiva empregados pelo bolsonarismo no Whatsapp e no Telegram para atacar a integridade eleitoral, e propor argumentos exploratórios sobre as razões por trás das escolhas de tais enquadramentos. Os objetivos específicos da dissertação são:

1) Analisar os enquadramentos utilizados nas mensagens de ataque à integridade eleitoral;

2) Compreender as razões estratégicas para a escolha de tais enquadramentos;

3) Entender o papel dos aplicativos de mensageria privada na disseminação desses enquadramentos.

Justificativa

O tema proposto por esta dissertação se insere em um contexto global de recuo democrático e queda da confiança na democracia. Segundo o relatório Democracy Report de 2024 do Instituto V-Dem, desde 2009 - quase 15 anos consecutivos - a parcela da população mundial que vive em países com regimes autocráticos supera a parcela que vive em países países democratizantes: 71% da população mundial - 5,7 bilhões de pessoas - vivem em autocracias, um aumento em relação aos 48% de dez anos atrás (NORD ET AL, 2024). Hoje são 91 democracias e 88 autocracias. O ponto que chama a atenção, especialmente na edição de 2024 do relatório (idem), segundo o próprio instituto, é que as eleições agora estão cada vez mais prejudicadas nos países de regimes autocráticos. O relatório elenca os 20 principais indicadores em queda que representam a piora da qualidade da democracia. Em 2022, apenas um dos indicadores do Índice de Eleições Limpas foi encontrado nesta lista. Em 2023, mais dois indicadores do índice apareceram nesse ranking. O indicador de eleições livres e justas, por exemplo, se deteriorou "substancial e significativamente" em 18 países, incluindo a Hungria, a Índia e as Filipinas (idem, p. 27).

O declínio democrático coincide com o avanço global da ultradireita, espectro político do qual os três governantes dos países listados no parágrafo anterior fazem parte. Esta dissertação contribui para debates contemporâneos relevantes sobre a relação da ultradireita com o contexto de declínio democrático global. Mais especificamente, a partir do caso brasileiro, auxilia na compreensão do uso de mídias digitais para insurreições anti-democráticas e episódios de violência simbólica perpetrados pela ultradireita. A análise aqui elaborada também colabora com o diálogo entre estudos da ultradireita e de movimentos sociais, e sobre os enquadramentos de ação coletiva usados para ataques à democracia.

Expandir os estudos sobre a ultradireita brasileira é importante para entender em que medida esse espectro se encaixa nas definições de ultradireita existentes - e focadas principalmente em experiências políticas do Norte global - e questioná-las, apontando para as heterogeneidades e especificidades nacionais. Também é importante porque contribui para o entendimento de quanto as práticas da ultradireita americana e europeia são adaptadas para o contexto brasileiro (e do Sul Global) e vice-versa.

Esta dissertação também colabora para expandir a conexão dos estudos de ultradireita e movimentos sociais a partir do caso brasileiro. No caso europeu, a agenda de pesquisa que conecta a ultradireita aos movimentos sociais tem foco acentuado no estudo dos grupos nativistas. No Brasil, o tema da imigração e dos refugiados não faz parte da agenda nacional (exceto no estado de Roraima[4], que lida com o ingresso de imigrantes venezuelanos em escala). Portanto, há outras perspectivas ainda pouco exploradas.

No âmbito do debate sobre a instrumentalização de mídias digitais para objetivos políticos, esta pesquisa se debruça especialmente sobre os aplicativos de mensageria privada, tão relevantes para o contexto brasileiro. Desde as eleições de 2018, o WhatsApp e o Telegram têm sido usados para disseminação de conteúdo político. Muitos estudos, que serão citados aqui, se dedicam a compreender os diversos aspectos dessa instrumentalização. Esta pesquisa pretende ser mais uma contribuição nesse campo.

[4] Ver mais em: https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil

O estudo do caso brasileiro também se justifica em função do quão emblemático e complexo ele foi, exigindo uma compreensão multifacetada e multidisciplinar. As invasões às sedes dos Três Poderes no dia 8 de janeiro de 2023 entraram para a história brasileira como uma tentativa fracassada de golpe de Estado. Uma operação da Polícia Federal (PF), deflagrada em 8 de fevereiro de 2024, elucidou o que já se desconfiava: a criação de narrativas contra o sistema eleitoral brasileiro era apenas um dos instrumentos de um plano bem elaborado de golpe de Estado, com muitos integrantes do governo Bolsonaro envolvidos e papéis bem definidos. Segundo o relatório de investigação da Polícia Federal (PF), Bolsonaro, ex-ministros e militares se dividiram em núcleos para articular a tomada de poder em caso de derrota[5]. Seriam seis grupos, cada um com sua responsabilidade: desinformação e ataques ao processo eleitoral; incitação a militares para que aderissem ao golpe; jurídico; operacional de apoio a ações golpistas (como manter acampamentos e levar as pessoas até Brasília[6]); inteligência paralela; e oficiais de alta patente que exerceriam influência para angariar apoio ao golpe.

Em um vídeo apreendido pela PF, de uma reunião de Bolsonaro com a alta cúpula de seu governo, o ex-presidente aparece intimando seus ministros a difundirem a narrativa de que haveria fraude no processo eleitoral[7], ao mesmo tempo em que admite que as pesquisas eleitorais estão certas e que seu oponente Lula provavelmente iria ganhar a eleição. O núcleo responsável pelos ataques ao processo eleitoral ficaria a cargo da produção, divulgação e amplificação de desinformação a respeito das eleições. No pós-eleição, o grupo ficou responsável por estimular a base de apoiadores a permanecerem em frente aos quartéis das Forças Armadas, para criar ambiente propício para um golpe.

A operação, que continuava em andamento no momento em que esta dissertação foi finalizada, mostrou que houve uma clara intenção de realizar um golpe de Estado, com planejamento prévio, organização e investimento de recursos. Para além das autoridades que

---

[5] Ver em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/08/pf-diz-que-bolsonaro-ex-ministros-e-militares-atuavam-em-seis-nucleos-em-tentativa-de-golpe-de-estado-entenda.ghtml#1

[6] A investigação da PF mostra que um major do Exército recebeu R$ 100 mil do ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, Mauro Cid, com o intuito de organizar e manter essas manifestações. Ver mais em: https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/mauro-cid-deu-r-100-mil-para-manifestantes-apoiarem-golpe-em-brasilia?utm_campaign=guilherme_amado_especial_82&utm_medium=email&utm_source=RD+Station

[7] Ver em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/08/em-video-de-posse-da-pf-bolsonaro-e-auxiliares-discutiram-golpe-as-pesquisas-estao-exatamente-certas.ghtml

foram presas ou tiveram que cumprir mandados de busca e apreensão e medidas cautelares, outras centenas de pessoas que participaram das invasões foram detidas, algumas foram condenadas à prisão e outras centenas aguardavam julgamento em julho de 2024. Como fica evidente, o 8 de janeiro não pode ser explicado apenas por instrumentalização de narrativas. E nem é o objetivo desta pesquisa. Mas, conforme demonstram as investigações reveladas até agora pela Polícia Federal, a mobilização dos apoiadores da ultradireita "da varanda às barricadas" era um elemento chave do plano golpista. O levante era necessário tanto para dar um verniz de vontade popular para o golpe, quanto para atingir o aparente objetivo dos golpistas, de que fosse assinado um decreto de Garantia da Lei e da Ordem, a chamada GLO. Segundo depoimentos de militares envolvidos na trama, este era um dos instrumentos jurídicos considerados para reverter o resultado do processo eleitoral[8].

Por fim, a análise dos enquadramentos de ação coletiva e de como foram disseminados nos permite compreender melhor os mecanismos utilizados pela ultradireita para objetivos anti-democráticos. Uma das preocupações centrais desta pesquisa é contribuir para o entendimento da construção de realidade e/ou significado de que haveria e houve fraude no processo eleitoral, independente do uso intencional de desinformação. Como aponta a literatura de framing e movimentos sociais, o enquadramento é a construção de significado (GAMSON ET AL., 1992; SNOW ET AL., 1986; BENFORD; SNOW, 1988). Benford e Snow (2000) chamam de enquadramentos de ação coletiva o que denota um fenômeno processual e ativo, que "implica agência e contestação no nível da realidade construída".

> "É ativo, no sentido de que algo está sendo feito, e processual, no sentido de um processo dinâmico e em evolução. Implica agência no sentido de que o que está evoluindo é o trabalho de organizações de movimentos sociais ou ativistas de movimentos. E é contencioso no sentido de que envolve a geração de estruturas interpretativas que não apenas diferem das existentes, mas que também podem desafiá-las. Os produtos resultantes dessa atividade de enquadramento são chamados de “quadros de ação coletiva”" (p. 614).

[8] Ver mais em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-03/ex-comandante-do-exercito-confirma-reuniao-com-bolsonaro-sobre-golpe

A realidade e/ou significado estudados aqui são os que contribuíram para o senso de agência dos manifestantes que compartilharam em suas redes conteúdos sobre a suposta conspiração nas urnas, acamparam em frente aos quartéis militares, e, em um nível de engajamento mais extremo, participaram fisicamente de uma tentativa frustrada de golpe de Estado.

A análise de enquadramentos de ação coletiva para objetivos anti-democráticos auxilia a compreensão dos eventos não apenas no Brasil, como em outros países em que o mesmo repertório foi utilizado. A Alemanha presenciou uma invasão violenta similar em seu parlamento, em agosto de 2020[9], em um protesto relacionado às políticas de saúde pública durante a pandemia de Covid-19. Embora não associado diretamente a um contexto eleitoral, este evento teve similaridades com a invasão do Capitólio americano em 6 de janeiro de 2021 e com o ataque aos Três Poderes em Brasília em 2023. Segundo Molas (2023), os "gatilhos" (palavra utilizada pela autora) comuns foram a disseminação volumosa de teorias conspiratórias através de mídias digitais e conteúdo extremista e anti-democrático legitimado por lideranças políticas. A invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, dois anos antes, guarda ainda mais semelhanças com o episódio brasileiro. Ao entrevistar uma amostra dos centenas de detidos durante o ato e analisar seus comentários em redes sociais, Wang (2022) concluiu que a razão majoritária que incentivou o ato de violência foi a crença de que a eleição americana havia sido roubada; e também destacou que 96% de seus entrevistados receberam desinformação sobre a integridade eleitoral através de mídias digitais.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa exploratória, centrando-se na análise de um único caso: o uso de aplicativos de mensageria privada para ataques à integridade eleitoral nas eleições brasileiras de 2022. O estudo de caso permite propor argumentos ou explicações de médio alcance (GEORGE; BENNETT, 2005), situando o caso brasileiro no contexto global de recuo democrático, mas também se aprofundando nas nuances específicas nacionais e compreendendo como o caso brasileiro corrobora, complementa ou contradiz a tendência global. A natureza exploratória é motivada pela necessidade de

[9] Ver mais em: https://www.dw.com/pt-br/pol%C3%ADcia-de-berlim-dispersa-marcha-de-negacionistas-da-covid-19/a-54753482

entender fenômenos emergentes (nesse caso, o uso de aplicativos de mensageria privada para ataques à integridade eleitoral) e pelo propósito de desenvolvimento de uma proposta de estrutura analítica.

O desenho de pesquisa é longitudinal, ou seja, buscou compreender o fenômeno estudado ao longo do tempo, em um período de cinco meses. Essa opção metodológica permitiu alcançar o objetivo de compreender as razões estratégicas para a escolha dos enquadramentos em períodos distintos.

Diversos estudos investigaram a centralidade que o WhatsApp tem em campanhas coordenadas de distribuição de mensagens políticas, especialmente de desinformação (e.g. BAPTISTA ET AL., 2019; NASCIMENTO, 2020; PIAIA; ALVES, 2020). A apropriação política do WhatsApp faz sentido se observarmos sua capilaridade no Brasil. O aplicativo tem 120 milhões de usuários no Brasil, segundo dados da pesquisa DataSenado de 2019 (SENADO FEDERAL, 2019). O levantamento Digital News Report de 2023, do Reuters Institute, aponta que o WhatsApp tornou-se a principal fonte de notícias para 43% dos brasileiros. O aplicativo faz parte do pacote oferecido pelas empresas de telecomunicação dentro do formato zero-rating no Brasil. Ou seja, o aplicativo pode ser usado por usuários de telefonia móvel com navegação ilimitada e sem custo adicional.

Também é possível perceber a importância dos aplicativos de mensageria na realidade brasileira quando se analisa o uso de internet através da telefonia móvel. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2022[10], dos 149 milhões de usuários de internet no Brasil, mais de 92 milhões, cerca de 62%, acessam a internet apenas pelo celular.

O Telegram, também pesquisado nesta dissertação, tem uma relevante penetração no Brasil, de 66%, de acordo com a pesquisa Panorama Mobile Time de 2023[11]. Um crescimento robusto frente aos 13% que apresentava em 2019, de acordo com o histórico da mesma pesquisa. A pesquisa dos enquadramentos no Telegram se justifica por duas razões: o aplicativo tem sido cada vez mais usado pela ultradireita no Brasil nos últimos anos,

[10] Disponível em https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/
[11] Ver mais em: https://macmagazine.com.br/post/2023/09/05/brasil-telegram-tem-5x-mais-usuarios-que-em-2019-mas-pouco-engajamento/#:~:text=Telegram%20%C3%A9%20usado%20por%2065,brasileiros%3B%20WhatsApp%2C%20por%2099%25

especialmente como um destino alternativo migratório de outras plataformas (JÚNIOR ET AL., 2021); e o Telegram também foi utilizado pela ultradireita nos Estados Unidos para o ataque à integridade eleitoral (ROTHBART; STEBBINS, 2023; ZHONG ET AL., 2024; HOSEINI ET AL., 2023).

Para compreendermos como a ultradireita enquadrou os ataques à integridade eleitoral e os disseminou, escolhemos analisar mensagens em grupos públicos de apoio a Bolsonaro no WhatsApp e no Telegram. Para este estudo de caso, foram analisadas 613 mensagens de texto que circularam em 331 grupos de WhatsApp e 180 grupos de Telegram de apoiadores de Bolsonaro, durante o período de 16 de agosto de 2022 (início oficial da campanha eleitoral) até o dia 31 de dezembro de 2022 (uma semana antes da invasão e um dia antes da posse de Lula). Foram selecionadas apenas mensagens que fizessem alguma referência ao processo eleitoral e tivessem sido encaminhadas[12] mais de 10 vezes dentro da amostra de grupos. As mensagens menos encaminhadas são bastante similares às mais encaminhadas, com pequenas mudanças de texto, mas não de significado. Portanto, o corte em dez encaminhamentos é suficiente para fazer a análise exploratória proposta.

A base de dados utilizada pertence ao Projeto Farol Digital, da Universidade Federal do Ceará. Todos os grupos monitorados pelo Projeto Farol Digital são públicos, uma vez que os convites para participar desses fóruns circulam livremente pela rede na forma de links, e todos os grupos mencionam explicitamente apoio a Jair Bolsonaro. O Projeto Farol Digital faz o mapeamento de grupos utilizando a técnica de bola-de-neve: os pesquisadores se associam preliminarmente a um ou mais grupos e recebem convites para participar de espaços similares. O monitoramento e raspagem de dados destes grupos se dá de maneira encoberta, ou seja, sem o consentimento prévio dos usuários.

Pesquisas com aplicativos de mensageria privada enfrentam desafios logísticos e éticos. O WhatsApp e o Telegram não apresentam uma interface para acesso acadêmico aos dados, como por exemplo até recentemente era possível fazer via API do X. Nesse contexto, a opção é coletar dados por meio da participação passiva nos grupos. No entanto, um dos desafios dessa estratégia refere-se ao consentimento dos observados. No caso de coleta e observação de grupos de bolsonaristas, grupo com alta ressonância de discursos anti-ciência,

[12] O desenvolvimento do código de filtragem dos dados, para identificar o número de vezes que determinada mensagem foi encaminhada dentro da amostra, foi elaborado por Lucas Freitas de Oliveira, pesquisador no Grupo de Pesquisa em Computação Aplicada, do Instituto Federal de Brasília.

o anúncio da presença de pesquisadores e a consulta de consentimento poderia ter inviabilizado a pesquisa. Portanto, optamos pela pesquisa de forma encoberta. Esse formato não é novidade em pesquisas do gênero: recentemente, uma pesquisa com semelhanças metodológicas neste quesito, a de Ferreira (2023), também realizada de maneira encoberta e com anonimização de dados, foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília (CEUnB). Além disso, a coleta dos dados se justifica porque os grupos tinham convites abertos, muitos participantes e debatiam assuntos públicos.

A opção pela pesquisa encoberta implica na necessidade de adotar medidas de resguardo do direito à privacidade individual e ao respeito ao uso de dados, em especial a anonimização dos usuários. A coleta realizada para esta pesquisa não teve acesso a nenhuma informação que identificasse os usuários, como número de telefone ou nome dos grupos, focando apenas no conteúdo das mensagens, número de encaminhamentos, número de grupos e datas.

A coleta foi dividida em dois momentos: o primeiro equivalente ao período oficial de campanha eleitoral, de 16 de agosto até o dia 31 de outubro de 2022; e o segundo do dia 1 de novembro até o dia 31 de dezembro de 2022. A análise desse período permite mostrar a evolução dos enquadramentos de ataque à integridade eleitoral durante e após a campanha. O estudo da semana imediatamente anterior ao 8 de janeiro de 2023 não foi possível em função de uma limitação técnica da base de dados do Projeto Farol. No entanto, a falta das mensagens dessa semana, embora seja a que antecede a invasão dos Três Poderes, não afeta o resultado global da pesquisa, uma vez que é possível ter uma compreensão de como a integridade eleitoral foi questionada e como os enquadramentos foram utilizados por meses antes da invasão para preparar o terreno para aquele momento. A formação das percepções e a transformação da realidade percebida pelos atores envolvidos já tinha acontecido. Esta análise classificou apenas mensagens de texto, uma vez que a base de dados do Projeto Farol Digital não coleta imagens ou vídeos. E, embora o compartilhamento de links seja intenso em ambas as plataformas, a análise de uma amostra de mensagens de texto já é suficiente para entender os enquadramentos utilizados, sem a necessidade de investigar em profundidade conteúdos de links externos, o que iria requerer uma metodologia distinta.

As mensagens coletadas foram classificadas de maneira dedutiva, a partir da tipologia de tarefas de enquadramentos de ação coletiva proposta por Benford e Snow (2000). Os

enquadramentos classificados como diagnósticos foram os das mensagens que apontavam para uma injustiça (a suposta fraude em curso nas eleições, seja ela via manipulação das urnas eletrônicas, ou de pesquisas eleitorais, ou de regras eleitorais, etc) e/ou os culpados (o TSE, o presidente do TSE, emissoras de TV, ministros do STF, etc). Os enquadramentos classificados como prognósticos foram os das mensagens que apontavam uma solução para resolver a injustiça identificada (exemplo: contagem paralela de votos, protestos em frente aos quartéis, apelos às Forças Armadas, etc). E os motivacionais foram os das mensagens que continham uma chamada para ação, listando razões para o engajamento, estabelecendo conexões com identidade, referência cultural, situação econômica-social ou com as emoções dos indivíduos. Em diversos casos, mais de um tipo de enquadramento era usado na mesma mensagem.

Cada tipo de enquadramento também foi classificado de acordo com subcategorias mais específicas, elaboradas pela autora, de maneira indutiva, a partir das especificidades do caso brasileiro, mas tendo como base a proposta de Benford e Snow. Por exemplo: quais eram os culpados apontados, que tipos de injustiça e quais razões para o engajamento. Para este trabalho, me apoiei na metodologia de estudos similares sobre enquadramentos de ação coletiva a partir da análise de mensagens enviadas por aplicativos ou plataformas digitais (e.g. DIAS, 2017; VON BÜLOW; DIAS; GOBBI, 2021).

Estrutura da dissertação

Para além desta introdução, a dissertação está dividida em três capítulos, sendo os dois primeiros mais teóricos e o terceiro mais empírico, baseado na análise dos dados coletados. No capítulo 1, abordamos o avanço global da ultradireita em um contexto de recuo democrático, debatemos sobre as possibilidades de se classificar a ultradireita como um movimento social, e, na sequência, a possibilidade de usar a teoria dos enquadramentos de ação coletiva para analisar a campanha orquestrada de ataque à integridade eleitoral no Brasil. Também discorremos sobre os desafios que o avanço da ultradireita implica para a democracia no mundo, inclusive da perspectiva da instrumentalização de aplicativos de mensageria privada para objetivos anti-democráticos.

No capítulo 2, delimitamos a ultradireita brasileira e o fenômeno do bolsonarismo, fazendo a caracterização desse fenômeno como um movimento social. Também analisamos o ataque

aos processos eleitorais como estratégia da ultradireita e apresentamos um manual de campanha da ultradireita, elencando estratégias mapeadas por uma série de pesquisadores que foram observadas no Brasil durante a campanha de ataque à integridade eleitoral em 2022 por esta autora e outros.

No capítulo 3, nos debruçamos sobre os dados empíricos capturados por meio de coleta automatizada. Examinamos os enquadramentos de ação coletiva utilizados nas mensagens enviadas em grupos de WhatsApp e Telegram no período eleitoral (16 de agosto a 31 de outubro de 2022) e pós-eleitoral (1 de novembro a 31 de dezembro de 2022) que faziam um claro ataque à integridade eleitoral brasileira. A conclusão, por fim, retoma os principais achados da dissertação, discorre sobre as contribuições desta pesquisa e sua complementaridade com outros estudos do gênero e lista suas limitações.

Capítulo 1. A ultradireita e os desafios da democracia

Este capítulo apresenta e debate as definições dos principais conceitos que serão utilizados ao longo da dissertação. Na primeira seção, apresenta o conceito de ultradireita e discorre sobre o avanço desses atores no mundo na última década. Também situa as razões elencadas na literatura para explicar o recuo democrático. Em seguida, propõe analisar a ultradireita como movimento social e explica a teoria de enquadramentos de ação coletiva. Na penúltima seção, discorre sobre os desafios que o avanço da ultradireita impõem à democracia, não apenas no Brasil, mas no contexto global. Por fim, analisa como aplicativos de mensageria privada são instrumentalizados para objetivos anti-democráticos dentro de uma estratégia multi-plataforma de campanhas desinformativas.

O avanço da ultradireita

Na última década, novos atores políticos da ultradireita tomaram o palco de assalto. Antes mais proeminentes no Leste Europeu, desde 2010, líderes como Viktor Orbán na Turquia, Jarosław Kaczyński na Polônia, Recep Tayyip Erdoğan na Turquia, Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil, foram legitimamente eleitos e usaram seus mandatos para atacar a democracia por dentro (MOUNK, 2019; MASON, 2021; SANDEL, 2023; LEVISTKY; ZIBLATT, 2018). Com base no sucesso eleitoral e discursivo desses líderes, novos atores emulam seus passos e tentam abocanhar fatias maiores de poder em outros países, como Marine Le Pen e Jordan Bardella, do partido francês Rassemblement National; membros do partido Alternative für Deutschland (AfD) na Alemanha; do partido português Chega, que ficou em terceiro nas eleições portuguesas de março de 2024, mas conquistou quatro vezes mais cadeiras de deputados que no pleito de 2021[13]; entre outros.

O movimento é, segundo Mudde (2019), a quarta onda da ultradireita. O autor identifica quatro conjuntos de questões políticas que seriam centrais para todos os grupos ultradireitistas ao redor do mundo. Estes incluem o nativismo, que inclui a preocupação com a imigração em massa, percebida como uma ameaça existencial à nação; o autoritarismo, ou a ênfase na segurança, com a crença de que abordagens autoritárias e violentas são mais

[13] Ver mais em: https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2024/03/11/terceira-forca-politica-chega-impora-instabilidade-e-complicada-governabilidade-em-portugal.ghtml

apropriadas para lidar com problemas como o uso de drogas, o crime, o desemprego e até mesmo a imigração; a crítica à corrupção, associada à elite que apoia ideologias de esquerda e corrompe a moral da população, enquanto obtém lucros dentro desse sistema; e, por último, uma outra forma de nacionalismo, manifesto na preocupação com a política externa, uma vez que a ultradireita alega que organizações internacionais buscam a destruição das nações em favor da construção de um governo mundial progressista de esquerda. O autor também divide a ultradireita em dois grandes grupos: extrema direita, ou seja, o fascismo, que rejeita a essência da democracia; e a direita radical, que aceita a essência da democracia, mas se opõe a elementos fundamentais de uma democracia liberal, como direitos das minorias, o Estado de Direito e a separação de poderes. A ultradireita brasileira, conforme será explicado mais adiante, se encaixa parcialmente nessas definições, com algumas adaptações.

A literatura explora uma gama de fatores que explicam o fortalecimento da ultradireita ao redor do mundo. Os sinais de falência do neoliberalismo são um fator acelerador do desencanto dos eleitores (MUDDE, 2019; MASON, 2021). Se ao longo do período de estabilidade democrática, os cidadãos melhoraram o padrão de vida e tinham esperança de um futuro ainda melhor, com as sucessivas crises econômicas - muitos autores citam a crise de 2008 como um fator desencadeador para o Norte global -, há uma sensação difusa de estagnação e desesperança com relação ao futuro (MOUNK, 2019). O progresso econômico diminuiu, a desigualdade aumentou. A desigualdade é fonte de frustração não apenas em relação à estagnação de salários e perda de empregos, mas também à falta de acesso à formulação de políticas públicas. O cidadão médio sente que não tem participação significativa na forma como é governado. "Esse sentimento de impotência, que se aprofundou nas últimas décadas, está no centro do descontentamento com a democracia" (SANDEL, 2023, p. 388). No Brasil, podemos encaixar nessas explicações a retração econômica significativa sentida a partir de 2015, combinada a uma crise de legitimidade política ligada ao ciclo de protestos iniciado em 2013 e aos desdobramentos da Operação Lava Jato.

A mudança radical na forma de consumo de informação também é um fator citado por muitos autores para explicar o fortalecimento da ultradireita. Se antes os meios de comunicação de massa limitavam a distribuição de ideias extremistas, agora as mídias digitais enfraquecem os meios tradicionais de informação e empoderam movimentos

políticos marginais (MOUNK, 2019; DA EMPOLI, 2020; NADLER, 2019; SCHUMANN ET AL., 2019; MASON, 2021), abrindo espaço para a manipulação do ecossistema informativo. A ultradireita em especial desenvolveu técnicas de "hackeamento de atenção" para aumentar a visibilidade de suas ideias (MARWICK; LEWIS, 2017). As táticas utilizadas para essa manipulação serão detalhadas mais adiante.

Mudde cita ainda que a "crise dos refugiados" de 2015 também foi um momento catalisador para catapultar os partidos de ultradireita para o *mainstream* político, especialmente na Europa. O autor coloca o termo entre aspas porque considera que a definição de crise neste caso é um julgamento pessoal. Mounk (2019) sustenta que as crises migratórias dão combustível às narrativas nativistas dessa safra recente de líderes da ultradireita porque quase todas as democracias estáveis foram fundadas como nações monoétnicas ou com o predomínio de um grupo étnico. No Brasil, o nativismo se manifesta de maneira diferente, conforme argumentamos na próxima seção.

A ultradireita como movimento social

Os estudos sobre movimentos sociais passaram por um intenso debate no início dos anos 2000, rompendo marcos teóricos adotados desde a década de 60, ampliando as fronteiras do que se entendia por movimento social e incorporando novos atores, inclusive os posicionados na arena estatal (ABERS; VON BÜLOW, 2011). Na América Latina, uma ampla literatura tem argumentado que os movimentos sociais latino-americanos ao longo do século XX tiveram relações não apenas de confronto com o Estado e com partidos políticos, mas também colaborativas (e.g. von Bülow e Donoso, 2017, p. 5). No Brasil, a chegada do Partidos dos Trabalhadores à Presidência da República em 2003 deu ainda maior visibilidade a atores que ao mesmo tempo eram ativistas de movimentos sociais e membros do governo[14].

Pese a essa literatura ter se focado principalmente nas redes de atores progressistas, é possível argumentar que o fenômeno das intersecções entre atores de movimentos sociais e atores estatais e partidários não é restrita a determinadas ideologias. No governo de Jair Bolsonaro, um exemplo é o seu então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que foi

[14] Foge aos objetivos desta dissertação uma análise dessa literatura. Ver, no entanto: ABERS; VON BÜLOW, 2011; VON BÜLOW; DONOSO, 2017)

fundador e líder do primeiro movimento relacionado à nova direita, ainda em 2006, chamado Movimento Endireita Brasil (ROCHA, 2021). Abundam outros exemplos de atores que emergiram durante um momento emblemático de ativismo de direita organizado - as manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff - e que atuaram por dentro do Estado e dos partidos políticos, especificamente fazendo ataques ao sistema eleitoral durante o mandato de Jair Bolsonaro, como a deputada Carla Zambelli, que foi integrante do coletivo NasRuas[15].

Partindo da necessidade de uma definição de movimento social que não deixe certos tipos de relações sociais da ultradireita invisíveis, faz sentido aqui usar a defnição de Diani (1992) de movimentos sociais: "redes de interações informais entre uma pluralidade de indivíduos, grupos e/ou organizações, envolvidos em conflitos políticos ou culturais, com base em identidades coletivas compartilhadas" (1992, p. 1, tradução da autora). Esses movimentos podem ser progressistas ou conservadores.

Essa visão mais ampla é coerente para se estudar a ultradireita como movimento social, uma vez que esse espectro político pode ser representado não apenas por partidos políticos voltados para eleições e cargos públicos, como também por "redes de redes" que visam mobilizar o apoio público, e um conglomerado de grupos subculturais e grupúsculos (GATTINARA; PIRRO, 2018). E também procede incorporar os atores posicionados na arena estatal. von Bülow e Abers (2022) argumentam que, embora sempre tenha havido uma presunção de que os movimentos sociais se envolvem principalmente em “políticas não institucionalizadas”, eles geralmente combinam formas públicas de ação coletiva (como protestos de rua) com negociações nos bastidores com autoridades eleitas e líderes partidários.

A política contenciosa de atores nativistas ao redor do mundo nos últimos anos justifica a relevância de se compreender a ação coletiva da ultradireita populista para além do líder. Em 2019, o parlamento indiano, controlado pelo BJP, partido nacionalista hindu de ultradireita liderado por Narendra Modi, aprovou uma lei garantindo cidadania para todos os imigrantes não-documentados, exceto os muçulmanos, chamada Citizenship Amendment Act[16]. Protestos surgiram em várias partes do país contra a lei, o que despertou uma reação

[15] Esta literatura ainda é emergente, mas alguns trabalhos acadêmicos têm se debruçado na relação entre movimentos sociais de direita e partidos políticos. Ver, por exemplo, ABELIN, 2020)
[16] Ver mais em:
https://www.aljazeera.com/news/2024/3/12/why-is-indias-citizenship-amendment-act-so-controversial

violenta dos apoiadores do governo. Líderes do BJP deram declarações inflamatórias insinuando que, se a polícia não se livrasse dos manifestantes, eles seriam removidos à força por seus apoiadores. O que se viu após esse chamado foi uma mobilização do movimento nacionalista hindu RSS, com a viralização de convites pelo WhatsApp, e um massacre que resultou em dezenas de muçulmanos mortos (MASON, 2021). Durante o massacre, apoiadores do governo carregavam cartazes com os dizeres "Modi, corte os muçulmanos em pedaços"[17] e postavam fotos em suas plataformas de redes sociais para demonstrar sua participação no conflito.

Os grupos urbanos anti-imigração na Europa são outro exemplo da atuação da ultradireita para além do(a) líder e das estruturas partidárias. A crise dos refugiados em 2015 provocou uma onda xenofóbica na Europa. Organizações não-partidárias como a English Defence League ou a Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes (PEGIDA) ganharam destaque por seus protestos. Também podemos chamar a atenção para muitos episódios de violência simbólica perpetrados por movimentos ou indivíduos com o endosso público de lideranças partidárias. É o caso dos ataques massivos a imigrantes e organizações não-governamentais de auxílio a refugiados em março de 2020 na Grécia[18] e que ameaça se repetir na mesma escala em 2024.

No Brasil, podemos citar ao menos um episódio em que as dinâmicas relacionais entre ativistas e atores estatais se aplicam. Em 2020, durante a escalada de ataques de Jair Bolsonaro ao STF, a ativista de ultradireita Sara Winter liderou um acampamento de um movimento intitulado 300 do Brasil[19] na Esplanada dos Ministérios, em que dezenas de militantes armados e mascarados soltaram fogos de artifício em direção ao STF e fizeram ameaças aos ministros, em especial a Alexandre de Moraes. Posteriormente, Winter afirmou, sem provas, ter sido orientada pelo General Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) de Bolsonaro, a fazer tais ataques[20].

[17] Ver mais em: https://thewire.in/communalism/delhi-riots-kapil-mishra-minority-commission-report
[18] Ver mais em: https://www.euronews.com/2023/08/30/migrant-hunters-in-greece-show-off-captured-trophies-after-wildfire-season
[19] Ver mais em: https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhancas-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/
[20] Ver mais em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/11/22/sara-winter-heleno-stf.htm

No caso do ataque à integridade eleitoral nas eleições brasileiras de 2022, o próprio presidente da República e uma parte significativa de ministros, secretários, parlamentares apoiadores e demais atores institucionais fizeram ativismo (aqui entendido como “ideias que contestam ou defendem instituições que organizam relações de poder” (ABERS, 2021)) de dentro do Estado, provocando correspondências de movimentos, grupos e indíviduos que culminaram em um protesto de rua violento no 8 de janeiro.

Gattinara e Pirro (2018), ao expandir os estudos da ultradireita para além dos partidos, em uma tentativa de fazer uma conexão entre os estudos de movimentos sociais e os de ultradireita, chamaram a atenção para a atuação não institucional desse espectro político marcada por uma grande variedade de formas organizacionais de se fazer ativismo. Os autores defendem que o ambiente subcultural é bastante relevante para a ultradireita e seus inúmeros grupúsculos anti-sistema, e movimentos embrionários com objetivos meta-políticos e ideológicos. Essa proposta tem grande correspondência com o caso brasileiro aqui estudado, que contempla uma variedade de atores, grupos e formas organizativas, dentro e fora do Estado, fazendo ativismo contra o sistema eleitoral brasileiro. As especificidades do ambiente cultural brasileiro serão detalhadas mais adiante.

Aqui cabe destacar a relevância do ativismo digital para realizar os objetivos meta-políticos dessas subculturas. Marwick e Lewis (2017) argumentam que esses grupos subculturais aproveitam "a oportunidade que a internet apresenta para a colaboração, comunicação e produção de pares, esses grupos se beneficiam das vulnerabilidades no ecossistema das mídias para aumentar a visibilidade e audiência de suas próprias mensagens" (p. 4). Ou seja, há manipulação da mídia. Entre os subgrupos estudados pelas autoras estão teóricos da conspiração, ciberlibertários, nacionalistas brancos, defensores dos Direitos dos Homens, trolls, antifeministas, ativistas anti-imigração, e jovens entediados. Embora esses grupos possam divergir profundamente em suas crenças, eles compartilham táticas e convergem em relação a muitas questões comuns e, portanto, são classificados pelas autoras como '*far right*', que neste estudo será traduzido para ultradireita, seguindo a definição proposta por Mudde. A ultradireita, segundo as autoras, desenvolveu técnicas - muitas vezes longe de serem éticas ou legais - de "hackeamento de atenção" para aumentar a visibilidade de suas ideias por meio do uso estratégico de mídias sociais - além de manipular jornalistas e influenciadores para que ajudem a espalhar o conteúdo.

No Brasil, essas ideias foram fartamente copiadas por seguidores de Olavo de Carvalho a partir de 2014 (PRADO, 2021), com algumas adaptações, como no caso da pauta anti-imigração. E as técnicas de manipulação se estendem ao uso dos aplicativos de mensageria privada. Ainda em 2018, veio à tona a estratégia ilegal usada por empresários bolsonaristas na campanha presidencial, de disparos em massa pelo WhatsApp contra o Partido dos Trabalhadores[21], partido do principal adversário de Jair Bolsonaro nas urnas.

Para este trabalho, será considerada a seguinte definição de ativismo digital, proposta por von Bülow, Gobbi e Dias (2021, p. 313): "Ativismo digital é o conjunto de práticas de indivíduos e/ou coletivos que têm como objetivo promover publicamente causas contenciosas por meio de processos de apropriação e/ou transformação de tecnologias digitais". Ao longo da última década, a ultradireita vem se especializando na mobilização via ativismo digital. Nesta pesquisa, os mecanismos de enquadramento descrevem o trabalho de significação desenvolvido por meio da construção de argumentos para a mobilização e ajudam a explicar o sucesso dos movimentos de ultradireita em promover suas causas contenciosas.

Vale ressaltar que a definição de ativismo digital proposta aqui abarca uma diversidade de ações e de atores. Os indivíduos que executam essas ações podem ou não estar envolvidos em movimentos sociais. Conforme explicam os autores proponentes do conceito aqui utilizado, "a definição de ativismo digital proposta se diferencia da definição de movimentos sociais e sua ênfase na ação coletiva baseada em objetivos consensuados, na sustentabilidade das ações e na construção de identidade coletiva" (p. 315). No caso da ultradireita, há movimentos sociais compartilhando oportunidades e táticas de ativismo digital com indivíduos que podem ser considerados de ultradireita, segundo a definição de Marwick e Lewis (2017), mas que não necessariamente estão organizados como tal. As ações incluídas nesta definição têm como objetivo promover publicamente causas contenciosas.

[21] Ver mais em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml

Enquadramentos

Há pelo menos três décadas, pesquisadores investigam como os movimentos sociais se envolvem na disputa de significados. Grande parte da análise da criação de significado foi estruturada na literatura sobre movimentos sociais por meio do conceito de enquadramento. Entre as literaturas centrais para a compreensão da natureza e da progressão dos movimentos sociais estão os processos de enquadramento, juntamente com a abordagem de mobilização de recursos e a literatura sobre processos de oportunidade política (BENFORD; SNOW, 2000). Partindo do princípio que a ultradireita pode também ser entendida como movimento social, segundo a definição de Diani, complementada pelos estudos de Gattinara e Pirro, faz sentido pesquisar os enquadramentos de ação coletiva, uma vez que os movimentos sociais são agentes do trabalho de significação, que Benford e Snow definem como "a luta pela produção de ideias e significados mobilizadores e contra-mobilizadores" (p. 4).

> Sob essa perspectiva, os movimentos sociais não são vistos apenas como portadores de ideias e significados existentes que se desenvolvem automaticamente a partir de arranjos estruturais, eventos imprevistos ou ideologias existentes. Em vez disso, os atores do movimento são vistos como agentes de significação ativamente envolvidos na produção e manutenção do significado para os constituintes, antagonistas e espectadores ou observadores (Snow e Benford 1988). Eles estão profundamente envolvidos, juntamente com a mídia, os governos locais e o Estado, no que tem sido chamado de "a política da significação" (Benford e Snow, 2000, p. 4).

Enquadrar, segundo Entman (1993), significa "selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e uma recomendação de tratamento para o item descrito" (p. 52, tradução da autora). Numa definição que complementa a de Entman (1993), Mendonça e Simões (2022) definem enquadramentos como "pacotes interpretativos que articulam significados, lançando luz sobre alguns elementos específicos da realidade, enquanto obscurecem outros" (p.345). A análise de enquadramento revela como os indivíduos se posicionam em relação a enquadramentos existentes e identifica as consequências do processo de enquadramento em contextos específicos (MENDONÇA; SIMÕES, 2022). O processo de construção de

enquadramentos é, portanto, interacional, intersubjetivo e ideológico, uma vez que os enquadramentos explicitam dinâmicas de poder (BLUE, 2016).

Snow e Benford (1988) introduziram o conceito de enquadramento de ação coletiva, que se tornou um paradigma fundamental na pesquisa de movimentos sociais. Essas estruturas são práticas intencionais que orientam e restringem a evolução dos movimentos, traduzindo reivindicações ideológicas em pacotes que mobilizam os indivíduos a participar e se identificar com um movimento, por meio da inclusão ou exclusão de eventos ou personagens de uma narrativa proposta, vinculação de eventos e atores de maneiras específicas e mudança da forma como as situações, os atores e os objetos são compreendidos (DIAS; VON BÜLOW; GOBBI, 2021). Mais especificamente, os enquadramentos de ação coletiva são compreendidos como "conjuntos relativamente coerentes de crenças e significados orientados para a ação que legitimam e inspiram campanhas e atividades de movimentos sociais" (SNOW; VLIEGENTHART; KETELAARS, 2019). É por meio desses esquemas interpretativos que os ativistas organizam suas experiências (DIAS, 2017).

Os enquadramentos de ação coletiva podem ser diagnósticos, prognósticos ou motivacionais (BENFORD; SNOW, 1988). Enquadramentos de ação coletiva identificam problemas (e/ou condições de injustiça) e culpados, elencam soluções ou justificam e incentivam ações. Ao perseguir essas tarefas de enquadramento, os movimentos tentam criar consenso e, em sequência, ação.

Os enquadramentos diagnósticos envolvem a identificação do problema e a atribuição de culpa ou causalidade. Segundo Benford e Snow (2000), muitos estudos se referem ao o enquadramento diagnóstico pode ser lido como o enquadramento da injustiça ou da identificação das vítimas dessas injustiças. Já o enquadramento prognóstico envolve a articulação de uma solução para o problema, um plano de ataque, e as estratégias para a execução do plano. E o enquadramento motivacional se refere à chamada para ação, através da construção de um vocabulário de razões para o engajamento, estabelecendo conexões com "identidade, referência cultural, situação econômica-social ou com as emoções dos indivíduos, de modo a inspirar a participação política" (DIAS, 2017, p. 19).

Estudar enquadramentos empregados pela ultradireita brasileira contribui para esse campo uma vez que há um grande interesse da literatura em compreender o sucesso na construção

de significados e mobilização entre grupos e indivíduos tão heterogêneos, e como esse processo evolui ao longo do tempo, entre diferentes atores e contextos. Snow et al. (1986) davam ênfase ao qual alinhados e congruentes eram os enquadramentos para que fossem bem-sucedidos, conceituando o que chamaram de “alinhamento de enquadramentos”: uma “ligação entre as orientações interpretativas individuais e as das organizações de movimentos sociais, de modo que algum conjunto de interesses, valores e crenças individuais e as atividades, metas e ideologia das organizações de movimentos sociais sejam congruentes e complementares” (1986, 464).

> "No entanto, devido à sua ênfase no alinhamento e na congruência, a abordagem de enquadramento foi criticada pela tendência de retratar os enquadramentos como um “mapa de significados discreto e claramente delimitado” (STEINBERG, 1999, P. 741) e “como sistemas de significados relativamente estáveis, semelhantes a textos ou mapas modulares, que podem perdurar por longos períodos de tempo” (STEINBERG, 1999, P. 739)" (DIAS; VON BÜLOW; GOBBI, 2021, p. 4)

A análise dos enquadramentos da narrativa de fraude nas eleições brasileiras mostra que eles não se mantiveram estáveis ao longo do tempo. Se em 2018 havia uma ênfase no diagnóstico de que a injustiça eram as urnas eletrônicas, nos meados do governo a ênfase foi dada à solução com o voto impresso. Durante a campanha de 2022, como veremos adiante, em um primeiro momento, havia uma miríade de diagnósticos. Após as eleições, uma miríade de prognósticos. Essa diversidade e a falta de coerência não impediram o sucesso da mobilização.

> "Ou seja, o processo de construção de significado pode ser mais disputado, fragmentado ou problemático do que sugere a estrutura conceitual apresentada pela literatura de enquadramento (...) A dissensão e a ambiguidade não são necessariamente adversárias da ação coletiva. Pelo contrário: as contradições fazem parte da criação de coalizões políticas amplas que não querem necessariamente adotar quadros precisos, coerentes ou bem definidos em tarefas de diagnóstico, prognóstico e motivação" (DIAS; VON BÜLOW; GOBBI, 2021, p. 4).

Em que pesem as contradições, a heterogeneidade e as ambiguidades, Benford e Snow (2000) também avaliaram que o sucesso na criação de consenso e ação varia de acordo com a ressonância dos enquadramentos. Ou seja, o quanto o enquadramento resulta em consistência, credibilidade empírica e credibilidade dos atores (BENFORD; SNOW, 2000). "A ressonância dos enquadramentos se sustenta sobre evidências originadas no contexto político, como decisões institucionalizadas ou declarações políticas de membros do governo" (DIAS, 2017, p. 19). Argumento que, no caso brasileiro do ataque à integridade eleitoral, as condições de ressonância foram artificialmente criadas pelo próprio governo, por meio de uma estratégia multinível de legitimação dos enquadramentos golpistas. Essa estratégia envolve a criação da estrutura desvendada pela Polícia Federal, com núcleos variados de atuação, sendo um deles responsável por criar e disseminar desinformação sobre o processo eleitoral; declarações oficiais do próprio líder[22], no papel de presidente da República, de membros do seu governo e de sua coalizão; a atuação de seu partido, que acionou a justiça alegando irregularidades nas urnas eletrônicas[23]; e a aplicação de um manual de campanha de ultradireita, que incluem diversas estratégias e métodos já mapeados por pesquisadores no Brasil e em outros países, que será explicado mais adiante.

Os desafios para a democracia

O crescimento da ultradireita na política, mídia e sociedade em vários países tem trazido desafios para a democracia[24]. Diversos autores defendem que, uma vez no poder, líderes autoritários populistas, entre os quais os de ultradireita, têm contribuído para a erosão da democracia. Levitsky e Ziblatt (2018) propuseram um modelo para explicar como o retrocesso democrático acontece. Os autores consideram a definição minimalista de democracia de Przeworski (1991): "A democracia é um sistema no qual partidos perdem eleições" (2023, p. 10). Mais especificamente, Przeworski (2020) afirma que a democracia é "um sistema no qual ocupantes do governo perdem eleições e vão embora quando perdem" (p. 29). Desta maneira, quando se fala em crise da democracia, Przeworski investiga:

[22] Ver mais em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/relembre-vezes-em-que-jair-bolsonaro-questionou-o-sistema-eleitoral/
[23] Ver mais em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/22/pl-apresenta-relatorio-e-pede-invalidacao-de-votos-sem-apresentar-provas-de-fraude-tse-ordena-que-partido-se-manifeste-tambem-sobre-o-1o-turno.ghtml
[24] Vai além dos objetivos e limites desta dissertação uma discussão sobre a definição do conceito de democracia. Mas ver, por exemplo, o debate sobre democracia e crise da democracia em: PRZEWORSKI, 2020; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; MOUNK, 2018; NOBRE, 2022; SANDEL, 2023; AVRITZER, 2019.

> "As possíveis ameaças de que as eleições se tornem não competitivas ou inconsequentes para quem quer que permaneça no poder. Repetindo: essas ameaças podem incluir violações das precondições para eleições competitivas enumeradas por Dahl — os direitos liberais e as liberdades - porque sem elas o governo vigente não poderia ser derrotado. Elas podem compreender rupturas do Estado de direito e desgaste do poder independente do Judiciário, junto com a perda de confiança em instituições representativas (como na "democracia representativa"), severa desigualdade (como na "democracia social") ou o uso de repressão para preservar a ordem pública (como na "democracia liberal")" (p. 29).

Neste sentido, Levitsky e Ziblatt (2018) afirmam que os ataques à democracia, assumindo a forma proposta por Przeworski, acontecem segundo um modelo de três estágios que inclui atacar o judiciário, minar os oponentes e mudar as regras do jogo. Os autores argumentaram que o recesso democrático começa de forma lenta, fragmentada e pode ser imperceptível no início, à medida que as eleições continuam sendo realizadas e os partidos de oposição e os jornais independentes permanecem ativos. Na primeira etapa, o presidente em exercício tem como alvo o judiciário, que é essencial para proteger a neutralidade do Estado e os direitos dos cidadãos (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). O judiciário aqui é entendido como uma soma do sistema judicial e das agências de inteligência, fiscais e regulatórias. Essa etapa visa a garantir a lealdade dessas instituições para proteger o governo de investigações e processos criminais e servir como uma arma poderosa para proteger os aliados e punir os oponentes. Para capturar essas instituições e os que ocupam posições de liderança nelas, o ocupante do cargo pode usar táticas como chantagem, suborno, substituição de funcionários públicos por leais, impeachment e criação de novas instituições.

Na segunda etapa, os titulares têm como alvo os oponentes do governo, como políticos da oposição, líderes empresariais, grandes veículos de mídia, intelectuais e figuras culturais (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Embora os governantes autoritários não eliminem completamente os oponentes, eles os silenciam por meio de suborno, intimidação, cooptação, oferta de cargos e concessões financeiras e usando meios legais para enfraquecê-los. Essa medida visa enfraquecer e desmoralizar os opositores, bem como dissuadir as críticas ao governo. É importante observar que a etapa de capturar o judiciário é

muito importante para que a segunda etapa seja bem-sucedida, pois permite que os governos reprimam legalmente os oponentes.

Na terceira etapa, os governantes em exercício mudam as regras do jogo reformando a constituição, os órgãos legislativos e os sistemas eleitorais para consolidar o poder (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). De acordo com Levitsky e Ziblatt, embora essas reformas sejam realizadas sob o pretexto do bem público, elas acabam permitindo que os autocratas mantenham suas vantagens por anos e décadas. Os autocratas alteram as regras eleitorais e configuram o legislativo para garantir o domínio contínuo do partido no poder. Nesse estágio, os sistemas eleitorais são moldados de forma a proporcionar a vitória do titular (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Jair Bolsonaro, como veremos mais adiante, percorreu as três etapas. E, para usar a definição de Przeworski, ele não quis ir embora quando perdeu as eleições, a exemplo de Donald Trump.

Desta forma, em vários contextos o recuo democrático começa nas urnas, e não mais nas mãos de homens armados. Levitsky e Ziblatt (2018) avaliam que a estrada eleitoral para o colapso é perigosamente enganosa. As constituições e instituições ainda existem, as pessoas ainda votam e os líderes autocratas conseguem manter um verniz de democracia enquanto esvaziam sua substância. As mudanças são variadas e lentas. No caso da ascensão da ultradireita, uma delas é a diminuição das fronteiras entre a ultradireita e o conservadorismo, na política, imprensa e debate público (MUDDE, 2022). Segundo o autor, alguns partidos anteriormente conservadores se transformaram completamente em partidos de ultradireita, enquanto outros adotaram políticas e retórica semelhantes à ultradireita em questões como imigração e segurança. Outra mudança discutida pelo autor é a radicalização ainda maior da direita radical: à medida que os partidos tradicionais adotam cada vez mais as questões da ultradireita, os partidos e políticos desse espectro precisam se radicalizar ainda mais para se destacar. Isso é exemplificado pelo histórico de declarações antissemitas, racistas e violentas de Trump, que, longe de prejudicar sua popularidade, o levaram a uma posição de destaque na política americana. Ou então pelos planos de deportação massiva de imigrantes ensaiado pelo partido alemão AfD[25].

[25] Ver mais em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2024/01/19/protestos-ganham-alemanha-apos-reuniao-da-extrema-direita-sobre-deportacao-massiva-de-migrantes.htm

Desta forma, também podemos debater os desafios impostos pela ultradireita não apenas a partir da definição minimalista e procedimental de democracia , como também a partir das propostas substantiva e participativa de democracia, ao afetar o acesso de grupos já marginalizados historicamente à justiça social, à participação cidadã e ao reconhecimento das diferenças, a exemplo do que discutem Fraser (1997) e Pateman (2012)[26].

Em diversos países, temas e enquadramentos da ultradireita, antes à margem, se tornaram comuns e normalizadas, sendo por vezes adotadas pelos principais partidos políticos, desde conservadores até social-democratas (MUDDE, 2022). Na Europa, partidos de ultradireita estão sendo considerados elegíveis para coalizões e agora fazem parte de governos nacionais e regionais (idem). Essa normalização não se limita apenas à esfera política, mas também se estende à imprensa.

A desinformação é ao mesmo tempo causa e consequência do recuo democrático. Diversos estudos mapearam o uso sistemático de desinformação pela ultradireita com objetivos políticos nas eleições brasileiras de 2018, nas eleições americanas de 2016 e 2020, no plebiscito que ficou conhecido como Brexit, na pandemia, em eleições na Índia e em diversos outros contextos. É um problema global e já fartamente documentado e analisado. No caso brasileiro, a operação deflagrada pela PF comprovou a existência de um núcleo instalado dentro do Estado, vinculado ao presidente da República, responsável por criar e disseminar desinformação sobre as eleições. Trata-se de um sistema articulado, financiado, planejado e estruturado e que não é exclusividade brasileira e tampouco das eleições de 2022.

Para descrever o fenômeno, Wardle e Derakshan (2017) cunharam o termo "desordem informacional", um *framework* com três tipos de fenômenos: *disinformation* (informação que é deliberadamente criada para prejudicar uma pessoa, um grupo social, um país); *misinformation* (informação que é falsa, mas não criada intencionalmente) e *malinformation* (informação baseada na realidade, usada para prejudicar uma pessoa, organização, grupo ou país). Embora esta dissertação não se ocupe de classificar o material encontrado nessas categorias (objetivo já cumprido, entre outros, por Alves et al (2023)), é possível afirmar que todos esses tipos foram observados durante a análise das mensagens.

[26] Vai além dos objetivos desta dissertação apresentar uma revisão dos debates sobre a definição do conceito de democracia e como medir os atuais retrocessos. Ver, no entanto, os relatórios da iniciativa Varieties of Democracy (V-Dem) (e.g. V-Dem, 2024), que inclui vários índices de democracia, para além do componente eleitoral.

A desordem informacional, quando fomentada intencionalmente, prejudica a qualidade democrática na perspectiva deliberativa de Habermas (1996), uma vez que contamina e enviesa o debate público, atrapalhando a educação política, o engajamento informado e reflexivo, e restringindo, assim, a legitimidade democrática[27].

Parte importante do debate sobre os impactos da desordem informacional na vida democrática se dá em torno da hipótese de uma suposta "afinidade eletiva" entre atores e movimentos populistas - populistas de ultradireita neste caso aqui estudado - e o uso das plataformas de mídias sociais. Afinidade essa que é explicada pelas possibilidades de comunicação e interação propiciadas por essas plataformas (GERBAUDO, 2018; ENGESSER; FAWZI; LARSSON, 2017). Essa hipótese se apoia na ideia de que as plataformas apresentam "affordances", tipos de ações que uma tecnologia viabiliza a partir do seu design (Earl e Kimport, 2011: 10). Segundo Gerbaudo (2018), essas facilidades agregadoras inerentes às suas arquiteturas, como por exemplo seus sistemas informais de votação e recursos interativos, podem promover as visões plebiscitárias dos movimentos populistas, permitindo uma abordagem de baixo para cima da soberania popular. As especificidades dos aplicativos de mensageria privada serão exploradas a seguir.

A instrumentalização de aplicativos de mensageria privada para objetivos anti-democráticos

O sucesso de lideranças como Trump e Bolsonaro se desenrolou justamente na sequência de ajustes feitos pelos executivos do Vale do Silício que turbinaram os algoritmos das plataformas digitais com *machine learning*. Em meados da década de 2010, plataformas como Facebook, Youtube e Twitter se deparavam com a estagnação no número de usuários e o desafio de aumentar o engajamento. As mudanças promovidas nos algoritmos para superar esse desafio, perpetradas por inteligências artificiais cada vez mais potentes, tinham o objetivo de fazer os usuários permanecerem o maior tempo possível em seus serviços, sem, obviamente, levar em consideração os riscos inerentes. Os efeitos dessas decisões se mostraram devastadores posteriormente. Para prender a atenção do usuário, os algoritmos recomendam conteúdos que validam suas preferências, inflando artificialmente sua visão

[27] Para uma análise a partir da perspectiva deliberativa, ver, por exemplo: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1065912920938143.

política e criando aparente consenso em torno de visões cada vez mais extremadas (FISCHER, 2023).

Embora não haja interferência da recomendação interessada dos algoritmos nos aplicativos de mensageria privada, essa inflação de visões políticas pode ser observada também em grupos privados de trocas de mensagens. Chagas (2021) detectou que as redes bolsonaristas no WhatsApp são um exemplo de como mesmo um serviço de comunicação privado e com criptografia de ponta a ponta pode acabar favorecendo a criação de bolhas ideológicas, nas quais é possível identificar a circulação em massa de desinformação e campanhas de ataque às instituições democráticas.

Um dos comportamentos vistos em grupos de WhatsApp e Telegram por pesquisadores que ajudam a explicar a contribuição dos aplicativos para a formação de bolhas é que ambos são fartamente utilizados para difundir links externos, na tentativa de complementar a construção narrativa das discussões (JAKOB, 2020). Estudos anteriores apontaram a importância central do YouTube como fonte de informação acionada em conversas no WhatsApp. Esse uso preferencial de links que levam à plataforma de vídeo daria origem ao que tem sido chamado de uma *YouTube-to-WhatsApp pipeline* (TAUB; FISHER, 2019; ISAAC; ROOSE, 2018). Ou seja, o debate contaminado das plataformas de redes sociais acaba influenciando e complementando as conversas nos aplicativos de mensagens instantâneas.

O trabalho de Júnior et al (2021) ajuda a explicar o comportamento de bolha e a disseminação de desinformação. Ao analisar grupos políticos de direita e esquerda no Telegram, pesquisadores perceberam que mais de 90% dos conteúdos eram provenientes de encaminhamentos e que uma quantidade expressiva continha links para páginas externas da web, notadamente para vídeos do YouTube e outras redes sociais, evidenciando o uso dessa plataforma como um vetor de compartilhamento de conteúdos. "Tais observações, associadas ao fato de que os grupos do Telegram comportam três ordens de grandeza mais usuários que o WhatsApp, fornecem as condições ideais para o abuso de campanhas de desinformação dentro do Telegram em eleições futuras" (p. 8).

E a possibilidade de abuso não seria apenas no Brasil. Na esteira da invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021, muitos pesquisadores estudaram o fluxo de desinformação e ataques à

integridade eleitoral americana dentro do Telegram. O aplicativo foi o destino de algumas comunidades radicalizadas como os Proud Boys, um grupo americano neofascista de extrema-direita, depois que algumas plataformas como o Facebook e o Twitter removeram alguns perfis e páginas ligadas a seus membros (LINTON, 2018). Estudos que monitoraram tanto os Proud Boys (ZHONG ET AL., 2024), quanto o QAnon (WITTMANN, 2023), outro movimento extremista de origem nos Estados Unidos, encontraram nos grupos de Telegram pesquisados desinformação sobre ataques à integridade eleitoral americana nas eleições de 2020. Campanhas de desinformação no WhatsApp em contextos eleitorais também foram mapeadas na Índia (GARIMELLA; ECKLES, 2020), no Quênia (MAWEU, 2020), na Indonésia (WENDRATAMA ET AL., 2020) e em diversos outros países.

O que alguns desses estudos mostram é que os aplicativos de mensageria privada funcionam de maneira complementar em uma estratégia de campanha de desinformação necessariamente multiplataforma (PIAIA, ALVES, 2020). No Brasil, um estudo elaborado pelo NetLab (2023), da UFRJ[28], sobre o fluxo da desinformação no primeiro turno das eleições de 2022, também corrobora o caminho dessa sistemática. O estudo monitorou a sequência de uma narrativa específica (a desinformação sobre a conexão do então candidato Lula com o líder do PCC[29], a maior organização criminosa do Brasil) durante o primeiro turno e descobriu evidências de uma orquestração multiplataforma das narrativas, em que os grupos de WhatsApp e de Telegram servem, principalmente, para testes de mensagem e escoamento de links de sites de junk news.

A análise desta narrativa específica permitiu montar o caminho explorado por campanhas de desinformação, como é o caso da campanha desinformativa contra o processo eleitoral. Segundo o estudo do NetLab (2023):

> "O sucesso de uma campanha de desinformação depende da montagem prévia de uma infraestrutura de comunicação multiplataforma para garantir o fluxo das mensagens ao longo do tempo, atingindo diferentes públicos. Parte-se de uma campanha permanente na qual a produção de conteúdo,

[28] Disponível em: https://www.netlab.eco.ufrj.br/blog/mensageria-no-primeiro-turno-das-eleicoes-2022
[29] PCC é a sigla em português de Primeiro Comando da Capital, a maior organização criminosa do Brasil, com operações principalmente no estado de São Paulo. Desde a campanha eleitoral de 2018, apoiadores de Bolsonaro tentam associar Lula ao PCC, por meio de declarações oficiais ou distribuição de desinformação. Nunca houve comprovação de um relacionamento de Lula com esta organização criminosa

> o teste de mensagens, e a repetição das narrativas bem-sucedidas preparam o terreno até a ativação da campanha firehose". (P. 6)

O referido estudo aponta que o fluxo da desinformação começa com a produção de conteúdo em sites hiperpartidários e de junk news e em canais de menor porte no Youtube. Na sequência, os enquadramentos, tanto via links como em formato de mensagens de texto, imagens e vídeos, são usados em grupos de WhatsApp e Telegram para testes de receptividade. Os mais bem-sucedidos são então distribuídos para públicos mais segmentados, via anúncios nas plataformas. E então se inicia a fase de produção audiovisual, em grandes canais no TikTok, Kwai e Youtube.

O Whatsapp

O WhatsApp é conhecido por ser uma plataforma de mensagens privadas, onde não há perfis públicos de usuários. A criptografia ponta a ponta utilizada pelo aplicativo garante a segurança das mensagens trocadas, porém também contribui para a falta de transparência na disseminação de conteúdo. Os usuários não conseguem rastrear a origem das mensagens ou as conexões entre os membros dos grupos de forma clara.

A criptografia é uma das affordances da plataforma que a torna atraente para debater política e mobilizar protestos (ZUÑIGA ET AL, 2021). Por permitir a formação de grupos privados, em que os conteúdos estão acessíveis apenas aos membros, promovem mais facilmente a formação de laços mais fortes entre os participantes, além de deixá-los mais à vontade para trocar conteúdos radicais e até ilegais, uma vez que a criptografia dificulta a identificação das origens das mensagens (SANTOS; CHAGAS; MARINHO, 2022). Essa natureza controlada do WhatsApp pode ser particularmente atraente para aqueles que percebem seus pontos de vista como opiniões minoritárias ou extremas que podem causar sanção social e alguns estudos sugerem que os usuários compartilham informações e opiniões políticas que jamais publicariam por meio de outros ambientes on-line mais abertos, como as mídias sociais (VALERIANI; VACCARI, 2018).

Estudos anteriores identificaram que o aplicativo é estruturado de maneira a incentivar a viralização de mensagens em cascata. E não necessariamente de maneira orgânica. Piaia e

Alves (2020) detectaram a formação de elites digitais (minorias com alta literacia digital), algumas pagas e outras voluntárias, para produzir conteúdo, gerenciar comunidades, aprovar membros, orquestrar o fluxo de informação, definir táticas e distribuir tarefas.

Embora desde 2018 o WhatsApp tenha adotado no Brasil mais políticas no sentido de desincentivar o uso da plataforma para desinformação, pesquisadores alertam que as medidas adotadas não têm sido suficientes. Durante as eleições brasileiras de 2022, a plataforma havia reduzido o número máximo de compartilhamentos de uma mesma mensagem. No entanto, Melo et al. (2019) avaliam que, embora limites baixos impostos ao encaminhamento e à transmissão de mensagens (por exemplo, até cinco encaminhamentos) ofereçam um atraso na propagação de mensagens de até duas ordens de magnitude em comparação com o limite original usado na primeira versão do WhatsApp, esses limites não são eficazes para impedir que uma mensagem chegue rapidamente a toda a rede.

Conforme citado anteriormente, estudos coletaram em grupos de debates políticos tanto no WhatsApp quanto no Telegram uma quantidade expressiva de links para páginas externas da web, notadamente para vídeos do YouTube e outras redes sociais.

O Telegram

O Telegram foi introduzido no Brasil em 2013, mas começou a ganhar popularidade em 2015, após os bloqueios do WhatsApp pela Justiça ocorridos em 2015 e 2016. A partir de 2019, o aplicativo teve um crescimento mais rápido em termos de usuários e volume de mensagens, tendência que se intensificou na pandemia (JÚNIOR ET AL., 2021). Quando Jair Bolsonaro criou seu canal oficial no aplicativo, em 2021, a migração do público de ultradireita se tornou mais intensa (BENTES, 2023).

O Telegram assumiu um papel cada vez mais relevante na comunicação digital no Brasil e, por consequência, no ecossistema de desinformação. Suas affordances, em comparação a outras plataformas com políticas mais estruturadas e moderação mais ativas, facilitam ainda mais a sua instrumentalização para campanhas desinformativas (CESARINO, 2022).

Em relação às suas affordances, Nascimento et al. (2022) explica que, diferentemente do WhatsApp, o aplicativo funciona com uma arquitetura híbrida, que combina características

de plataformas redes sociais com as de mensageria, permitindo tanto uma comunicação privada, em mensagens individuais ou em grupos fechados, quanto uma comunicação mais ampla, em grupos públicos ou em canais de transmissão sem limite máximo de usuários inscritos. Ele funciona também como fonte de informação a partir de mecanismos de busca, do uso de hashtags e de menções.

Nascimento et al. (2022, p. 43) avaliam que as especificidades da plataforma permitem a existência de influenciadores invisíveis, ao que chamam de *talkatives*: "aqueles usuários com volume e frequência de postagem comparativamente altos, e que raramente ficam muitos dias sem publicar". Embora pareçam usuários comuns, esses usuários funcionam como articuladores de conversas, postagens e disseminadores de conteúdos e teriam um papel diferenciado no ecossistema de comunicação política e de desinformação.

Em relação a suas políticas, para além da falta de estruturação, a plataforma adotou um caminho de confronto com a Justiça Eleitoral, o que culminou que o bloqueio da plataforma no Brasil no dia 17 de março de 2022[30], posteriormente revogado.

Em função do cenário descrito, o Telegram foi apontado como a plataforma mais problemática em termos de políticas e de medidas para o enfrentamento à desinformação e outros ilícitos durante o período eleitoral de 2022 pela Sala de Articulação Contra a Desinformação (SAD), coalizão de mais de 100 entidades da sociedade civil, e da qual esta autora faz parte por meio do movimento cívico internacional Avaaz (ABRAJI et al., 2022).

Capítulo 2. A ultradireita brasileira e a mobilização anti-democrática nas mídias digitais

Este capítulo se apóia nas discussões das definições de conceitos-chave apresentadas no capítulo 1 e é destinado à compreensão da ultradireita brasileira: o que se entende por "bolsonarismo"; como a ultradireita brasileira se encaixa nas definições da literatura; como ela se diferencia ou se aproxima da ultradireita de outros países; suas origens; e sob quais

[30] Ver mais em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/alexandre-de-moraes-determina-bloqueio-do-telegram-no-brasil/#:~:text=O%20ministro%20Alexandre%20de%20Moraes,sexta%2Dfeira%20(18).

óticas a ultradireita brasileira pode ser considerada um movimento social. Por fim, o capítulo discorre sobre o ataque à integridade eleitoral como estratégia central e propõe um manual de campanha da ultradireita, aplicado pelo bolsonarismo na campanha anti-democrática analisada.

O bolsonarismo

"Bolsonarismo" e "eleitores de Jair Bolsonaro" são conceitos distintos. Diversos autores concordam que o fenômeno do bolsonarismo não se limita ao sujeito que lhe empresta o nome. Na definição de Pinheiro-Machado e Freixo (2019), por exemplo, o bolsonarismo é entendido como um "fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo" (p. 10).

Para Nunes (2022), o fenômeno também é maior que Jair Bolsonaro, pois não é criado por ele e nem dependente dele. O autor defende que Bolsonaro apenas emprestou o nome ao fenômeno por estar bem posicionado numa onda em ascensão e define o fenômeno como uma convergência de diferentes tendências da sociedade brasileira.

> ""Bolsonarista" refere-se portanto a um segmento social que, ao longo dos últimos oito e tantos anos, adquiriu uma orientação política explícita por meio de um processo de retroalimentação com lideranças como Bolsonaro - ainda que o fato de que este último tenha vindo a dominá-lo seja em si mesmo contingente. Estima-se que tal segmento poderia representar algo como 15% da população (...). Embora compreenda menos de um sexto da população adulta, esse grupo tem um peso político desproporcional em virtude do piso eleitoral elevado que ele constitui, bem como seu compromisso e engajamento permanentes. Ainda que seja composto de indivíduos atomizados, que não estão organizados em nenhuma grande estrutura política, esse é o núcleo militante a partir do qual a força gravitacional da

> extrema direita irradia para o restante da sociedade brasileira" (p. 24)

De acordo com a classificação de Mudde, argumento que a coalizão de atores que hoje se entende como "bolsonarismo" engloba tanto a extrema direita como a direita radical. A caracterização da direita radical ficou visível em diversos momentos desde a sua campanha eleitoral em 2018, em que Bolsonaro e os atores institucionais que o cercam deram demonstrações ostensivas de rejeição ao Estado de Direito e à separação de poderes. As constantes tensões que marcaram a relação do Executivo com o Legislativo e, principalmente, com o Judiciário são um exemplo. Nas eleições de 2022, o Judiciário, representado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), foi articulado como um dos inimigos principais do bolsonarismo. Tanto pelo líder e pelos atores institucionais como pela massa anônima de apoiadores.

Já a caracterização do extremismo pode ser observada tanto na movimentação de baixo para cima, com a atuação clara e autônoma de alguns apoiadores, quanto de cima para baixo, com foco na atuação de atores do topo da cadeia, i.e. militares. Quando olhamos de baixo pra cima, alguns exemplos de rejeição à democracia vêm à tona. A capital do Brasil, Brasília, foi alvo de um atentado terrorista fracassado, na véspera de Natal de 2022, quando os protestos em frente aos quartéis já estavam acontecendo e sendo propagados nas mensagens analisadas neste estudo. O objetivo dos envolvidos no atentado era explodir uma bomba acoplada a um caminhão-tanque, carregado de combustível, perto do aeroporto. No depoimento de um dos condenados pelo crime, colhido pela Polícia Civil[31], ele dizia que viera a Brasília "manifestar contra as eleições e tentar receber o código-fonte das urnas[32]" e que "em breve seria decretada a intervenção das Forças Armadas". Como nada aconteceu, o preso resolveu agir "para provocar a intervenção" e a "decretação de estado de sítio para impedir a instauração do comunismo no Brasil".

Após a divulgação de detalhes da investigação e dos depoimentos dos militares envolvidos na tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023 pela PF, ficou claro que entre os atores institucionais havia também defensores de uma ruptura democrática, com o envolvimento

[31] Depoimento coletado por reportagem da edição 201 da revista Piauí, de junho de 2023
[32] Uma das mensagens capturadas por essa pesquisa cita essa desinformação sobre código-fonte, conforme se verá a seguir

ativo das Forças Armadas. Gravações de reuniões do governo Bolsonaro interceptadas pela PF mostram o general Heleno, então chefe do Gabinete de Segurança Institucional, defendendo uma ruptura institucional ainda antes das eleições.[33] Os materiais da investigação conduzida pela PF mostraram também o general Braga Netto, ex-ministro da Defesa e naquele momento candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro, pressionando os comandantes do Exército e da Aeronáutica, que resistiam a aderir ao plano golpista. Esses comandantes, em depoimento, disseram que o chefe da Marinha, o almirante Almir Garnier Santos, teria concordado com o plano e ainda teria colocado suas tropas à disposição de Bolsonaro.

Se olharmos pelas características de movimentos e partidos ultradireitistas propostas por Mudde, a classificação também se aplica. Porém, com ajustes. O nativismo, por exemplo, embora não se manifeste nos termos exatos estabelecidos por Mudde, uma vez que imigração não é uma questão abordada na agenda pública - exceto no estado de Roraima[34] -, também faz parte do repertório da ultradireita brasileira. Como argumentam von Bülow e Abers (2022), a ameaça à identidade nacional não vem de fora, mas de dentro: "a identidade nacional é desafiada pela corrupção percebida dos valores tradicionais, que, por sua vez, é causada pela disseminação de ideias de esquerda sobre direitos sociais e, especialmente, direitos LGBTQI+ e feminismo".

O discurso autoritário de Bolsonaro sempre esteve intimamente ligado à defesa da ditadura. A ênfase na segurança, com a defesa de uma abordagem punitiva e armamentista para lidar com a criminalidade, pode ser vista não apenas no discurso pró-arma, como também na implementação de políticas públicas de armamento durante seu governo, que contribuíram para um amplo acesso a armas e munições (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2021). A crítica à corrupção e a organismos internacionais também fazem parte do discurso de Bolsonaro. A primeira foi central durante a campanha de 2018. A segunda pode ser vista em diversos momentos de seu governo, como nas críticas à Organização Mundial da Saúde durante a pandemia.

---

[33] Ver mais em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-02/general-defendeu-rompimento-institucional-para-manter-bolsonaro

[34] Ver mais em: https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil#:~:text=Situa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Roraima&text=Entre%202015%20e%20maio%20de,Boa%20Vista%2C%20capital%20do%20Estado.

Bolsonaro tentou colocar em prática os três passos para a erosão democrática apontados por Levitsky e Ziblatt. Alguns foram bem sucedidos, outros não. Bolsonaro atacou oponentes e tentou fazer mudanças legislativas que o beneficiassem. Mas não conseguiu emplacar a chamada PEC do Voto Impresso, por exemplo, e, embora o Brasil tenha voltado algumas casas com relação à liberdade de expressão, a imprensa continuou atuando e tendo um papel fundamental, intelectuais continuaram fazendo críticas e opositores políticos continuaram agindo. Isso se explica porque, embora Bolsonaro tenha avançado sobre o sistema judicial, não conseguiu sequestrar o STF e o TSE.

A blindagem perante os sistemas judicial, fiscalizador e regulatório aconteceu de diversas formas. Uma das mais notáveis foi a indicação de Augusto Aras para a Procuradoria Geral da República. Durante seu mandato, Aras foi duramente criticado por seus pares e pela imprensa por ter sido leniente e não investigar o presidente e seus aliados em situações graves, como a atuação do governo na pandemia (AMADO, 2022), ou os constantes ataques de Bolsonaro e aliados às instituições e as inúmeras denúncias de corrupção, e por ter desmontado mecanismos de combate à corrupção (KERCHE, 2021). Outro caso notável foi a saída do então ministro da Justiça Sérgio Moro, em função de desentendimentos com o presidente acerca do comando da PF[35]. Também podemos citar o esvaziamento de órgãos que cuidam de questões ambientais, indígenas e agrárias[36]. E ainda lembrar o uso pessoal e ilegal da Agência Brasileira de Inteligência, a Abin[37].

Com o STF e a Justiça Eleitoral, as coisas não saíram conforme o manual autoritário. A relação entre Supremo e Executivo caminhou em gelo fino no primeiro ano de governo, entre as crises geradas pela abertura do inquérito das *fake news*[38] e pela quase abertura da CPI da Lava Toga[39], mas durante a pandemia as coisas desandaram de vez. O STF impôs uma sequência de derrotas ao governo, relativas a políticas públicas que contrariavam

[35] Ver mais em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro/
[36] Ver mais em: https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/12/em-dois-anos-bolsonaro-promove-desmonte-no-meio-ambiente-funai-e-reforma-agraria.shtml
[37] Ver mais em: https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2024/01/25/alem-de-adversarios-governo-bolsonaro-usava-abin-para-rastrear-entorno-dos-filhos-do-presidente-dizem-investigadores.ghtml
[38] O inquérito das *fake news* foi aberto em 2020 de ofício pelo STF, ou seja, sem solicitação do Ministério Público, a princípio, para apurar ameaças contra a própria corte. Gerou controvérsias por incluir determinações variadas como bloqueio de redes sociais de um partido político e a prisão de um deputado. Ganhou legitimidade conforme cresceram as ameaças à democracia no governo de Jair Bolsonaro.
[39] A CPI da Lava Toga pretendia investigar a conduta dos ministros do STF.

recomendações médicas e científicas e, principalmente, a investigações que afetavam Bolsonaro e seus familiares e aliados, como o inquérito dos Atos Antidemocráticos. Irado com as derrotas, Bolsonaro escalou a crise (MARONA; MAGALHÃES, 2021). Mas não foi bem sucedido através de tentativas formais. "Carente de meios institucionais para avançar concretamente sobre a independência judicial, Bolsonaro apostou em uma retórica violenta que atenta contra a legitimidade da corte, na expectativa de que a opinião pública, insuflada por sua verborragia autoritária, pudesse realizar a tarefa que ele próprio não conseguia se desincumbir" (MARONA, 2023, p. 57). Essa mesma estratégia se estendeu ao TSE.

O bolsonarismo como movimento social

Partindo da definição de Diani (1992), podemos classificar o bolsonarismo como um movimento social. O bolsonarismo é uma rede informal de atores que se envolvem em ações coletivas com base em identidades coletivas compartilhadas e orientações compartilhadas em relação a um conflito. Há uma identidade coletiva mais ou menos estabelecida em torno de valores morais conservadores, princípios econômicos liberais e da própria liderança personalista do ex-presidente.

E conforme já citado anteriormente, o bolsonarismo está inserido no ambiente descrito por Gattinara e Pirro (2018), no qual pode-se notar a existência de movimentos ou ""redes de redes" que visam mobilizar a opinião pública e um conglomerado de grupos dentro do ambiente subcultural" (p. 5), com seus inúmeros grupúsculos anti-sistema, e movimentos embrionários com objetivos meta-políticos e ideológicos. No ambiente subcultural da ultradireita brasileira é possível constatar a existência de um conglomerado de redes, grupos e movimentos de maturidade variada. A descentralização está na gênese da identidade do bolsonarismo, que se fundiu oportunisticamente às chamadas "novas direitas" às vésperas das eleições de 2018 (NOBRE, 2022).

Para entender a ultradireita brasileira como movimento social, precisamos revisitar suas origens. Segundo Rocha (2021), Prado (2021) e Nobre (2022), um personagem tem bastante influência na formação cultural dos inúmeros grupos e movimentos que vieram a compor a base eleitoral de Bolsonaro em 2018: Olavo de Carvalho. Olavo de Carvalho é citado como um dos mentores dos posteriores inúmeros movimentos, grupos e militantes com objetivos meta-políticos que viriam a ganhar espaço a partir das manifestações de junho de 2013 e,

sobretudo, a partir da Operação Lava Jato e das manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff. Ainda no fim da década de 90 e início dos anos 2000, Olavo de Carvalho começou a amalgamar, através de seus blogs, sites e cursos na internet, descontentes com os governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula. Em seus cursos online de Filosofia, Olavo se propunha a formar uma elite cultural que iria executar o "resgate da alta cultura do Brasil" (PRADO, 2021, p. 51), inserindo conceitos como "marxismo cultural[40]".

Rocha (2021) conta que a plataforma Orkut agrupava, em 2006, esses antipetistas e admiradores de Olavo de maneira difusa, e foi "o espaço principal de formação de arenas discursivas que dariam origem à nova direita brasileira" (p. 93). Embora fragmentado, o ambiente de apreciadores de Olavo de Carvalho no Orkut tinha três principais grupos: um que abarcava desde anarcocapitalistas a neoliberais; outro de defensores das pautas conservadoras e um grupo de religiosos católicos. "A despeito de suas diferenças, o que reunia as pessoas desses diferentes grupos nas comunidades de Olavo de Carvalho era, sobretudo, o sentimento de não se sentir representado em meio à esfera pública tradicional" (p. 98). Segundo Prado (2021), Olavo reforçava esse sentimento de marginalização e isolamento, advogando que a esfera pública era hegemonizada pela esquerda. A nova direita em formação se diferenciava da direita tradicional por se organizar de maneira descentralizada: uma rede composta por diversos grupos, movimentos, organizações, partidos, intelectuais e militantes.

As Jornadas de Junho de 2013, a Lava Jato e a campanha pelo impeachment de Dilma Rousseff tiveram papel importante na formação, maturação e popularização de movimentos, organizações e redes das novas direitas. A coalizão criada em torno da campanha do impeachment era muito heterogênea. Os atores que convocaram as mobilizações em favor do impeachment inicialmente não tinham vínculos claros com organizações de movimentos sociais estabelecidas ou com partidos políticos. "A campanha de impeachment foi fundamental para fortalecer os laços entre os grupos e ampliar os limites desse campo emergente" (DIAS; VON BÜLOW; GOBBI, 2021, p.7). No contexto dessas mobilizações, foram criadas organizações de direita voltadas para protestos. Movimentos como Vem Pra Rua, MBL, Revoltados Online, Nas Ruas e Endireita Brasil ganharam tração no período que

[40] Termo cunhado por Olavo de Carvalho para descrever o que o autor chama de quarta modalidade de marxismo, em que o objetivo seria promover uma revolução cultural meta-política para então promover mudanças nas condições socioeconômicas. Segundo o autor, o marxismo cultural era uma influência predominante nas universidades, na imprensa, no show business, etc.

vai de 2013 a 2016, especialmente no Facebook, que era sua principal forma de comunicação com o mundo exterior (DIAS, 2017).

Parte da militância se institucionalizou. Alguns atores também estiveram envolvidos na criação ou renovação de partidos de direita, como a fundação do Partido Novo e da facção chamada Livres dentro do PSL (Partido Social e Liberal). Entretanto, não havia uma estratégia unificada sobre como participar da política partidária. Outra parte da militância de oposição ao PT se filiou a partidos políticos existentes, como figuras que posteriormente se aliaram indissoluvelmente a Bolsonaro, a exemplo de Ricardo Salles, Bia Kicis e Carla Zambelli. Alguns atores apoiaram a eleição de Bolsonaro em 2018, mas fizeram oposição a seu governo, como Kim Kataguiri do MBL, que se filiou ao antigo Democratas, hoje União Brasil.

A união do liberalismo ao conservadorismo consolidou a ligação de diversas redes ao bolsonarismo, sendo as mais evidentes, conforme Valle (2021): alguns grandes empresários, que queriam se beneficiar da redução de leis trabalhistas, regulações ambientais e impostos; ruralistas, madeireiros e mineradores, que buscavam, ainda, evitar demarcações de terras indígenas; uma parte dos trabalhadores autônomos, grupo composto por empregados precarizados; parte dos evangélicos pentecostais, descontentes com os avanços culturais progressistas; e uma fração das forças de segurança, contrárias a políticas de promoção de direitos humanos.

A "orientação ao conflito", incluída na definição de movimento social proposta por Diani muitas vezes parte da própria liderança do movimento:

> "Bolsonaro responde a esses grupos, portanto, estabelecendo uma política de combate constante às instituições políticas, às leis e às transformações culturais do mundo. Assim, suas declarações, atitudes e atos de governo precisam quebrar protocolos, e envolvem criar fatos, medidas e declarações que aparentam confrontar normas e poderes estabelecidos. Nesse método do confronto constante, que gera mobilização e faz com que seus seguidores sintam-se numa batalha contra um inimigo poderoso que necessita ser derrotado, Bolsonaro precisa estar sempre em movimento. (...) Assim, na guerra de

> movimento bolsonarista, a luta política é estabelecida de forma incansável e múltipla, sobrecarregando o debate político com declarações e ações que abordam várias pautas e atacam vários grupos distintos, utilizando-se maciçamente de redes sociais em perfis institucionais, nos dos filhos e no do próprio presidente; de declarações para apoiadores; de convocações de atos de rua; pronunciamentos públicos em cadeia nacional; em ações para confundir a imprensa e no uso da caneta presidencial para decisões políticas controversas. (VALLE, 2021, p. 31)

Há ainda partes do bolsonarismo que são formadas por grupúsculos com suas próprias pautas, mas que compartilham táticas semelhantes, como os movimentos masculinistas, monarquistas e alguns movimentos *gamers*. Dada a heterogeneidade de todos os grupos, embora muitos sejam interligados, suas fronteiras são difusas e irregulares. O que há em comum entre estes e os demais grupos citados são as táticas de ativismo digital para objetivos políticos e meta-políticos. E aqui concordamos com o argumento de von Bülow e Abers (2021) de que os bolsonaristas não são uma massa desorganizada, dependente apenas do líder Bolsonaro, e que as tecnologias digitais permitem a criação de novas formas de intermediação que são organizadas fora do sistema de partidos. A orientação ao conflito vem do líder, mas também do bolsonarismo, que não depende exclusivamente do líder.

O ataque à integridade eleitoral como estratégia central

Contestar resultados eleitorais é uma prerrogativa dos candidatos em um regime democrático. O instrumento, se usado corretamente, é crucial para identificar possíveis irregularidades e retificar injustiças. Este é um recurso acessível a qualquer candidato, independente da sua filiação política. Contudo, também é uma estratégia política que pode ser usada com o objetivo de erosão democrática. Levitsky e Ziblatt afirmam que "falsas acusações de fraude podem minar a confiança pública em eleições — e quando cidadãos não confiam no processo eleitoral, muitas vezes perdem a fé na própria democracia" (2018, p. 196).

Um exemplo é o das eleições norte-americanas de 2016. Pela primeira vez desde 1860, um candidato importante questionava o sistema democrático. O candidato era o empresário e

outsider Donald Trump, que disparou sem provas, três semanas antes das eleições, quando seus números demonstraram queda na campanha, que haveria uma fraude maciça nas eleições para derrotá-lo[41]. O candidato insistiu que milhões de imigrantes ilegais e pessoas mortas teriam votos contabilizados para sua oponente, Hillary Clinton. Poucos dias após ter ganhado as eleições, Donald Trump voltou a postar em sua conta no X (antigo Twitter), ferramenta bastante utilizada pelo candidato, que houve fraude em votos de diversos estados[42].

Durante a campanha presidencial de 2020, Donald Trump usou seus espaços nos debates para atacar o sistema de votação por correio[43], disseminando desconfiança no processo democrático e preparando o terreno para uma possível derrota. Quando este desfecho se confirmou, sua equipe de campanha entrou com uma série de ações judiciais em vários estados americanos questionando o resultado eleitoral. O próprio ex-presidente incitou verbalmente seus eleitores a participarem de manifestações para "salvar a América" e "lutar como nunca". Seus chamados foram massivamente articulados e amplificados em diversas redes sociais, mobilizando hordas violentas a invadir o Capitólio em 2021 (MUNN, 2021; WANG, 2022; KOVACS et al., 2022)

Na América Latina, tivemos outros exemplos recentes, como em 2021 no Peru, quando a candidata conservadora à presidência, Keiko Fujimori, fez acusações sem provas[44]. Fujimori perdeu para Pedro Castillo, de esquerda, por uma diferença de apenas 44 mil votos. Ainda antes de acabar a apuração, acusou o adversário e, uma vez sacramentada a derrota, recusou-se a aceitá-la. Um exemplo ainda mais recente é o de Javier Milei, que consagrou-se presidente no pleito argentino de 2023. Durante a campanha, Milei repetiu os ex-presidentes Trump e Bolsonaro dizendo que, se perdesse, seria em função de irregularidades na votação[45]. Organizações checadoras de fatos brasileiras e argentinas

[41] Ver em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/17/internacional/1476715533_289127.html
[42] Ver em: https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/tweet-flurry-president-elect-donald-trump-calls-recount-efforts-sad-n688761
[43] Ver mais em: https://abcnews.go.com/Politics/step-step-trumps-falsehoods-mail-voting-analysis/story?id=73354979
[44] Ver em: https://elpais.com/internacional/2021-06-08/keiko-fujimori-denuncia-sin-pruebas-fraude-electoral-y-agita-el-tramo-final-del-escrutinio-de-votos-en-peru.html
[45] Ver em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/11/milei-repete-formula-de-trump-e-bolsonaro-ao-apontar-fraudes-sem-evidencias.shtml

notaram que, durante a campanha, circularam conteúdos com denúncias falsas e que esse tipo de conteúdo despencou após a vitória[46]. Ao contrário de Donald Trump e Jair Bolsonaro, uma vez eleito, Javier Milei reconheceu que a eleição foi regular.

Quando perdeu a eleição em 2021, o primeiro ministro israelense Benjamin Netanyahu, do partido de direita Likud, usou o mesmo repertório. Disse que o resultado era a "maior fraude eleitoral" da história da democracia[47]. Vale lembrar que Benjamin Netanyahu voltou ao poder um ano depois, após fazer alianças com partidos ultraortodoxos e de ultradireita.

No Brasil, o questionamento do resultado eleitoral não é novidade. Em 2014, o partido do candidato que perdeu as eleições, o PSDB de Aécio Neves, pediu ao TSE que investigasse a lisura das eleições[48]. O próprio Jair Bolsonaro e sua coalizão de apoiadores já haviam utilizado o mesmo repertório nas eleições de 2018, em que saiu vitorioso. A pesquisa de Recuero (2020) mostra que, em 2018, a narrativa difundida no Twitter foi centralizada no ataque às urnas eletrônicas, ainda no período de campanha, portanto, antes do resultado das eleições. As buscas de Piaia e Alves (2020) no WhatsApp complementam os achados de Recuero. A suposta violabilidade da urna foi mote de links e vídeos de influenciadores e autoridades, compartilhados aos montes nos grupos analisados.

Mesmo saindo vitorioso do pleito, Bolsonaro, assim como Trump, não abandonou o ataque ao processo eleitoral. Pelo contrário, ampliou os flancos narrativos, adicionando elementos e alvos. Ruediger et al. (2022) apontam que, além de continuar semeando desconfianças em relação à urna eletrônica, o bolsonarismo passou a dar volume ao apelo para o retorno ao voto impresso. As postagens avaliadas sobre este tema no Facebook tiveram um pico em 2021, mas decaíram após a PEC 135/19, também chamada de PEC do Voto Impresso Auditável, ser rejeitada na Câmara dos Deputados. Ruediger et al. (idem) também destacam outros elementos presentes nas postagens entre 2020 e 2022: acompanhamento das ações do TSE para comprovação da segurança das urnas eletrônicas e as tentativas de mobilização de seus eleitores para ações coordenadas de auditoria dos votos, como o envio dos comprovantes de comparecimento às urnas para Jair Bolsonaro.

[46] Ver em: https://www.aosfatos.org/bipe/vitoria-milei-alegacoes-falsas-fraude-eleitoral/
[47] Ver em: https://www.reuters.com/world/middle-east/israels-netanyahu-alleges-election-fraud-accuses-rival-duplicity-2021-06-06/
[48] Ver em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html

O ataque à integridade eleitoral, como já foi evidenciado pelas investigações da PF, não foi gratuito nem orgânico. Foi planejado, articulado, executado e tinha uma função clara na estratégia golpista. Foi legitimado por declarações da liderança, de membros do governo e da coalizão, por atuação do partido de Jair Bolsonaro. E seguiu o passo a passo de um manual bem aplicado de campanha da ultradireita.

O manual de campanha da ultradireita - inimigos, diversionismo, ódio, desinformação e manipulação

Muitos pesquisadores admitem a existência de manuais adotados por atores da ultradireita, com práticas adaptáveis ao contexto político local. Pirro e Stanley (2021), por exemplo, delimitam práticas comuns ao que eles chamam de "manual iliberal", em que líderes autocratas no poder viciam "o jogo em favor do titular em todos os ciclos eleitorais por meio da captura e politização de instituições estatais e da exploração de uma parcela desigual de recursos". Embora nem todo líder autocrata iliberal no poder seja de ultradireita, os autores citam como exemplo os casos dos partidos Fidesz na Hungria e PiS na Polônia, ambos considerados de ultradireita. Fora da Europa, McDonnell and Cabrera (2019) olham para o caso do partido indiano Bharatiya Janata Party (BJP – Indian People's Party) e falam em manual que envolve uma retórica de antielitismo, majoritarismo religioso e concepções particulares de "pessoas autênticas", "elites" e "outros". Nas eleições brasileiras para presidente de 2022, Bastos e Recuero (2023) esquadrinharam o que os autores intitulam "manual do golpismo", que detalha as práticas de disseminação de desinformação sobre o sistema eleitoral como forma de preparação para um futuro golpe.

Argumento, nesta dissertação, que, no Brasil, para além de um manual do golpismo, foi adotado uma manual de campanha da ultradireita, que incorpora diversas práticas e estratégias. Os elementos constitutivos deste manual de campanha podem ser aplicados em diversos contextos políticos, com líderes já no poder ou na oposição, em sistemas presidencialistas ou parlamentaristas. As estratégias que foram utilizadas especificamente pela ultradireita brasileira na construção da narrativa de um sistema eleitoral fraudulento nas eleições de 2022 estão delimitadas a seguir, identificadas com base em pesquisas que têm sido realizadas por um conjunto multidisciplinar de acadêmicos.

Sequestro do debate público

Antes da existência das mídias digitais, o debate público era influenciado pelos meios de comunicação de massa, segundo a teoria do *agenda setting.* Esse conceito, criado em 1972 por McCombs e Shaw, define, grosso modo, que quanto mais um assunto recebe cobertura pelos meios de comunicação de massa, mais ele é entendido como importante pelo público. Segundo Mounk (2019), o predomínio de meios de comunicação de massa limitava a distribuição de ideias extremistas. O advento das mídias digitais, no entanto, empoderou movimentos políticos à margem. Há evidências de distorção do debate público, causada pelas escolhas interessadas dos algoritmos em alguns assuntos em detrimento de outros e do uso de técnicas de manipulação da mídia. De maneira geral, quanto mais incendiários os conteúdos, maior o alcance (DA EMPOLI, 2020; FISHER, 2023).

A ultradireita se aproveitou da mudança em curso para sair da margem para o centro do debate público. Os representantes deste espectro político combinam desordem informacional com táticas de manipulação do ambiente digital para dar volume às conversas, definir agendas e propagar ideias, como *firehosing*, *astroturfing*, uso de automação de perfis (mais popularmente conhecida como *bots* ou robôs), *trolls* e influenciadores, entre outras práticas. De acordo com Paul e Mathews (2016, p. 2), uma campanha *firehose* é caracterizada por grande volume de mensagens e por ser multiplataforma; conteúdo rápido, contínuo e repetitivo; falta de compromisso com a realidade objetiva; e falta de compromisso com a consistência. Já *astroturfing* digital é definido por Leiser (2016) como "a manipulação de uma plataforma mediada digitalmente para promover uma agenda, produto ou ideologia política específica" (p. 5). Há várias definições para o termo *troll*, mas para esta dissertação, adotarei a de Nunes (2022): "alguém que busca instigar reações fortes e parece se alimentar da própria capacidade de provocar confrontos e expor os outros ao ridículo" (p. 74). Alguns pesquisadores afirmam que o ex-presidente americano Donald Trump havia, no exercício do poder, se tornado um troll (MERRIN, 2018) e que Jair Bolsonaro o imitou (NUNES, 2022).

Chagas (2021) identificou a prática de *astroturfing* em grupos bolsonaristas de WhatsApp nas eleições de 2018 no Brasil. Através da análise de redes sociais, foi possível detectar que a estrutura de grupos estava longe de ser espontânea e equilibrada, uma vez que os dados sugeriam alto grau de hierarquia e coordenação, com superpostadores e superadministradores distribuindo a maior parte das mensagens, enquanto a maioria recebia mais do que enviava. Embora esta pesquisa não tenha coletado a identificação dos

participantes do grupo, é possível sugerir a existência de abusos, visto que há mensagens encaminhadas mais de 3500 vezes na amostra de grupos do WhatsApp apenas.

O sequestro do debate público também passa pela manipulação da imprensa tradicional. Há várias estratégias de amplificação do discurso via imprensa tradicional. Uma mais imediata é usar as vozes oficiais dos atores estatais para dar declarações sensacionalistas que vão parar nas manchetes dos sites de notícias. No contexto eleitoral brasileiro de 2022, a narrativa de fraude, além de estar massivamente e permanentemente presente em diversas plataformas, também estampou capas e telas de jornais através da reprodução do discurso de Jair Bolsonaro e outros membros do governo e de sua coalizão, favorecendo a amplificação do tema. As notícias falsas acabam sendo repercutidas pelos sites de notícias, ainda que com enquadramento distinto, com a intenção de atrair audiência.

A ultradireita faz uso dessas táticas para desviar a atenção, para deslocar o debate de uma zona confortável para a oposição, para atacar um alvo, para lotar o horizonte informacional, e desorientar as pessoas.

Captura do ressentimento difuso e direcionamento contra os inimigos

A literatura sobre o surgimento do populismo argumenta que o cerne desse fenômeno reside na reivindicação discursiva da legitimidade de uma parte específica do povo, que pode ser designada como patriotas ou cidadãos de bem, por exemplo, mas que se apresenta como representando o povo como um todo. Conforme explicado por Laclau, "o populismo exige a divisão dicotômica da sociedade em dois campos - um que se apresenta como uma parte que afirma ser o todo" (2005, p. 83). Como os outros não pertencem ao todo, eles devem ser eliminados.

A ruptura do tecido social, causadas por sucessivas crises, que podem ser de natureza econômica, política ou migratórias, e a falta de confiança no sistema político criaram ressentimentos dispersos: com as desigualdades, com a incapacidade dos governos de atender às necessidades de seus cidadãos, com a corrupção, com a falta de esperança no futuro, com a perda de empregos, com a perda de privilégios. Líderes populistas autoritários capturam esse ressentimento difuso e o redirecionam contra os "culpados/inimigos": políticos e elites tradicionais, imigrantes, instituições, etc (DA EMPOLI, 2020).

Não é o objetivo desta dissertação fazer uma revisão aprofundada da literatura sobre o populismo. Mas parte da literatura de enquadramentos discute enquadramentos a partir do populismo, que pode ser de esquerda e de direita. Para fazer essa discussão, esta dissertação se apoia no trabalho de Dias, von Bülow e Gobbi (2021) que define essas "fronteiras dicotômicas entre o povo virtuoso e seus inimigos" como um mecanismo de enquadramento populista antagonista. Como vimos em seções anteriores, não é apenas o líder populista típico que emprega esses enquadramentos de cima para baixo, como também os movimentos sociais, de baixo para cima.

Os ataques de Jair Bolsonaro e seus apoiadores (sejam eles atores estatais ou eleitores) à Justiça Eleitoral, e especialmente ao ministro Alexandre de Moraes, fizeram parte da conversa bolsonarista desde muito antes da campanha de 2022.

Teste de narrativas e estratégia multiplataforma

O conteúdo da campanha permanente é elaborado a partir de testes A/B com narrativas. Conforme estudo do NetLab (2023), o ciclo de testes durante o período eleitoral de 2022 no Brasil foi o seguinte: 1. Teste A/B no Telegram; 2. Narrativas com melhor desempenho transformadas em histórias "noticiosas" em sites hiperpartidários; 3. *Astroturfing* no Twitter e no YouTube; 4. Grupos de WhatsApp, mídia convencional e/ou vozes oficiais apoiando a narrativa.

Nesta pesquisa, a estratégia multiplataforma pôde ser observada principalmente por meio da circulação de links provenientes do Youtube dentro do WhatsApp. Das 10 mensagens mais encaminhadas no WhatsApp com conteúdo político no período analisado completo (antes e depois da campanha), 5 eram links de Youtube, 4 de enquetes perguntando em quem as pessoas votariam para presidente e apenas a décima era uma mensagem de texto fazendo ataque à integridade eleitoral. Dos links do Youtube mencionados, 4 continham ataques ao TSE e um estava indisponível no momento da visualização.

Simplificação de problemas e reducionismo

Eatwell e Mudde (2004) argumentam que o populismo (que em muitos casos estudados pelo autor podem ser lidos como ultradireita) simplifica questões complexas, dicotomizando-as em preto e branco, mau e bom. "O desejo de alguns extremistas de usar referendos como uma forma importante de elaboração de políticas é uma indicação particularmente clara da hostilidade ao compromisso. Os referendos incentivam respostas do tipo “sim” ou “não”, em vez de discussões com nuances" (p. 12). O argumento da visão plebiscitária é revisitado por Gerbaudo (2018), conforme já citado nesta dissertação, quando o autor cita as afinidades eletivas das plataformas com o discurso populista e suas affordances. As enquetes citadas na seção anterior são um exemplo.

A simplificação também pode ser analisada da perspectiva da literatura de enquadramentos. Dias, von Bülow e Gobbi (2021) identificaram o que chamaram de mecanismo de enquadramento populista reducionista. Esse mecanismo "resume as queixas em um único significante, de modo que o escopo das questões é ampliado, mas as demandas que elas representam são subordinadas a uma queixa abrangente" (p. 2).

Podemos citar como um exemplo de simplificação para questões complexas, neste caso de baixo para cima, a tentativa de se fazer uma contagem paralela de votos para tentar provar a suposta fraude nas urnas. Essa tentativa foi uma das soluções mais propostas nos grupos analisados.

A análise que segue, sobre enquadramentos, permite aprofundar e iluminar esta sistematização das estratégias do manual de campanha da ultradireita.

Capítulo 3. As eleições que não terminaram: os enquadramentos golpistas durante e após o processo eleitoral

Este capítulo apresenta os resultados da análise das tarefas de enquadramentos nas mensagens selecionadas nos grupos de WhatsApp e Telegram em dois momentos distintos: durante e depois das eleições. As tarefas foram diferenciadas enquanto enquadramentos diagnósticos, prognósticos e motivacionais. Também foram analisadas as subcategorias semânticas de cada um desses enquadramentos. Vale relembrar, para melhor compreensão deste capítulo, o corpus e a metodologia utilizados. O corpus é composto por 613 mensagens de texto que circularam em 331 grupos de WhatsApp e 180 grupos de Telegram de apoiadores de Bolsonaro, durante o período de 16 de agosto de 2022 (início oficial da campanha eleitoral) até o dia 31 de dezembro de 2022 (uma semana antes da invasão e um dia antes da posse de Lula). Foram selecionadas apenas mensagens que fizessem alguma referência ao processo eleitoral e tivessem sido encaminhadas[49] mais de 10 vezes dentro da amostra de grupos.

As mensagens coletadas foram classificadas de maneira dedutiva, a partir da tipologia de tarefas de enquadramentos de ação coletiva proposta por Benford e Snow (2000). Os enquadramentos classificados como diagnósticos foram os das mensagens que apontavam para uma injustiça (a suposta fraude em curso nas eleições, seja ela via manipulação das urnas eletrônicas, ou de pesquisas eleitorais, ou de regras eleitorais, etc) e/ou os culpados (o TSE, o presidente do TSE, emissoras de TV, ministros do STF, etc). Os enquadramentos classificados como prognósticos foram os das mensagens que apontavam uma solução para resolver a injustiça identificada (exemplo: contagem paralela de votos, protestos em frente aos quartéis, apelos às Forças Armadas, etc). E os motivacionais foram os das mensagens que continham uma chamada para ação, listando razões para o engajamento, estabelecendo conexões com identidade, referência cultural, situação econômica-social ou com as emoções dos indivíduos. Em diversos casos, mais de um tipo de enquadramento era usado na mesma mensagem.

[49] O desenvolvimento do código de filtragem dos dados, para identificar o número de vezes que determinada mensagem foi encaminhada dentro da amostra, foi elaborado por Lucas Freitas de Oliveira, pesquisador no Grupo de Pesquisa em Computação Aplicada, do Instituto Federal de Brasília.

Cada tipo de enquadramento também foi classificado de acordo com subcategorias mais específicas, elaboradas pela autora, de maneira indutiva, a partir das especificidades do caso brasileiro, mas tendo como base a proposta de Benford e Snow. Por exemplo: quais eram os culpados apontados, que tipos de injustiça e quais razões para o engajamento. Para este trabalho, me apoiei na metodologia de estudos similares sobre enquadramentos de ação coletiva a partir da análise de mensagens enviadas por aplicativos ou plataformas digitais (e.g. DIAS, 2017; VON BÜLOW; DIAS; GOBBI, 2021).

3.1. O período eleitoral: predomínio dos enquadramentos diagnósticos

A análise das mensagens enviadas durante o período de campanha eleitoral - de 16 agosto a 31 de outubro - revela claramente a prevalência do enquadramento diagnóstico, que aponta injustiças e culpados. As tabelas 1, 2 e 3 mostram o predomínio de dois argumentos na construção da narrativa: a injustiça de uma suposta fraude (nas urnas ou no processo eleitoral como um todo), e a identificação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) - mais especificamente seu presidente, o ministro Alexandre de Moraes[50] - como o culpado.

No WhatsApp, foram filtradas para análise 120 mensagens que faziam algum tipo de ataque ao processo eleitoral durante a campanha e que foram encaminhadas mais de 10 vezes dentro do grupo de amostra. A mensagem mais encaminhada (129 vezes) foi uma petição pública com um pedido de impeachment do ministro Alexandre de Moraes. De acordo com a legislação brasileira, ministros do Supremo Tribunal Federal podem ser denunciados por cidadãos e removidos dos seus cargos pelo Senado Federal[51]. A mensagem é ao mesmo tempo diagnóstico, pois aponta um culpado, e prognóstico, pois traz o impeachment como solução. Por isso, o total na tabela 1 (tanto o número total como a porcentagem) é maior do que o total de mensagens analisadas. Essa dupla classificação aconteceu com diversas mensagens. Assim como os nós - categorias semânticas dos enquadramentos - não são mutuamente excludentes e podem assumir duas categorias semânticas ao mesmo tempo. Um

[50] Alexandre de Moraes é ministro do Supremo Tribunal Federal. Assumiu a presidência do TSE em agosto de 2022, dias antes do período oficial de campanha eleitoral. No Supremo, é o relator de inquéritos bastante incômodos a Bolsonaro e à sua rede de influenciadores apoiadores, como o chamado "inquérito das fake news", que se iniciou investigando ameaças contra os ministros da Suprema Corte e, no caminho, passou a investigar uma rede de produção e disseminação de notícias falsas. As investigações afetaram empresários, políticos e influenciadores favoráveis a Bolsonaro.

[51] Qualquer cidadão pode apresentar uma denúncia contra um ministro do Supremo, e caberá ao presidente do Senado avaliar se essa denúncia atende a todos os requisitos ou não.

enquadramento diagnóstico pode apontar a injustiça e o culpado no mesmo conteúdo. Por isso, a soma dos nós nas tabelas 2 e 3 também não corresponde à soma dos enquadramentos.

WhatsApp		Telegram	
Enquadramento	**N* (%)**	**Enquadramento**	**N (%)**
Diagnóstico	98 (81,6%)	Diagnóstico	100 (55,24%)
Prognóstico	15 (12,5%)	Prognóstico	74 (40,88%)
Motivacional	19 (15,83%)	Motivacional	55 (30,38%)
Total	120	Total	181

Tabela 1: Classificação dos enquadramentos encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp e Telegram durante o período eleitoral (de 16 de agosto a 31 de outubro).

* Quantidade de mensagens registradas com os enquadramentos listados. Essa quantidade não tem relação com o número de vezes que cada mensagem foi encaminhada. Cada mensagem registrada pode ter sido encaminhada centenas de vezes dentro da amostra de grupos.

No Telegram, foram analisadas 181 mensagens que fizeram algum tipo de ataque ao processo eleitoral durante a campanha e foram encaminhadas mais de 10 vezes dentro do grupo de amostra. A análise dos conteúdos no Telegram mostra que, embora o enquadramento diagnóstico seja também o mais frequente, as soluções para as injustiças identificadas são constantemente disseminadas, sendo a principal delas fazer uma contagem paralela de votos, para comprovar a suposta fraude e a suposta maioria do candidato Bolsonaro (ver tabela 3). Este achado é corroborado pelo estudo do NetLab (2023), que identificou mensagens com orientações similares e convites para grupos de Telegram destinados a contar paralelamente os votos.

A mensagem mais encaminhada no período analisado (140 vezes dentro da amostra) divulga um link de convite para um grupo de Telegram chamado 🇧🇷 EXÉRCITO PATRIOTA 🇧🇷, que tem o objetivo de juntar 200 mil eleitores de Bolsonaro e "comprovar" que este candidato detém a maioria dos eleitores. Como ela, há muitas similares. Esse tipo de mensagem assume, ao mesmo tempo, os enquadramentos prognóstico e motivacional, uma vez que apresenta uma solução e convoca os eleitores ao engajamento direto em uma ação específica.

As mensagens analisadas evidenciam que é bastante comum associar propostas de soluções a pedidos de engajamento na solução apresentada. Entre os pedidos de engajamento mais utilizados estão: entrar em grupos específicos de contagem paralela de votos; enviar comprovante de votação; e fiscalizar as seções de votação. Isso revela um pico de atividade nos dias de votação, especialmente do segundo turno. Outros pedidos de engajamento que aparecem em menor número de mensagens (embora também sejam muito encaminhados) são assinaturas de petições ou participação em enquetes virtuais.

Os ataques à Justiça Eleitoral e a Alexandre de Moraes foram frequentes na amostra, evidenciando a mobilização do inimigo e o uso do enquadramento populista antagonista, conforme proposto por Dias, von Bülow e Gobbi (2021). A tabela 2 mostra que a construção do inimigo recebeu mais dedicação e energia do que a própria construção da suposta injustiça sofrida.

WhatsApp			
Enquadramento	**Nós**	**Descrição**	**N**
Diagnóstico	Culpado	TSE	46
Diagnóstico	Injustiça	Suposta fraude nas urnas ou no processo eleitoral	26
Diagnóstico	Culpado	Alexandre de Moraes	20
Diagnóstico	Culpado	Pesquisas eleitorais	7
Diagnóstico	Injustiça	Censura	4
Motivacional	Apelo ao engajamento	Pedidos de ações virtuais como: compartilhamento de posts, assinatura de petições, entrar em grupos, compartilhar comprovante de votação	12
Motivacional	Indignação	Estranheza com o resultado eleitoral	4
Motivacional	Orgulho	Elogios a ações de determinados grupos endógenos ao movimento, transmitir sensação de vitória	3
Prognóstico	Solução	Impeachment de ministros do STF	5
Prognóstico	Solução	Envolvimento do exército	4
Prognóstico	Solução	Fiscalizar urnas	3
Prognóstico	Solução	Contagem paralela de votos	1

Tabela 2: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp durante o período eleitoral de 2022 (de 16 de agosto a 31 de outubro).

Adiante seguem alguns exemplos de argumentos mobilizados com o enquadramento diagnóstico.

Esta mensagem abaixo, encaminhada 55 vezes nos grupos de WhatsApp analisados, após o fim do primeiro turno, mobiliza o enquadramento diagnóstico de que a injustiça é uma suposta fraude eleitoral, com base em uma desinformação, no sentido construído por Wardle e Derakhshan (2017), de que foram contabilizados votos de pessoas mortas para o principal opositor de Jair Bolsonaro.

CIDADES QUE ATÉ OS MORTOS VOTARAM EM LULA. N.S. da Glória (Se) 3.053 habitantes. 4.615 votaram em Lula. Porto da Pedra: (Pe) 6.122 habitantes: 8.090 votaram em Lula. Poço das Antas(Pe) População: 4.342 habitantes. 5.873 Votaram em Lula. Xique Xique (BA) 43.548 habitantes: Pasmem 😱😱😱: 64.805 habitantes votaram no Lula. Barragem(BA) 25.687 habitantes: 31.338 votaram em Lula. Nova Liberdade (BA) 11.026 habitantes: 16.192 votaram em Lula. Novaçores (BA) 9.622 habitantes: 12.351 votaram em Lula. Guananbim(BA) população: 19.764 habitantes: 22.538 Votaram em Lula. Joaçaba (BA) 6.142 habitantes: 6.984 votaram em Lula. Antas(BA) população: 11.434 habitantes: 18.001 votaram em Lula. e mais 192 cidades Brasileiras (Bahia com maior número) em que os mortos RESSUSCITARAM para VOTAR em Lula.

Quadro 1: Mensagem encaminhada 55 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral

Esta outra mensagem, encaminhada 31 vezes nos grupos de WhatsApp analisados, mobiliza os enquadramentos diagnóstico e motivacional ao mesmo tempo. O inimigo sinalizado aqui é a imprensa tradicional e apelo motivacional está nos marcadores de identidade ("*Se vc faz parte deste povo…*"; **SEJAMOS UM COM BOLSONARO*...*) e na chamada para a ação de compartilhamento ("*Vamos divulgar pelo menos para 10 contatos")*

Caro amigo, coloque este resultado no grupo. Um abraço. Farid *Pesquisa realizada hoje!* *Paraná pesquisas* *registrado no TSE:* **Bolsonaro* Vence hoje em todos os estados, porque o povo quer que ele continue!* **BOLSONARO** *Estados + DF %* *Acre.....*74,18* *Alagoas.....58,36* *Amapá.....*72,29* *Amazonas.....66,18* *Bahia: 69,62*

Ceará 67,46
*DF.....*71,25*
E. santo..... •80,70
*Goiás.....*77,25*
Maranhão..... 61,90
M. Grosso: 60,36
Mato G. Sul: 54,55
M. Gerais.....62,81
Pará .....`59,67
Paraíba: 60,91
Paraná: 67,88
Pernambuco: 68,09
Piauí: 65,71
R. Janeiro:..... 69,72
*Rio G. Norte.....*76,51*
Rio G. Sul: 69,39
Rondônia: 69,85
Roraima: 60,43
S. Catarina..... •82,41
*São Paulo..... *71,47*
Sergipe..... 61,13
Tocantins: 61,23
+de 50% 3 Estados
+de 60% 16 Estados
+de 70% 5 Estados/DF
+de 80% 2 Estados
Total ..... 27 Estados/DF
COMPARTILHE!!!
MOSTRE QUE O POVO
QUER RENOVAÇÃO!!!
Se vc faz parte deste povo, confirme repassando aos amigos essa aspiração de alguém honesto sentado na cadeira de presidente de um Brasil renovado!
Faça isso, e não se arrependerá.
Tenho certeza!
Esta pesquisa não vai sair no Estadão, Folha, UOL, Facebook, Instagram, O GLOBO, JB, etc. TVs Globo, Band etc.....
Repassem!!!
SEJAMOS UM COM BOLSONARO
Vamos divulgar pelo menos para 10 contatos.

Quadro 2: Mensagem encaminhada 31 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral

A mensagem abaixo, encaminhada 28 vezes no WhatsApp, no momento da apuração do segundo turno, mobiliza o enquadramento diagnóstico, em que a injustiça é a suposta fraude, a partir de uma desinformação a respeito das urnas eletrônicas:

Estou vendo aqui a matemática q percebo agora. Antes do resultado final.

Estou vendo q está assim:
Com 12% temos:

Bolsonaro 48%
Lula 42%

Então, observem o seguinte: nos votos totais.

A cada 12% de apuração
Se lula sobe 1% e JB desce 0,5%>

Então:

12% - JB 48% L 42%
24% - JB 47,5% L 43%
36% - JB 47% L 44%
48% - JB 46,5% L 45%
60% - JB 46% L 46%
72% - JB 45,5% L 47%
84% - JB 45% L 48%
96% - JB 44,5% L 49%

Acompanhem o resultado a cada % q marquei, sobre o total.

Estou acompanhando pela Jovem Pan.

Isto acontecendo, e se confirmando, é sinal d algoritmo e fraude eleitoral. As FFAA deverão estar d olho neste acontecimento. Ou algo bem parecido com estes números.

Com 60% estarão empatados....

Ass: Heberbio

Quadro 3: Mensagem encaminhada 28 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral

A mensagem abaixo, encaminhada 25 vezes na amostra do WhatsApp, é um exemplo de disseminação de links de sites hiperpartidários combinado com desordem informacional, dentro da estratégia de sequestro do debate público. O funcionário em questão foi demitido, segundo o TSE, por assédio moral e motivações políticas[52]. A imprensa tradicional

[52] Ver nota oficial do TSE a respeito do caso:
https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/nota-a-imprensa

publicou[53] que a Corte desconfiou que o funcionário estaria atrapalhando propositalmente os trabalhos internos. A exoneração aconteceu em meio à tentativa por parte da campanha de Jair Bolsonaro de emplacar a narrativa de que rádios teriam deixado de veicular sua propaganda eleitoral obrigatória[54]. A narrativa de irregularidades nas propagandas veiculadas pelas rádios foi mais uma dentro de tantas outras com o objetivo de sequestrar o debate público e pautar o assunto da suposta fraude. Dentro da amostra, foram encontradas mais mensagens similares com links de outros portais hiperpartidários e de vídeos de canais no YouTube comentando o fato, o que evidencia a estratégia multiplataforma.

Gravíssimo: Secretaria Geral do TSE pode ter exonerado funcionário para esconder falcatrua ☛ https://terrabrasilnoticias.com/2022/10/gravissimo-secretaria-geral-do-tse-pode-ter-exonerado-funcionario-para-esconder-falcatrua/

Quadro 4: Mensagem encaminhada 25 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral

Também foram encontradas mensagens sobre a suposta irregularidade das rádios, com links de portais, como essa abaixo, encaminhada 20 vezes na amostra do WhatsApp:

BOMBA: Rádios confirmam que não receberam do TSE materiais de campanha de Bolsonaro ☛ https://terrabrasilnoticias.com/2022/10/bomba-radios-confirmam-que-nao-receberam-do-tse-materiais-de-campanha-de-bolsonaro/

Quadro 5: Mensagem encaminhada 20 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral

A mensagem abaixo, encaminhada 17 vezes na amostra do WhatsApp, tem enquadramento diagnóstico aliado ao motivacional e aponta a Justiça Eleitoral como culpada. Aqui é possível observar o uso do mecanismo de enquadramento reducionista, conforme proposto por Dias, von Bülow e Gobbi (2017), em que queixas distintas são unidas em um único significante. Neste caso, a queixa sobre uma suposta atuação do TSE a respeito da redução

[53] Ver reportagem de O Globo: https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/10/tse-desconfia-de-atuacao-de-servidor-que-e-exonerado-e-procura-pf-para-prestar-depoimento.ghtml

[54] Ver mais em: https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/campanha-de-bolsonaro-pede-que-tse-investigue-se-radios-do-nordeste-deixaram-de-veicular-propaganda-obrigatoria.ghtml

preço do combustível em ano eleitoral - o que é uma desinformação[55] - é usada dentro do significante da fraude, pois ajuda a construir o papel de vilão do inimigo.

Divulgue muitooooooooo **Ministros do TSE consideram crime Petrobras diminuir preço de combustível em ano eleitoral** *_*TSE MARCOU PARA PRÓXIMA SEMANA JULGAMENTO ONDE IRÁ PROIBIR A PETROBRÁS DE DIMINUIR PREÇO DA GASOLINA, MESMO O DÓLAR BAIXANDO E O BARRIL DE PETRÓLEO, MESMO ASSIM A PETROBRÁS NÃO VAI PODER DIMINUIR O PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS, TUDO ISSO O TSE ESTÁ FAZENDO PARA PREJUDICAR O BRASIL E PREJUDICAR BOLSONARO*_* **#COMPARTILHE PARA TODOS SABER O Q A DITADURA DO TSE E STF ESTÁ FAZENDO** **https://www.folhadapolitica.com/2022/03/ministros-do-tse-consideram-crime.html?m=1** *E começou a manobra de enviar uma mensagem pra grupo por vez! VAMOS QUE VAMOS BRASIL, PRA CIMA DELES!* *Vagabundos...*

Quadro 6: Mensagem encaminhada 17 vezes na amostra do WhatsApp no período eleitoral

No período que corresponde do início da campanha até o dia do segundo turno, há um maior volume de mensagens de enquadramento diagnóstico, apontando a injustiça da fraude, mas, no Telegram, as mensagens que foram encaminhadas mais vezes são as que organizam grupos de contagem paralela de votos para "comprovar" a vitória de Bolsonaro, conforme demonstrado na tabela 3. O Telegram foi utilizado para esse tipo de mobilização porque seus grupos comportam um número ilimitado de inscritos. Vale lembrar que, no período das eleições de 2022, o recurso Comunidades do WhatsApp, que permite alocar até 5 mil pessoas em grupos variados, não estava disponível para uso no Brasil ainda.

[55] Ver mais em: https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/09/08/e-fake-que-tse-considerou-crime-em-marco-petrobras-diminuir-preco-dos-combustiveis-em-ano-eleitoral.ghtml

Telegram			
Enquadramento	**Nós**	**Descrição**	**N**
Diagnóstico	Injustiça	Suposta fraude nas urnas ou no processo eleitoral	32
Diagnóstico	Culpado	TSE	29
Diagnóstico	Culpado	Alexandre de Moraes	19
Diagnóstico	Injustiça	Censura	12
Diagnóstico	Culpado	Esquerda/Lula/PT	10
Prognóstico	Solução	Contagem paralela de votos	54
Prognóstico	Solução	Fiscalizar urnas	7
Prognóstico	Solução	Envolvimento do exército	6
Prognóstico	Solução	Voto impresso	3
Motivacional	Apelo ao engajamento	Pedidos de ações virtuais como: compartilhamento de posts, assinatura de petições, entrar em grupos, compartilhar comprovante de votação	42
Motivacional	Indignação	Estranheza com o resultado eleitoral	3
Motivacional	Construção de identidade	Posicionamentos	7
Motivacional	Orgulho	Elogios a ações de determinados grupos endógenos ao movimento, transmitir sensação de vitória	3

Tabela 3: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de Telegram durante o período eleitoral de 2022 (de 16 de agosto a 31 de outubro).

A mensagem abaixo, encaminhada 140 vezes na amostra do Telegram, explica que as pessoas devem enviar seus comprovantes de votação para que sejam contabilizados. A mensagem mobiliza ao mesmo tempo o enquadramento diagnóstico (a suposta fraude), o prognóstico (com uma solução sugerida para a injustiça identificada) e o enquadramento motivacional, com vários elementos que denotam identidade, pertencimento e chamada para a ação.

Grupo Para Organizar 200 MIL Eleitores do Bolsonaro, Que Comprovará a Maioria Dos Eleitores Que Votarão no Bolsonaro 22.

Se Você Apoia o PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO, só Divulgue Suas Realizações, Programas e Pronunciamentos Que Nos Interessam.

Não Daremos Voz ou Notoriedade a Nenhum Outro Presidenciável.

O GRUPO NÃO se Responsabiliza Pela Postagem de Nenhum Membro, o Autor da Publicação Será o Responsável.

NÃO Publique NEM Compartilhe NADA Sem a Fonte Confirmada ou Conteúdo Que Contenha FAKE NEWS.

✔️ *Se Ver Algo de Errado no Grupo, Como Mensagens Impróprias de Infiltrados, Digite: @admin Que um Administrador Será Chamado.*

⚠️ *Copie o Texto Abaixo e Divulgue o Para Todos:*
Grupo: 🇧🇷 EXÉRCITO PATRIOTA 🇧🇷
Link:👉 https://t.me/+DnJpx-HxNCFkMmUx

Ou Whatsapp: https://baixaogratis.blogspot.com/p/entrar-para-o-grupo.html

COMPARTILHE O GRUPO PARA TODOS !!

E Conhecereis a Verdade, e a Verdade Vos Libertará. João 8:32
A Verdade Será Inevitável 🕊️

O BRASIL É DE JESUS!

👇🏻👇🏻 *MAIS NOS LINKS ABAIXO* 👇🏻👇🏻

Quadro 7: Mensagem encaminhada 140 vezes na amostra do Telegram no período eleitoral

A mensagem a seguir, encaminhada 51 vezes na amostra do Telegram, mobiliza os mesmos enquadramentos, com os mesmos elementos, mas uma variação no texto. Outras mensagens com o mesmo sentido, mas textos diferentes, foram encontradas na amostra.

ESTA FALTANDO BRASILEIROS QUE VOTOU NO BOLSONARO ENVIAR O COMPROVANTE. TIRA UMA FOTO E ENVIA RAPIDO DO JEITO QUE ESTIVER, NAO PRECISA NEM ESCREVER NADA. SE VOTOU NO BOUSONARO TIRA FOTO E ENVIA, ESTAMOS PRECISANDO COMPROVAR A FRAUDE. *CONVOQUEM TODOS OS ELEITORES DO BOLSONARO ENVIAR O COMPROVANTE!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*

Quadro 8: Mensagem encaminhada 51 vezes na amostra do Telegram no período eleitoral

Na mensagem abaixo, o texto explica que a tentativa de comprovar os votos falhou no primeiro turno, pois poucos eleitores enviaram fotos de seus comprovantes impressos. Aqui, são mobilizados enquadramentos diagnósticos e prognósticos variados. Ao mesmo tempo em que a mensagem esclarece que a solução sugerida falhou, já mobiliza uma solução que só seria disseminada em volume após a derrota no segundo turno: ir às ruas. Veja esse conteúdo encaminhado 27 vezes na amostra de grupos do Telegram:

Prezados Brasileiros Patriotas,

Saudações,

INSCRITO NOS GRUPOS: 123.032

COMPROVANTES DE VOTO POSTADOS: 25.847

- Não obtivemos comprovantes de votos suficiente pra comprovar que nosso Presidente Bolsonaro foi eleito no primeiro turno.

- É com imenso pesar, que nossa equipe dos grupos "Meu voto é Bolsonaro22", encerramos aqui o nosso trabalho em prol do nosso Presidente Bolsonaro, em prol das famílias Brasileiras, em prol da nossa nação e em prol da nossa liberdade!.

- Primeiramente, queremos agradecer aos que acreditaram em nosso trabalho e lamentamos pelos que acreditaram nas mentiras dos PTista Comunistas dizendo que nosso grupo era FAKE e acreditaram em um vídeo de 2018 da Boa Cicks dizendo para não enviar os comprovantes DE voto para o Presidente, onde iria caracterizar crime eleitoral para o Presidente.

- Detalhe: não era para enviar para o e-mail do presidente, poruqe ai caracterizaria crime para o Presidente, e SIM enviar para o TELEGRAM dos GRUPOS !Meu voto é Bolsonar22"

- Infelizmente a maioria dos Brasileiros acabam de entregar de mãos beijada a nossa nação para o comunismo.

** Tirar Foto do comprovante de voto NÂO é crime!**

** O comprovante é seu e você pode fazer dele o que bem desejar!**

- Crime, é entregar a nação para o comunismo!

- Crime, é entregar sua liberdade ao comunismo!

- Crime, é entregar seus familiares para o comunismo!

- Se preocupar com um comprovante que de nada irá servir daqui pra frente, mais que poderia salvar a sua liberdade, e assim a maioria não o fizeram.

- A luta agora não é mais de nossa equipe. A luta agora é de todos os brasileiros que ainda acredita que pode fazer algo por sua liberdade.

- Ou teremos o voto impresso em cédulas ou teremos possibilidade nova fraude no segundo turno.

- Sugerimos que vá as ruas e lute pelo pouco que ainda vos resta!

- Amém suas famílias e se preparem que dias difíceis, estão por vir!

Quadro 9: Mensagem encaminhada 27 vezes na amostra do Telegram no período eleitoral

3.2. O pós-eleição: as soluções para reverter o resultado das urnas

Se o período da eleição mostrou um esforço de apontar injustiças e culpados, com o objetivo de fortalecer a crença na suposta fraude e causar indignação nos eleitores, o momento que se seguiu à apuração do segundo turno até o dia da invasão das sedes dos Três Poderes evidencia um foco majoritário em apontar soluções para reverter o resultado que foi amplamente semeado como falso, embora também haja um componente motivacional associado. Em dezenas de mensagens, o enquadramento prognóstico, que aponta soluções, é acompanhado pelo enquadramento motivacional, com apelos ao engajamento em alguma ação virtual ou nas ruas. As eleições haviam acabado, mas o bolsonarismo manteve a campanha permanente, conforme descrito no manual, contra a integridade eleitoral brasileira, de forma a não dissipar a energia anti-democrática instaurada.

Na amostra de grupos do WhatsApp, foram analisadas 179 mensagens com mais de 10 encaminhamentos, no período que se sucedeu ao segundo turno até o dia 31 de dezembro de 2022. Já no Telegram, foram classificadas 133 mensagens. A solução (enquadramento prognóstico) mais propagada, em ambos os aplicativos, foi a de protestar nas ruas, sobretudo em frente aos quartéis. Também houve pedidos de intervenção federal ou militar, embora não tenha havido um consenso sobre qual tipo de intervenção era a melhor alternativa. E também não parecia haver um entendimento único sobre o conceito de intervenção.

Um fato curioso é que, entre as mensagens que ofereceram o protesto nos quartéis ou nas ruas como solução (enquadramento prognóstico), havia uma constância temporal e em volume na recomendação para que os manifestantes tivessem paciência e se mantivessem em frente aos quartéis porque alguma mobilização dos militares iria resultar dessa ação em algum momento futuro inespecífico. Uma das mensagens mais encaminhadas da amostra (116 vezes na amostra do Telegram e 111 vezes no WhatsApp) demonstrou essa construção:

"*Notícia de dentro do quartel. Os militares JÁ QUEREM E ESTÃO DE PRONTIDÃO, todo efetivo foi chamado. Mas PRECISA de mais gente nas ruas, principalmente nas capitais. Pediram para NÃO desistirem. Se o movimento ficar bem forte talves as 20:00 teremos surpresas positivas. Repassem em todos os grupos de WhatsApp, telegram e todos que vcs conhecem. Está MUITO perto!!! Por favor guerreiros NÃO desistam. Se em Brasília for 50% do público da última vez já será o suficiente, NÃO SAIAM DAS RUAS!!!*"

Quadro 10: Mensagem encaminhada 111 vezes na amostra do WhatsApp e 116 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

Essa outra mensagem, encaminhada 10 vezes no Telegram, repete o apelo de um evento futuro, citando especificamente a GLO como instrumento de solução, mobilizando o enquadramento prognóstico:

●PESSOAL ATENÇÃO●

CONTINUEM PARA A FRENTE DOS QUARTÉIS, OS MILITARES ESTÃO SOB AVISO E VÃO INTERVIR A QUALQUER MOMENTO, MAS PARA ISSO PRECISAMOS LOTAR AS FRENTES DOS QUARTÉIS.
O PRESIDENTE VAI ACIONAR A G.L.O. (GARANTIA DA LEI E ORDEM) FOI O MESMO USADO NA OCUPAÇÃO DO COMPLEXO DO ALEMÃO, ESPALHEM A NOTÍCIA PARA QUE POSSAMOS LOTAR AS FRENTES DOS QUARTÉIS. LEVEM FAIXAS E CARTAZES PEDINDO S.O.S PARA AS FORÇAS ARMADAS. USEM CAMISAS E BANDEIRAS DO BRASIL, TOQUEM O HINO NACIONAL, HINO DA BANDEIRA, LOTEM A FRENTE DOS QUARTÉIS ! APOIEM OS CAMINHONEIROS, E VÃO PARA OS QUARTÉIS, VAMOS EM FRENTE, NÃO DESISTAM !!!

●FONTE FORTE DESSA INFORMAÇÃO●

!!! R E P A S S E M G E R A L !!!!

Quadro 11: Mensagem encaminhada 10 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

Em diversos momentos, os participantes dos grupos receberam instruções específicas com datas e locais das manifestações, e as ações que deveriam desempenhar. A mensagem abaixo foi encaminhada 87 vezes na amostra do WhatsApp e 80 vezes no Telegram, contendo os endereços onde as manifestações deveriam ocorrer em diversas cidades do Brasil. Aqui, a mobilização do enquadramento prognóstico é clara: para salvar o país, é preciso ir para as ruas. Mais especificamente, para os endereços listados na mensagem:

⚠️⚠️*DIVULGEM O MÁXIMO POSSÍVEL* ⚠️⚠️
VAMOS LEVANTAR ESTA NAÇÃO E SALVAR NOSSO PAÍS.
NÃO BASTA FICAR NA INTERNET.

AMANHÃ ÀS 15:00

🇧🇷 *32. *BRASÍLIA* - Quartel-General do Exército - Bloco B Setor Militar Urbano - Brasília - DF CEP: 70.630-901*

🔘 *33-*BELÉM/PA*-Comando Militar do Norte-8.ª RM*
Localização: R. João Diogo, 458 - Em frente à praça da Bandeira
Bairro: Campina

*34.🇧🇷 *GOI NIA*- Comando de Operações Especiais - Vila Subtenentes e Sargentos e Maricas- Jardim Guanabara - Goiânia-GO.*

🔘 *35. *MANAUS*/ AM — comando militar do Amazonas CMA Ponta Negra.*

🔘 *36. *MIRASSOL*/SP — Tiro de Guerra — Rua Prudente de Moraes 2350 — CENTRO*

🔘 *37. *NATAL*/RN — No 16º Batalhão de Infantaria Motorizada — Av. Hermes da Fonseca, 16 — Petrópolis — Em frente ao AEROCLUBE.*

🔘 *38. *PALMAS*/TO — 22º Batalhão de Infantaria, Fazenda Brejo Comprido, Área 1 — ZONA RURAL*

🔘 *39. *PELOTAS*/RS — Comando Av. Duque de Caxias.*

🔘 *40. *PETROLINA*/PE — 72º Batalhão de Infantaria Motorizado, Av. Cardoso de Sá, s/n — VILA EDUARDO*

🔘 *41. *PINDAMONHANGABA*/ SP — 2º BATALHÃO de ENGENHARIA DE COMBATE, BATALHÃO BORBA GATO - Praça Padre João Faria Fialho, 46 - Centro*

🔘 *42. *PIRASSUNUNGA*/SP — 13º Regimento de Cavalaria minha pica na sua mãe, Av. Newton Prado, 2213 — CENTRO*

🔘 *43. *PORTO ALEGRE*/ RS — Quartel General do Comando Militar do Sul - Exército Brasileiro, Rua dos Andradas 562 — CENTRO*

🔘 *44. *PORTO UNIÃO*/ SC — 5º Batalhão Engenharia de Combate Blindado, Av. Exp. Edmundo Arrabar, 2338 — SANTA ROSA*

🔘 *45. *PORTO VELHO*/ RO — 17ª Brigada de Infantaria de Selva, R. Duque de Caxias, 975 — CAIARI*

🔘 *46. *SEGIPE*/ PE — Av. Boa Viagem, 28 — PRAIA DE BOA VIADA*

🔘 *47. *RIBEIRÃO PRETO*/ SP — 5ª CSM - Circunscrição de Serviço Militar, Rua Duque de Caxias, 1255 — CENTRO*

🔘 *48. *RIO BRANCO*/ AC — 4º Batalhão de Infantaria de Selva, Rua Colômbia, 534 — BOSQUE*

🔘 *49. *RIO DE JANEIRO*/ RJ — Vila Militar (Deodoro)*

🔘 *50. *RIO DE JANEIRO*/ RJ — Comando Militar do Leste (Palacio Duque de Caxias) Centro*

🔘 *51. *SANTA CRUZ DO SUL*/ RS — 7º Batalhão de quengas Blindado — Rua Mal. Floriano, 2 — CENTRO*

🔘 *52. *SANTA MARIA*/ RS — 3ª Divisão do Se Leu v.c vai me mamar 15 – NS. MEDIANEIRA (esquina Av. ATL NTIDA)*

🔘 *53. *SANTANA DO LIVRAMENTO*/ RS — Quartel Militar 8ª Bateria — DIVISA*

🔘 *54. *SANTIAGO*/ RS — 1 Bda C Mec, Av. joao de Mastro grande, 13 — CENTRO*

🔘 *55. *SALVADOR*/ BA — Em frente ao Comando 8ª Região Militar — JOAO PADILHA Praça Caxias, s/n — NAZARÉ*

🔘 *56. *SANTA MARIA*/ RS — 3ª Divisão de Exército Rua Dr. Bozano, 15 — N.S. Medianeira — SANTA MARIA — RS*

🔘 *57. *SÃO JOSÉ DOS CAMPOS*/ SP — JARDIM AMARO (UPA)*

🔘 *58. *SÃO LUIS*/ MA — 24° Batalhão de Infantaria Leve, Avenida São Marçal, s/n - JOÃO PAULO*

🔘 *59. *SÃO PAULO*/ SP — Em frente ao Comando Militar do Sudeste, Av. Sargento Mário Kozel Filho, 4082— IBIRAPUERA*

🔘 *60. *SÃO JOSÉ DOS CAMPOS* / SP — AVENIDA ESPLANADA – UPA*

🔘 *61. *SÃO VICENTE*/ SP — 2° Batalhão Pica de Infantaria Leve, Av. Antonio Emmerick, 666 Vila Melo*

🔘 *62. *PRAIA GRANDE* / SP — 2° Grupo de Artilharia Antiaérea - Fortaleza de Itaipu, Av. Mal. Mallet, n°1 - Canto do Forte*

🔘 *63. *BASE AÉREA DE SANTOS* / SP — Av. Castelo Branco, S/N - Jardim Lular atue (Vicente de Carvalho), Guarujá*

🔘 *64. *TERESINA* / PI — 24º Batalhão de Gigolôs da Jequiti, Praça Floriano Peixoto - CABRAL*

🔘 *65. *UBERL NDIA*/MG — 36º Batalhão de Infantaria Motorizado — Av. Aspirante Mega, 731*

🔘 *66. *URUGUAIANA*/ RS — 8° Regimento de Cavalaria Mecanizada, Rua Quinze de Novembro, 3311 - CENTRO*

🔘 *67. *VITÓRIA*/ ES — Em frente a Capitania do Portos (Marinha do Brasil), ENSEADA DO SUÃ (próximo a Praça do Papa).*

🔘 *68. *JUIZ DE FORA*/ MG — Entrada da BRIGADA DE MONTANHA (antigo QG da 4ª RM) no bairro Mariano Procópio.*

🔘 *69. *CURITIB*/PR Vigésimo Batalhão de Blindados - Batalhão Sgt. Max Wolf Filho.*

🔘 *70. *BELO HORIZONTE*/MG*
12° Batalhão de Infantaria RUA Tenente Brito Melo, s/n Barro Preto.
Papa).

Quadro 12: Mensagem encaminhada 87 vezes na amostra do WhatsApp e 80 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

A mensagem abaixo, encaminhada 40 vezes nos grupos de Telegram da amostra, agrega mais elementos ao enquadramento motivacional. Além da chamada para ação, com datas e horários, há a informação de que haverá tendas e de que será organizado. O financiamento para a organização, que incluiu não apenas tendas e banheiros químicos, mas também comida e bebida para os manifestantes, ainda está sendo investigado pela Polícia Federal no momento em que essa dissertação foi entregue, em julho de 2024. Alguns financiadores já haviam sido identificados[56].

[56] Ver mais em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-02/empresarios-sao-alvos-de-acao-que-busca-financiadores-do-8-de-janeiro

REPASSEM AOS GRUPOS URGENTE

CONTINUAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES NA FRENTE DOS QUARTÉIS DO EXÉRCITO

Quinta dia 03- início 9:00

Sexta dia 04- início 9:00

Sábado- dia todo (Terá tendas)

Domingo- dia todo (Terá tendas)

Precisamos do maior número de pessoas lá! Não tenham medo de ir! Muito organizado e lindo! Vão para lutar pelo nosso país!

#🚨🚨🚨🚨🚨⬇️⬆️⬇️⬆️⬇️⬆️REPASSEM URGENTE!

Quadro 13: Mensagem encaminhada 40 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

As mensagens com pedidos de manutenção dos protestos em frente aos quartéis seguem sendo enviadas ao longo do tempo, mas com menos compartilhamentos. Esta, enviada no dia 27 de dezembro de 2022, convoca os apoiadores a passarem a virada do ano em frente aos quartéis. A mensagem teve 17 encaminhamentos nos grupos de WhatsApp da amostra:

Atenção PATRIOTAS, foco na missão! 🙏

🚌🇧🇷🚌 **CARAVANAS para BRASÍLIA QG – Reveillon pelo BRASIL é no quartel!***
*_(Atualização: 27.12.22 -21:40hs)_ *SAÍDAS a partir de 28/12/22**
*_*DIVULGUEM ao MÁXIMO, precisamos lotar o QG!*_*

ESPÍRITO SANTO
ROTA: Vitória, Guarapari, Ibatiba, Realeza MG, João Molevard MG, Belo Horizonte, Brasília
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5527981665339 Jho
🚌🇧🇷

GOIAS
ROTA: Goiania, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/556296176921 Heleno
🚌🇧🇷

MINAS GERAIS
ROTA: BH, 7 Lagoas, Pacaratu, Rod. 040, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo

wa.me/5531993667471 Bruno
🚌🇧🇷

SANTA CATARINA
ROTA: Floripa, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5548984365684 Rodrigo
🚌🇧🇷

SÃO PAULO
ROTA: Metrô Tietê (Ao lado do hotel Ibis), Marginal Tiete, Jundiai, Campinas e vários pontos na via Anhanguera. BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5511957054398 Lucinha
🚌🇧🇷

SÃO PAULO
ROTA: Rib. Preto, Franca, Uberaba, Uberlândia, Catalão, Cristalina, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5516994646104 Ana
🚌🇧🇷

SÃO PAULO
ROTA: Guará, todo o Vale do Paraíba, Região de Campinas, Ribeirão, Uberaba, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5512981114151 Daniely
🚌🇧🇷

SÃO PAULO
ROTA: Sertãozinho, Ribeirão Preto, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5516982350900 Cassia
🚌🇧🇷

MATO GROSSO
ROTA: Lucas do Rio Verde, BSB
+INFOR: clique no link de zap abaixo
wa.me/5565990262 Daiane

🚌🇧🇷
**PARA DEMAIS CIDADES QUE NÃO ESTÃO NESTA LISTA, TENTEM O* BUSER.COM.BR*
Para adicionar sua caravana na divulgação, clique no link para enviar INFORMAÇÕES:
wa.me/447897643439

Quadro 14: Mensagem encaminhada 17 vezes na amostra do WhatsApp no período pós-eleitoral

Assim como as mensagens anteriores, outras com enquadramento prognóstico também foram classificadas como motivacionais, uma vez que fazem apelo ao engajamento. Portanto, a soma dos enquadramentos na Tabela 4 não corresponde ao número absoluto de mensagens analisadas.

WhatsApp		**Telegram**	
Enquadramento	**N (%)**	**Enquadramento**	**N (%)**
Diagnóstico	59 (32,96%)	Diagnóstico	32 (24%)
Prognóstico	100 (55,86%)	Prognóstico	98 (73,68%)
Motivacional	46 (25,69%)	Motivacional	37 (27,81%)
Total	179	Total	133

Tabela 4: Classificação dos enquadramentos encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp e Telegram após o período eleitoral até o dia 31 de dezembro de 2022.

Além de apelos ao engajamento nas ruas, também foram disseminados apelos de engajamento digital. As duas mensagens a seguir foram as mais compartilhadas (181 e 121 vezes, respectivamente, nos grupos de WhatsApp e Telegram analisados no período pós-eleitoral:

VAMOS SEGUIR O INSTAGRAM DO EXÉRCITO BRASILEIRO SERÁ MUITO BOM SE MUDARMOS DE 2.1 MILHÕES PARA NO MINIMO 20 MILHÕES, ACREDITO QUE SERÁ UMA MENSAGEM CLARA DO DESEJO DO POVO QUEM PUDER E TIVER CONDIÇÕES PELO BEM DO BRASIL FAÇA CAMPANHA DE IMPULSIONAMENTO E QUEM NÃO TIVER COMPARTILHA AO MÁXIMO SOMENTE COM PATRIOTAS
ig
https://instagram.com/exercito_oficial?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Quadro 15: Mensagem encaminhada 181 vezes na amostra do WhatsApp e 121 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

A mensagem acima também está entre as mais compartilhadas nos grupos de Telegram analisados, em segundo lugar, com 98 compartilhamentos, e se converteu em uma mobilização bem-sucedida[57].

[57] Ver mais em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/03/exercito-ganha-milhoes-de-seguidores-apos-fake-news-bolsonarista.htm

Não é só nas ruas que podemos protestar !!!

*Você que não pode sair para protestar nas ruas pode fazer o seu protesto, envie um email ao *Ministro da Defesa Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira*, não precisa escrever nada mas coloque no titulo do email: *INTERVENÇÃO FEDERAL**
INTERVENÇÃO FEDERAL
ministro@defesa.gov.br
Pátria Amada Brasil !!!
COMPARTILHE

Quadro 16: Mensagem encaminhada 98 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

As tabelas 5 e 6 mostram um esforço de estímulo à permanência dos manifestantes em frente aos quartéis, por intermédio do uso de enquadramentos diagnósticos, por vezes combinados com motivacionais:

WhatsApp			
Enquadramento	**Nós**	**Descrição**	**N**
Prognóstico	Solução	Protestar e permanecer nos quartéis, nas ruas, em Brasília	66
Prognóstico	Solução	Intervenção federal ou militar	14
Prognóstico	Solução	Impeachment ou prisão de ministros do STF	6
Prognóstico	Solução	Outros	14
Diagnóstico	Injustiça	Suposta fraude nas urnas ou no processo eleitoral	44
Diagnóstico	Culpado	Judiciário	6
Diagnóstico	Injustiça	Censura	2
Diagnóstico	Outros		7
Motivacional	Apelo ao engajamento	Apelo ao engajamento em ações nas ruas ou no ambiente digital; pedidos de doações	32
Motivacional	Orgulho	Elogios a ações de determinados grupos endógenos ao movimento	6
Motivacional	Construção de identidade	Reforço positivo de características culturais de grupos endógenos ao movimento	8

Tabela 5: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de WhatsApp após o período eleitoral até o dia 31 de dezembro de 2022.

Telegram			
Enquadramento	**Nós**	**Descrição**	**N**
Prognóstico	Solução	Protestar e permanecer nos quartéis, nas ruas, em Brasília	57
Prognóstico	Solução	Intervenção federal ou militar	24
Prognóstico	Solução	Bloquear rodovias	6
Diagnóstico	Injustiça	Suposta fraude nas urnas ou no processo eleitoral	22
Diagnóstico	Culpado	TSE	3
Diagnóstico	Culpado	Infiltrados	1
Diagnóstico	Culpado	Gaviões da Fiel e PCC	1
Motivacional	Apelo ao engajamento	Apelo ao engajamento em ações nas ruas ou no ambiente digital; pedidos de doações	35
Motivacional	Insatisfação	Insatisfação com o número de pessoas mobilizadas	1
Motivacional	Construção de identidade	Reforço positivo de características culturais de grupos endógenos ao movimento	1

Tabela 6: Classificação dos nós encontrados nas mensagens encaminhadas na amostra de grupos de Telegram após o período eleitoral até o dia 31 de dezembro de 2022.

O enquadramento diagnóstico também foi utilizado com frequência, para que a crença ganhasse cada vez mais contornos de realidade incontestável e para que o sentimento de injustiça se mantivesse latente. Poucos dias após o segundo turno, a narrativa de suposta fraude foi bastante utilizada nos grupos em estudo (em 22 mensagens que foram encaminhadas diversas vezes nos grupos de Telegram do corpus) na ocasião da divulgação de uma live no Youtube promovida pelo dono do canal La Derecha Diário, o empresário argentino Fernando Cerimedo, em que faz alegações falsas sobre as urnas eletrônicas[58]. Veja esta mensagem encaminhada 74 vezes nos grupos de WhatsApp analisados:

[58] Ver em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/04/live-que-distorce-informacoes-sobre-urnas-e-assistida-por-415-mil-pessoas.htm

🛑🛑🛑🛑🛑🛑🛑🛑🛑🛑🛑

URGENTE

Para tudo o que você está fazendo agora.

E presta atenção!

O Argentino que revelou as fraudes nas urnas.

Fernando Cerimedo 🇦🇷

Vai fazer segunda Live domingo dia 06-11-2022 as meio dia
As 12:00 horas do horário de Brasília.
Vai trazer mais dados explícitos sobre as fraudes nas urnas.

https://youtu.be/aC8IuyeuFg4

Esse link tem que chegar a todos os patriotas do Brasil 🇧🇷

Você que é patriota tem o dever e a missão de fazer isso chegar aos 4 cantos do Brasil urgentemente

A partir dessa live não restará mais um pingo de dúvidas, daquilo que todos suspeitavam mas tinham provas.
Divulguem essa mensagem urgente.
O Povo Brasileiro precisa ouvir, amanhã esse será vídeo Fará milhões de pessoas saírem as ruas revoltadas com o sistema que elegeu o Ladrão.
🚨🚨🚨🚨🚨🚨🚨🚨🚨🚨🚨

Quadro 17: Mensagem encaminhada 74 vezes na amostra do WhatsApp no período pós-eleitoral

Também dentro do enquadramento diagnóstico, chama a atenção a mensagem mais encaminhada nos grupos de Telegram analisados no período todo (100 vezes), que afirma que a invasão das sedes dos três poderes, ainda por vir naquele momento, seria efetuada por membros da torcida Gaviões da Fiel[59] e da organização criminosa PCC, que estariam em direção a Brasília:

[59] Torcida organizada do time de futebol paulista Corinthians. O time tem um histórico de defesa da democracia desde a ditadura, quando os jogadores protagonizaram o episódio chamado "Democracia Corinthiana". O movimento aconteceu no fim da década de 80 e pedia o fim da ditadura e eleições diretas. Nas eleições, a torcida Gaviões da Fiel se posicionou oficialmente contra o então candidato Jair Bolsonaro.

"ATENÇÃO *Faça chegar a Brasília-DF* *Vários ônibus estão saindo de São Paulo da zona Leste carregando meliantes e torcedores da Gaviões, outros ônibus da radial leste levando "torcedores" e infiltrados do crime PCC para fazer desordem em Brasília-DF.* *Objetivo:* *Invadir o Congresso Senado e tentar invadir o STF.* *Dizendo que são a favor do Bolsonaro.* *Tentarão os mesmos modos operandi que ocorreu no Capitólio Americano.* *Para tentarem jogar a culpa e os crimes nas costas do Presidente.* *Denunciem e façam chegar aos grupos que estão em Brasília-DF, peçam as autoridades que interceptem os ônibus e o pessoal que lá estiver denunciem é urgente.* *Já sairam alguns ônibus e agora es tão saindo mais o filho da minha vizinha esta indo e ela me contou, estão recebendo dinheiro do bandidos através de um pessoal do sindicato e do PT que estiveram na comunidade convidando e aliciando com dinheiro eles pra irem.* *Temo pela vida de meu vizinho vi ele crescer aqui, anda errado mas a mãe é boa e esta sofrendo.* *Avisem urgente enviem para o pessoal do distrito de Brasília-DF.* *Compartilhem.* 🚨🚨🚨🚨🚨🚨🚨"

Quadro 18: Mensagem encaminhada 100 vezes na amostra do Telegram no período pós-eleitoral

A mensagem parece semear o terreno para uma narrativa que seria imediatamente colocada em movimento nos grupos de extrema direita após a invasão[60], a de que a depredação dos edifícios, monumentos e obras de arte havia sido responsabilidade de infiltrados. E a narrativa coloca a culpa em um ator já bastante mobilizado nas campanhas de desinformação - o crime organizado -, conforme o estudo da UFRJ também aponta.

[60] Veja esta notícia do dia 9 de janeiro: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/grupos-bolsonaristas-intensificam-narrativa-de-infiltrados-e-acusam-militares-de-omissao.shtml

Há outras chamadas para ação curiosas, como esta mensagem que convoca os manifestantes a acenderem as lanternas de seus celulares em um determinado momento (mensagem encaminhada 42 vezes nos grupos de WhatsApp do corpus examinado), e que se converteu em uma mobilização real[61]:

ATENÇÃO PATRIOTAS 🟡🟠🟠🟠🟡🟡🟠🟠coloquem seus celulares pra despertar 21:55 e ai acenda a lanterna dele vire para as estrelas todos os satélite dos países da direita vai gravar e contar as pessoas pelo codigo dos celulares, precisamos de 30 milhões é o que o presidente precisa, mesmo que vc não esteja enfrente ao quartel, espalhem para os amigos é hoje as 22:00

Quadro 19: Mensagem encaminhada 42 vezes na amostra do WhatsApp no período pós-eleitoral

Há mensagens que não faziam um ataque direto à integridade do processo eleitoral (e que, portanto, não foram classificadas), mas se dedicavam a difamar os culpados pela injustiça da suposta fraude, ajudando a construir a indignação, principalmente em torno do judiciário e seus atores.

A organização e o trabalho significador desses eventos forneceram o sentido e a legitimidade para a prática contenciosa que viria a seguir. O uso intensivo do enquadramento prognóstico no pós-eleição, associado ao motivacional, apontando para a solução de ir para os quartéis e lá permanecer até que alguma ação inespecífica tomasse contorno em um momento futuro inespecífico, parece corresponder à mobilização que ocorreu de fato nas ruas. Foram pelo menos dois meses de manifestação concentrada em diversos acampamentos em frente aos quartéis generais de várias cidades, até que o chamado final[62] para a concentração no quartel-general de Brasília e a conseguinte invasão das sedes dos três poderes acontecessem.

Vale destacar que a solução de permanecer nos acampamentos em frente aos quartéis é uma das únicas que foram consenso nos grupos analisados. As outras soluções apontadas por vezes se contradizem, como é o caso de pedidos por intervenção federal e intervenção militar.

[61] Ver mais em: https://www.youtube.com/watch?v=Ps3l3WaAizI
[62] Veja mais em: https://apublica.org/sentinela/2023/01/bolsonaristas-usam-codigo-festa-da-selma-para-coordenar-invasao-em-brasilia/

A mensagem abaixo, encaminhada dezenas de vezes tanto nos grupos de WhatsApp como de Telegram analisados, orienta os manifestantes a pedir intervenção militar:

> ⚠️ *DIVULGUEM* ⚠️
>
> 🔰 *RESUMO INTERVENCIONISTA* 🔰
>
> *〽️ Você se sente representado pelo $TF?*
> *Você se sente representado pelo congresso e senado?*
> *Quer tirar todos eles de uma vez?*
>
> *〽️ Se a intenção é Intervenção Militar de verdade (com direito à fechar por tempo indeterminado $tf, congresso e senado pra fazer auditoria, como em 1964) é artigo primeiro que resolveria (que diz que "todo poder emana do povo").*
>
> 🟡 *CONSIDERAÇÕES GERAIS IMPORTANTES:*
>
> ❌ *Artigo 142 é só um fechamento temporário onde o exército NÃO pode auditar nada. Além o mais é ridículo que civis peçam para militares, sendo que é decisão que um dos 3 poderes tem que tomar, não antes de ser votado entre eles mesmos.*
> ❌ *O termo Resistência Civil absolutamente não existe, e é espantoso que tenha até cartilha*
> ❌ *o termo Intervenção Federal é outro engodo: abrange apenas ações pontuais dentro de 01 estado (como o caso da intervenção no RJ pelo Temer)*
> ✅ *o termo INTERVENÇÃO MILITAR é o único termo que permite o fechamento de todos os poderes e sua devida auditoria. Não é constitucional mas é legítimo se o povo rejeitar os 3 poderes.*
>
> 🟡 *OBSERVAÇÕES:*
>
> 🔰 *Forças Armadas não podem se auto acionar porque senão serão acusadas internacionalmente de "golpe militar" (na prática: otan, china e França e o diabo estão aqui por acusação VERÍDICA de golpe).*

⚠️ *Temos que parar tudo até conseguirmos. Não porque o Exército precise ser mimado, mas porque precisam mostrar muito claramente ao mundo que foi o povo que pediu.*

⚠️ *Para não caracterizar golpe, INTERVENÇÃO MILITAR tem que ser pedida na frente de quartéis, onde não haveria dúvida de que foi o povo que mandou o Exército fechar tudo e assumir o controle do país (senão a mídia manipularia).*

⚠️ *O que dizer nas manifestações na frente de quartéis? Pauta e respectivos materiais de comunicação deve ser simples e há uma única exigência: tem que ter o termo INTERVENÇÃO MILITAR. Podem haver pedidos que sugiram da destituição dos 3 poderes ou fechamento do STF, Congresso e Senado*

Quadro 20: Mensagem encaminhada dezenas de vezes na amostra do WhatsApp e do Telegram no período pós-eleitoral

Já essa outra mensagem, também encaminhada dezenas de vezes tanto nos grupos de WhatsApp como de Telegram analisados, explica que o correto é pedir intervenção federal, uma vez que nesta modalidade de intervenção, segundo os autores da mensagem, Bolsonaro permaneceria no poder, ao invés de o poder ser tomado pelas Forças Armadas:

PATRIOTA,

🟢🟡 *IMPORTANTE* 🟡🟢

Entenda:

Art. 142
Se, o povo ou o PR 🇧🇷 *evocar o Art. 142 , esse artigo teria q passar por uma votação no congresso, e fatalmente não passaria, pq o congresso estaria assinando sua própria sentença.*

INTERVENÇÃO MILITAR
O povo vai para as ruas, levantando cartazes pedindo I.M. Os militares vão p as ruas, em resposta aos anseios da população desfaz o congresso, desfaz o STF, prende quem tem

q prender, exila quem tem q exilar, mas o PR 🇧🇷 fica no poder por mais 03 meses apenas, em 03 meses convoca uma nova eleição e o PR 🇧🇷 não pode se candidatar.

INTERVENÇÃO FEDERAL
Realizada pelos mesmos militares da I.M. mas se formos p as ruas pedindo INTERVENÇÃO FEDERAL,
Os militares fazem a mesma coisa q fariam na I.M. só que o PR 🇧🇷 permanece no poder, sem a necessidade de nova eleição, o PR 🇧🇷 termina o mandato dele, com direito a uma reeleição, é o caso do Bolsonaro.

É importante o povo pedir na MANIFESTAÇÃO,

**INTERVENÇÃO FEDERAL* com manutenção do Bolsonaro no poder. E nessa I.F. o PR 🇧🇷 instaura o Tribunal Superior Militar, onde este tem mais poder que o STF, por isso os Ministros seriam presos, assim como vários políticos.*
🤝🇧🇷

Quadro 21: Mensagem encaminhada dezenas de vezes na amostra do WhatsApp e do Telegram no período pós-eleitoral

A análise dos dois momentos (campanha e pós-eleição) permite ver com clareza duas construções distintas de sentido. Durante a campanha, houve um esforço constante de mobilizar o enquadramento diagnóstico para reforçar a condição de injustiça. A crença compartilhada era a de que a injustiça (fraude no processo eleitoral) estava se concretizando e o culpado era a justiça eleitoral, por muitas vezes centralizada na figura do ministro Alexandre de Moraes, que é ao mesmo tempo ministro do STF e presidente do TSE (até junho de 2024). Em ambas as cortes, o ministro tomou decisões que desagradaram Bolsonaro e seus apoiadores. Cada decisão da justiça eleitoral ou acontecimento relacionado ao processo eleitoral eram utilizados como uma evidência potencial de fraude: a demissão de um funcionário do TSE, o número de inserções de propaganda política dos candidatos em rádios, falas dos atores, etc. Fatos inverídicos também foram utilizados para mobilizar a construção das narrativas: ataques virtuais estrangeiros, "algoritmos" da urna, notícias de modificações nas urnas, etc.

Após a campanha, os esforços foram claramente centrados em manter as pessoas nas ruas, mais especificamente em frente aos quartéis, aguardando um evento inespecífico, porém resolutivo. Há uma disseminação farta não apenas de chamados para a ação, mas de orientações específicas sobre datas, locais e ações permitidas e encorajadas ou proibidas e desencorajadas. Embora não seja possível afirmar que as amostras analisadas correspondam ao universo total de bolsonaristas, muitas das mensagens captadas neste estudo correspondem a mobilizações reais documentadas, como a inflação instantânea de seguidores no Instagram do Exército, as lanternas de celulares acesas em um determinado momento e a própria permanência dos manifestantes em frente aos quartéis.

Considerações finais

Esta dissertação contribui para a compreensão de como as tecnologias são apropriadas por atores políticos de ultradireita e auxilia no debate sobre como os aplicativos de mensagens privadas podem ser instrumentalizados para atacar a integridade eleitoral, na esteira das discussões globais contemporâneas sobre a crise da democracia. A pesquisa aprimora o entendimento de como esses aplicativos são aproveitados para campanhas de desinformação, complementando estudos anteriores que revelaram a função exclusiva da mensageria privada na estratégia multiplataforma empregada pela ultradireita brasileira e as evidências de ação coordenada em rede e automação em sua operação. A pesquisa também contribui para a expansão do debate sobre a ultradireita como movimento social, ao analisar as características compartilhadas de identidade coletiva do bolsonarismo, em consonância com a definição de Diani (1992) de movimentos sociais e com as propostas de Gattinara e Pirro (2018) sobre observar a ultradireita como um movimento social.

O WhatsApp é fundamental para a comunicação privada no Brasil. Para algumas pessoas no país, o WhatsApp representa a Internet como um todo. Enquanto isso, o Telegram tem se tornado cada vez mais popular entre os eleitores de direita nos últimos anos. É por isso que os dois aplicativos são atualmente tão importantes para a estratégia de comunicação da ultradireita brasileira. Em 2018, grupos do WhatsApp foram fartamente usados pela campanha de Jair Bolsonaro, fato bastante documentado pela academia desde então. No contexto das eleições de 2022, embora ele não tenha vencido o pleito, a ultradireita foi capaz de mobilizar apoiadores em várias cidades e convencer centenas de pessoas a invadir e vandalizar prédios na capital do país. Os aplicativos de mensageria foram instrumento de uma estratégia multiplataforma de escoamento de enquadramentos, em conjunto com a atuação golpista do próprio governo, conforme revelado pela PF, e com diversas estratégias de um manual de campanha de manipulação do debate público, especialmente no ambiente digital, que tinham o objetivo de convencer o eleitor da existência de uma fraude no sistema eleitoral como um todo, não apenas nas urnas.

Dada a capilaridade desses aplicativos no Brasil e as evidências a favor de sua manipulação direta, é possível entender como meses de ataques retóricos ao processo eleitoral levaram às invasões em 8 de janeiro de 2023. A pesquisa apresentada nesta dissertação mostra que, durante a campanha eleitoral, a ultradireita semeou a desconfiança com relação ao sistema

eleitoral privilegiando um enquadramento diagnóstico, expondo incessantemente a injustiça e os culpados. As mensagens enviadas no período de campanha tentaram convencer os eleitores de que a Justiça Eleitoral (o culpado designado) cometeria fraude nas próximas eleições presidenciais (a injustiça apontada). Depois que Bolsonaro foi derrotado, a ultradireita se concentrou em quadros de prognóstico seguidos de um tom motivacional. A solução proposta era que os apoiadores de Bolsonaro saíssem às ruas, protestassem e permanecessem lá até o momento em que algum evento importante levaria a um resultado diferente do resultado das urnas.

Esses enquadramentos foram mobilizados em uma estratégia multiplataforma (conforme demonstram outros estudos citados aqui), combinados à aplicação de uma série de estratégias, organizadas nesta dissertação em formato de um manual. De maneira planejada, consistente e permanente, o bolsonarismo conseguiu sequestrar o debate público, antagonizar com a Justiça Eleitoral e mobilizar e calcificar uma crença. O efeito direto dessas estratégias foi uma ampla mobilização nas ruas, que durou várias semanas e se estendeu por várias cidades. Vimos os partidários do ex-presidente acamparam em frente ao quartel-general do exército mesmo durante os feriados de fim de ano de 2022 enfrentando chuva, dormindo em barracas e comendo alimentos doados. Eles acreditavam que a fraude eleitoral havia sido cometida, e algumas pessoas, por sua vez, estavam dispostas a cometer crimes para honrar essa crença. A convicção se espalhou por uma série de diferentes tipos de eleitores, conforme demonstrado pela pesquisa AtlasIntel, e não apenas por um punhado de seguidores mais radicais. Assim, pessoas comuns foram estimuladas a se comportar de forma extrema.

Os dados, porém, têm suas limitações. Não é possível afirmar que os grupos monitorados representem o universo amplo da ultradireita brasileira. Tampouco é possível afirmar que foram coletadas todas as mensagens de ataque à integridade eleitoral que foram disseminadas naquele período. O estudo se concentra apenas em plataformas de mensageria privada, sem investigar se há correspondência em enquadramentos utilizados em outras plataformas abertas como Twitter, Facebook ou Youtube.

Por se tratar de uma pesquisa que não coleta informações capazes de identificar os usuários, não foi possível investigar, neste estudo, se há indícios de comportamento automatizado de envio de mensagens ou algum tipo de manipulação dos grupos. Finalmente, o estudo não

analisa a correspondência entre o que é dito por usuários em grupos de mensageria privada com os discursos públicos de atores políticos relevantes sobre o mesmo tema. Estudos complementares são necessários para confirmar esses tipos de abusos e direcionamentos. É, portanto, uma contribuição limitada, mas ainda assim relevante para a literatura.

É importante, ainda, destacar que não é tarefa simples encontrar bases de dados disponíveis, públicas e organizadas de coleta de mensagens em grupos de WhatsApp e Telegram. Muitas bases são de empresas privadas e, em muitos casos, os projetos de pesquisa que fazem essas coletas não podem repassar os dados, por se tratar de informações pessoais, que podem levar a identificação de indivíduos, o que é ilegal no Brasil.

Referências bibliográficas

ABELIN, P. **The Crisis of Liberal Democracy and New Technologies: A Case Study of the Free Brazil Movement.** Cescontexto, n. 27, p. 53-84, 2020.

ABERS, R. N. **Ativismo institucional: criatividade e luta na burocracia brasileira.** Brasília: Editora UnB, 2021.

ABERS, R. N.; VON BÜLOW, M. **Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre estado e sociedade?**. Sociologias, v. 13, n. 28, p. 52–84, 2011.

ABERS, R. N., VON BÜLOW, M. **Against Denialism: Mobilizing ideas and emotions in Brazil's pandemic**. 2023 Mobilization Conference, San Diego State University, June 8-10, 2023.

ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo et al. **O papel das plataformas digitais na proteção da integridade eleitoral em 2022**, Balanço 1, set. 2022. Disponível em: https://democraciapedesocorro.com/wp-content/uploads/2022/09/O-PAPEL-DAS-PLATAFORMAS-DIGITAIS-NA-PROTECAO-DA-INTEGRIDADE-ELEITORAL-EM-2022-1.pdf. Acesso em: 23 de junho de 2024.

AL JAZEERA. **Why is India's Citizenship Amendment Act so controversial?** 12 de março de 2024. Disponível em: https://www.aljazeera.com/news/2024/3/12/why-is-indias-citizenship-amendment-act-so-controversial. Acesso em: 23 de junho de 2024.

ALVES, M. et al. **Disinformation and 2022 elections in Brazil: lessons learned from South-to-South context.** INCT em Disputas e Soberanias Informacionais, 2023.

ALVES NETO, P. et al. PF diz que Bolsonaro, ex-ministros e militares se dividiram em seis núcleos para tentar golpe de Estado; entenda. **G1**. Brasília, 08 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/08/pf-diz-que-bolsonaro-ex-ministros-e-militares-atuavam-em-seis-nucleos-em-tentativa-de-golpe-de-estado-entenda.ghtml#1. Acesso em: 23 de junho de 2024.

AMADO, G. **Sem máscara: O governo Bolsonaro e aposta pelo caos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ANHEIER, H. K. et al. **Movement cycles and the Nazi Party: activities of the Munich NSDAP**, 1925–1930. Am. Behav. Sci. 41:1262–81, 1998.

BARTLETT, J. **Populism, social media and democratic strain.** In: SANDELIND, Clara (Org.). European populism and winning the immigration debate. Estocolmo: Scandbook, p. 99–114, 2014.

BAPTISTA, E. et al. **A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook.** University of Liverpool, Liverpool, v. 13, n. 3, p. 29-46, 2019.

BASSETS, M. Em queda nas pesquisas, Trump fala em fraude eleitoral. **El País**. Washington, 18 de outubro de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/17/internacional/1476715533_289127.html. Acesso em: 23 de junho de 2024.

BASTOS, M. T.; RECUERO, R. **The Insurrectionist Playbook: Jair Bolsonaro and the National Congress of Brazil.** Social Media + Society, v. 9, n. 4, 2023.

BENFORD, R; SNOW, D. **Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment.** Annual Review of Sociology, 26, 611-39, 2000.

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics**. Nova York: Oxford Academic Press, 2018.

BENTES, A. Comunicação política da extrema-direita nas eleições de 2022: Análise das narrativas de desinformação no Telegram. In: **E-Compós**. 2023.

BLUE, G. **Framing Climate Change for Public Deliberation: What Role for Interpretive Social Sciences and Humanities?**. Journal of Environmental Policy & Planning, v. 18, n. 1, p. 67–84, 2016.

BRAGON, R. Em dois anos, Bolsonaro esvaziou órgãos que cuidam de questões ambientais, indígenas e agrárias. **Folha de S. Paulo**. Brasília, 28 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/12/em-dois-anos-bolsonaro-promove-desmonte-no-meio-ambiente-funai-e-reforma-agraria.shtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

CAIANI, M.; DELLA PORTA, D. **The radical right as social movement organizations.** In: RYDGREN, J. The Oxford handbook of the radical right. Nova York: Oxford University Press, 2018.

CASSELA, V; PARREIRA, M. Em vídeo apreendido pela PF, Bolsonaro e auxiliares trocam falas golpistas; ex-presidente ordenou disseminação de fake news. **G1**. Brasília, 08 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/08/em-video-de-posse-da-pf-bolsonaro-e-auxiliares-discutiram-golpe-as-pesquisas-estao-exatamente-certas.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

CESARINO, L. **Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, v. 82, 2022.

CETIC.BR. TIC Domicílios 2023. **NIC.BR.** Disponível em: https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/. Acesso em: 23 de junho de 2024.

CHAGAS, V. **Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil.** Estudos Históricos, v. 34, p. 169-196, 2021.

CHAGAS, V. WhatsApp and Digital Astroturfing: A Social Network Analysis of Brazilian Political Discussion Groups of Bolsonaro's Supporters. **International Journal of Communication**, v. 16, p. 25, 2022. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17296>. Acessado em: 22 de junho de 2024.

CHRISTOPHER, P.; MATTHEWS, M. **The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It.** Santa Monica: RAND Corporation, 2016.

CNN. **Sergio Moro pede demissão e acusa Bolsonaro de interferência na PF.** São Paulo, 24 de abril de 2020. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro/. Acesso em: 23 de junho de 2024.

COSTA, A. **A teia do golpe.** Piauí, Rio de Janeiro, Junho de 2023.

COHEN, S. Crescimento da extrema direita impõe instabilidade em Portugal e complicará governabilidade. **G1**. Lisboa, 11 de março de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2024/03/11/terceira-forca-politica-chega-impora-instabilidade-e-complicada-governabilidade-em-portugal.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Polícia de Berlim dispersa marcha de negacionistas da covid.** Berlim, 29 de agosto de 2020. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/pol%C3%ADcia-de-berlim-dispersa-marcha-de-negacionistas-da-covid-19/a-54753482. Acesso em: 23 de junho de 2024.

DIANI, M. The Concept of Social Movement. **Sociological Review,** v. 40, n. 1, p. 1–25, 1992.

DIAS, T. **"É uma batalha de narrativas": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook**. 2017. 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DIAS, T.; VON BÜLOW, M.; GOBBI, D. **Populist Framing Mechanisms and the Rise of Right-wing Activism in Brazil**. Latin American Politics and Society, v. 63, n. 3, p. 69-92, 2021.

DIP, A.; FRANZEN, N. Especialistas apontam semelhanças entre os 300 de Sara Winter e grupos fascistas europeus. **Agência Pública**. Brasil, 28 de maio de 2020. Disponível em: https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhancas-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/. Acesso em: 23 de junho de 2024.

DOMINGOS, R. É #FAKE que TSE considerou crime em março Petrobras diminuir preço dos combustíveis em ano eleitoral. **G1**. 08 de setembro de 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/09/08/e-fake-que-tse-considerou-crime-em-marco-petrobras-diminuir-preco-dos-combustiveis-em-ano-eleitoral.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

DRAKULICH, K.; WOZNIAK, K.; HAGAN, J.; JOHNSON, D. **Race and policing in the 2016 presidential election: Black lives matter, the police, and dog whistle politics.** Criminology, v. 58, p. 370–402, 2020.

EARL, J.; KIMPORT, K. **Digitally enabled social change.** 2011.

EATWELL, R.; MUDDE, C. **Western democracies and the new extreme right challenge.** Londres: Routledge, 2004.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos.** São Paulo: Vestígio, 2020.

ENGELBERTUS, W. et al. **Domesticating WhatsApp Groups: Indonesian Women's Experience with Misinformation and Hate Speech in the 2019 Election.** Jurnal Komunikasi: Malaysian Journal of Communication. v. 39, p. 372-390, 2023.

ENGESSER, S.; FAWZI, N.; LARSSON, A. **Populist online communication: introduction to the special issue.** Information, Communication and Society, v. 20, n. 92, p. 1279–1292, 2017.

ENTMAN, R. **Framing toward clarification of a fractured paradigm. Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.

FERREIRA, J. **Radicalização política e juventude no Brasil: a formação de identidade coletiva nas comunidades gamers no Discord**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília. Brasília, 2023.

FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.

FLAXMAN, S.; GOEL, S.; RAO, J. M. Filter bubbles, echo chambers, and online news consumption. **Public opinion quarterly**, v. 80, n. S1, p. 298-320, 2016.

FLOR, A. Além de espionar desafetos, governo Bolsonaro usava Abin para monitorar entorno dos filhos do presidente. **G1**. Brasília, 25 de janeiro de 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2024/01/25/alem-de-adversarios-governo-bolsonaro-usava-abin-para-rastrear-entorno-dos-filhos-do-presidente-dizem-investigadores.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

FONSECA, B.; SCOFIELD, L. **Bolsonaristas usam código "Festa da Selma" para coordenar invasão em Brasília**. Agência Pública. Disponível em: https://apublica.org/sentinela/2023/01/bolsonaristas-usam-codigo-festa-da-selma-para-coordenar-invasao-em-brasilia/. Acessado em: 6 de julho de 2023.

FRASER, N. **Justice Interruptus: Critical Reflections on the "Postsocialist" Condition.** Nova York: Routledge, 1997.

FREEDMAN, D. **Populism and media policy failure.** European Journal of Communication, v.33, n. 6, p. 604-618, 2018.

GAMSON, W. A. **Political consciousness.** In: Talking politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 1–12.

GATTINARA, P.; PIRRO, A. The far right as social movement. **European Societies**, 2018.

GARIMELLA, K.; ECKLES, D. **Images and Misinformation in Political Groups: Evidence from WhatsApp in India.** Harvard Kennedy School Misinformation Review, 2020.

GEORGE, A. L.; BENNETT, A. **Designing Case Study Research.** In: Case Studies and Theory Development in the Social Sciences. 1st. ed. Cambridge: MIT Press, 2005. p. 73–88.

GERBAUDO, P. **Populism 2.0: social media activism, the generic Internet user and interactive direct democracy.** In: GERBAUDO, Paolo. Social media, politics and the state: protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and YouTube. London:Taylor and Francis, p. 67–87, 2014.

GERBAUDO, P. **Social media and populism: an elective affinity?** Media, Culture & Society, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018.

GIL DE ZÚÑIGA, H.; ARDÈVOL-ABREU, A.; CASERO-RIPOLLÉS, A. **WhatsApp Political Discussion, Conventional Participation and Activism: Exploring Direct, Indirect and Generational Effects.** Information Communication and Society. v. 24, p. 201–218, 2021.

GESCHKE, D.; LORENZ, J.; HOLTZ, P. The triple‐filter bubble: Using agent‐based modelling to test a meta‐theoretical framework for the emergence of filter bubbles and echo chambers. **British Journal of Social Psychology**, v. 58, n. 1, p. 129-149, 2019.

GONZÁLEZ-PADILLA, D.; TORTOLERO-BLANCO, L. **Social media influence in the COVID-19 Pandemic.** Int Braz J Urol. v. 46, n. 1, p. 120-124, 2020.

GOUNARI, P. **From Twitter to Capitol Hill: Far-Right Authoritarian Populist Discourses, Social Media and Critical Pedagogy.** Leiden: Brill, 2022.

GROSHEK, J.; KOC-MICHALSKA, K. **Helping populism win? Social media use, filter bubbles, and support for populist presidential candidates in the 2016 US election campaign.** Information, Communication & Society, v. 20, n. 9, p. 1389–1407, 2017.

G1. **PSDB pede ao TSE auditoria para verificar 'lisura' da eleição.** 30 de outubro de 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html. Acesso em: 23 de junho de 2024.

HABERMAS, J. **Between Facts and Norms: Contributions to a Discourse Theory of Law and Democracy.** Cambridge: Polity Press, 1996.

HELLER, J. Netanyahu alleges Israeli election fraud, accuses rival of duplicity. **Reuters.** 06 de junho de 2012. Disponível em: https://www.reuters.com/world/middle-east/israels-netanyahu-alleges-election-fraud-accuses-rival-duplicity-2021-06-06/. Acesso em: 23 de junho de 2024.

HIRABASI, G.; TORTELLA, T. Alexandre de Moraes determina bloqueio do Telegram no Brasil. **CNN.** Brasil, 18 de março de 2022. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/alexandre-de-moraes-determina-bloqueio-do-telegram-no-brasil/#:~:text=O%20ministro%20Alexandre%20de%20Moraes,sexta%2Dfeira%20(18).. Acesso em: 23 de junho de 2024.

HOSEINI, M. et al. **On the Globalization of the QAnon Conspiracy Theory Through Telegram.** Proceedings of the 15th ACM Web Science Conference 2023 (WebSci '23), Nova York, p. 75–85, 2023.

ISAAC, M.; ROOSE, K. **Disinformation spreads on WhatsApp ahead of Brazilian election.** The New York Times, New York, 19 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/10/19/technology/whatsapp-brazil-presidential-election.html . Acesso em: 22 de junho de 2024.

JACOBSON, G. C. **Donald Trump's Big Lie and the Future of the Republican Party.** *Presidential Studies Quarterly* 51 (2): 273–89. https://doi.org/10.1111/psq.12716. 2021.

JAKOB, J. **Supporting digital discourse? The deliberative function of links on Twitter.** New Media & Society,London, v. 24, n. 5, p. 1196-1215, 2020.

JOATHAN, I.; LILLEKER, D. **Permanent Campaigning: A Meta-Analysis and Framework for Measurement.** Journal of Political Marketing, 2020.

JÚNIOR, M. et al. **Towards Understanding the Use of Telegram by Political Groups in Brazil.** In: Proceedings of the Brazilian Symposium on Multimedia and the Web (WebMedia '21). Association for Computing Machinery, New York, p. 237–244, 2021.

KERCHE, F. Bolsonaro, o MPF e o equilibrista-geral da República. In: AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Orgs). **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KOVACS, E. R.; COTFAS, L. A.; DELCEA, C. **January 6th on Twitter: measuring social media attitudes towards the Capitol riot through unhealthy online conversation and sentiment analysis.** Journal of Information and Telecommunication, v. 8, n. 1, p. 108–129, 2023.

LABOISSIÈRE, P. Empresários são alvos de ação que busca financiadores do 8 de janeiro. **Agência Brasil**. Brasília, 29 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-02/empresarios-sao-alvos-de-acao-que-busca-financiadores-do-8-de-janeiro. Acesso em: 23 de junho de 2024.

LACLAU, E. **On populist reason**. Londres, Verso, 2005.

LEISER, M. **AstroTurfing, 'CyberTurfing' and other online persuasion campaigns.** European Journal of Law and Technology, v. 7, n. 1, p. 1-27, 2016.

LEVISTKY, S.; ZIBLATT, D. **Como salvar a democracia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LEVISTKY, S.; ZIBLATT, D. **How democracies die**. New York: Crown, 2018.

LIMA, B. Mauro Cid deu R$ 100 mil para manifestantes apoiarem golpe em Brasília. **Metrópoles**. Brasília, 08 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/mauro-cid-deu-r-100-mil-para-manifestantes-apoiarem-golpe-em-brasilia?utm_campaign=guilherme_amado_especial_82&utm_medium=email&utm_source=RD+Station. Acesso em: 23 de junho de 2024.

LINTON, C. **Twitter suspends Proud Boys, Gavin McInnes accounts ahead of Unite the Right rally.** Disponível em: https://www.cbsnews.com/news/proud-boys-gavin-mcinnes-twitter-suspension-today-unite-the-right-2018-08-10/. Acesso em: 22 de junho de 2024.

LLACH, L. Migrant hunters in Greece show off captured 'trophies' after wildfire season. **Euronews**. Grécia, 30 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.euronews.com/2023/08/30/migrant-hunters-in-greece-show-off-captured-trophies-after-wildfire-season. Acesso em: 23 de junho de 2024.

MARWICK, A.; LEWIS, R. **Manipulação da mídia e desinformação online**. Data & Society. 2017.

MARONA, M. O TSE na linha de frente da democracia defensiva: a flor e a náusea. In: AVRITZER, L.; SANTANA, E.; BRAGATTO, R. (Orgs). **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MARONA, M.; MAGALHÃES, L. Guerra e Paz? O Supremo Tribunal Federal nos dois primeiros anos do governo Bolsonaro. In: AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Orgs). **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MASON, P. **How to stop fascism.** Dublin: Penguin, 2021.

MAWEU, J. M. **"Fake Elections"? Cyber Propaganda, Disinformation and the 2017 General Elections in Kenya**. African Journalism Studies, v. 40, n. 4, p. 62–76. https://doi.org/10.1080/23743670.2020.1719858. 2019.

MCCAUSLAND, P. With No Evidence, Trump Claims 'Millions' Voted Illegally. **NBC News**. Washington, 27 de novembro de 2016. Disponível em: https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/tweet-flurry-president-elect-donald-trump-calls-recount-efforts-sad-n688761. Acesso em: 23 de junho de 2024.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. **The Agenda-Setting Function of Mass Media.** The Public Opinion Quarterly, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MCDONNELL, D.; CABRERA, L. **The right-wing populism of India's Bharatiya Janata Party (and why comparativists should care).** Democratization, v. 26, n. 3, p. 484–501, 2018.

MCKAY, S.; TENOVE, C. **Disinformation as a Threat to Deliberative Democracy.** Political Research Quarterly, v. 74, n. 3, p. 703-717, 2020.

MELO, P. et al. **Can WhatsApp Counter Misinformation by Limiting Message Forwarding?**, 2019.

MELLO, P. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 18 de outubro de 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

MELLO, P.; GALF, R. **Grupos bolsonaristas intensificam teoria falsa de infiltrados e acusam militares de omissão.** Folha de S. Paulo. São Paulo, 9 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/grupos-bolsonaristas-intensificam-narrativa-de-infiltrados-e-acusam-militares-de-omissao.shtml. Acessado em 26 de junho de 2023.

MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. **Frame Analysis**. In: SELEN A. et al. Research Methods in Deliberative Democracy. Nova York: Oxford University Press, 2022.

MENEZES, L. Após vitória de Milei, apoiadores abandonam alegações falsas de fraude eleitoral. **Aos Fatos.** 21 de novembro de 2023. Disponível em:

https://www.aosfatos.org/bipe/vitoria-milei-alegacoes-falsas-fraude-eleitoral/. Acesso em: 23 de junho de 2024.

MERRIN, W. **President Troll: Trump, 4Chan and Memetic Warfare.** In: HAPPER, C., HOSKINS, A., MERRIN, W. (Orgs). Trump's Media War. Palgrave Macmillan, 2019.

MOLAS, B. **The insurrection wave: A comparative assessment of anti-government attacks in Germany, the US, and Brazil**. International Centre for Counter Terrorism, 2023

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

MUDDE, C. **The Far-Right Threat in the United States: A European Perspective.** The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, v. 699, n. 1, 2022.

MUNN, L. **More than a mob: Parler as preparatory media for the U.S. Capitol storming.** First Monday, v. 26, n. 3, 2021.

NADLER, A. **Populist communication and media environments.** Sociology Compass, v. 13, n. 8, 2019.

NASCIMENTO, D. Brasil: Telegram tem 5x mais usuários que em 2019, mas pouco engajamento. **MacMagazine**. Brasil, 05 de setembro de 2023. Disponível em: https://macmagazine.com.br/post/2023/09/05/brasil-telegram-tem-5x-mais-usuarios-que-em-2019-mas-pouco-engajamento/#:~:text=Telegram%20%C3%A9%20usado%20por%2065,brasileiros%3B%20WhatsApp%2C%20por%2099%25. Acesso em: 23 de junho de 2024.

NASCIMENTO, L. et al. **Públicos refratados: grupos de extrema-direita brasileiros na plataforma Telegram.** Internet & Sociedade, v. 3, n. 1, ago. 2022.

NASCIMENTO, G. **A circulação de desinformação no whatsapp durante a campanha eleitoral de 2018.2020.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) –

Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Palmas, 2020.

NETLAB UFRJ. **Primeiro Turno Eleições 2022 Especial Mensageria: Narrativas, estratégias e fluxo de desinformação.** Disponível em: https://uploads.strikinglycdn.com/files/718c9ffd-7ac0-47a5-a022-fb9e318ca156/Resultados_%201o%20turno.pdf. Acesso em: 6 de julho de 2023.

NEWMAN, N. et al. **Reuters Institute Digital News Report 2023**. Reuters Institute, 2023.

NICAS, J.; ALCOBA, N.; HERRERA, L. Milei repete fórmula de Trump e Bolsonaro ao apontar fraudes sem evidências. **Folha de S. Paulo**. Buenos Aires, 17 de novembro de 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/11/milei-repete-formula-de-trump-e-bolsonaro-ao-apontar-fraudes-sem-evidencias.shtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

NOBRE, M. **Limites da democracia**. São Paulo: Todavia, 2022.

NORD, M. et al.. **Democracy Report 2024: Democracy Winning and Losing at the Ballot.** University of Gothenburg: V-Dem Institute, 2024

NUNES, R. **Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLIVEIRA, A. **Democracia, Populismo e Discurso do Voto Impresso: Análise de Conteúdo no Facebook por Mineração de Texto e Redes Semânticas**. Dados Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 67, n. 4, 2024

PARKS, M.; KARLSON, K. A step-by-step look at Trump's falsehoods on mail-in voting: Analysis. **ABC News**. 01 de outubro de 2020. Disponível em: https://abcnews.go.com/Politics/step-step-trumps-falsehoods-mail-voting-analysis/story?id=73354979. Acesso em: 23 de junho de 2024.

PARISER, E. **The filter bubble: How the new personalized web is changing what we read and how we think**. Penguin, 2011.

PATEMAN, C. **Participatory Democracy Revisited.** Perspectives on Politics, v. 10, n. 1, p. 7-19, 2012.

PEDUZZI, P.; RODRIGUES, A. General defendeu rompimento institucional para manter Bolsonaro. **Agência Brasil.** Brasília, 09 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-02/general-defendeu-rompimento-institucional-para-manter-bolsonaro. Acesso em: 23 de junho de 2024.

PIAIA, V.; ALVES, M. **Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp.** Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 43, n. 3, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, R.; FEIXO, A. (orgs). **Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova direita e Desdemocratização.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

PIRRO, A.; STANLEY, B. **Forging, Bending, and Breaking: Enacting the "Illiberal Playbook" in Hungary and Poland.** Perspectives on Politics. v. 20, n. 1, p. 86-101, 2022.

PONTES, F. Ex-comandante do Exército confirma reunião com Bolsonaro sobre golpe. **Agência Brasil**. Brasília, 15 de março de 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-03/ex-comandante-do-exercito-confirma-reuniao-com-bolsonaro-sobre-golpe. Acesso em: 23 de junho de 2024.

PRADO, M. **Tempestade ideológica: Bolsonarismo: A alt-right e o populismo iliberal no Brasil.** São Paulo, Lux, 2021.

PRZEWORSKI, A. **Democracy and the Market**. Nova York: Cambridge University Press, 1991.

PRZEWORSKI, A. **Crises da Democracia.** São Paulo: Zahar, 2020.

QUESADA, J.; FOWKS, J. Keiko Fujimori denuncia sin pruebas fraude electoral y agita el tramo final del escrutinio de votos en Perú. **El País.** Lima, 08 de junho de 2021. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2021-06-08/keiko-fujimori-denuncia-sin-pruebas-fraude-electoral-y-agita-el-tramo-final-del-escrutinio-de-votos-en-peru.html. Acesso em: 23 de junho de 2024.

RECUERO, R. **#FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018**. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte , v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020.

RIBEIRO, L; OLIVEIRA. V. Eu quero que o povo se arme. In: AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Orgs). **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises. O liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2021.

RODRIGUES, M.; GOMES, P.; BARBIÉRI, L. Bolsonaro reúne embaixadores para repetir sem provas suspeitas já esclarecidas sobre urnas. **G1.** Brasília, 18 de julho de 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/18/bolsonaro-reune-embaixadores-para-repetir-sem-provas-suspeitas-ja-esclarecidas-sobre-urnas.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

ROSSING, J. **Dog Whistle Politics: How Coded Racial Appeals Have Reinvented Racism and Wrecked the Middle Class.** Rhetoric and Public Affairs, v. 20, n. 1, p. 180–183, 2017.

ROTHBART, D.; STEBBINS, D. M. **The proud boys raging righteously at the U.S. capitol on January 6, 2021: A hate group in action.** Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology, v. 29, n. 4, 426–436, 2023.

RUEDIGER, M. et al. **Desinformação on-line e contestação das eleições: quinze meses de postagens sobre fraude nas urnas eletrônicas e voto impresso auditável no Facebook.** Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2022.

SANDEL, M. **O descontentamento da democracia: uma nova abordagem para tempos periculosos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023

SANTOS, N.; CHAGAS, V.; MARINHO, J. **De onde vem a informação que circula em grupos bolsonaristas no WhatsApp.** Intexto, Porto Alegre, n. 53, 2022.

SCHWARZ, O.; SHANI, G. Culture in mediated interaction: Political defriending on Facebook and the limits of networked individualism. **American Journal of Cultural Sociology**, v. 4, p. 385-421, 2016.

SENADO FEDERAL. **Pesquisa DataSenado: Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade de Dados na Internet.** DataSenado: Brasília, 2019.

SIMÕES, E. **AtlasIntel: para 38%, ataques no DF se justificam em algum nível.** Reuters, São Paulo. 10 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/atlasintel-para-38-ataques-no-df-se-justificam-em-algum-nivel/. Acessado em 26 de junho de 2023.

SCHUMANN, S. et al. **Social media use and support for populist radical right parties: assessing exposure and selection effects in a two-wave panel study.** Information, Communication & Society, v. *24*, n. 7, p. 921–940, 2019.

SNOW, D. et al. **Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation**. American Sociological Review, Austin, v. 51, n.4, p. 464-481, 1986.

SNOW, D.; BENFORD, R. **Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization.** International Social Movement Research, v. 1, p. 197-217, 1988.

SNOW, D..; VLIEGENTHART, R.; KETELAARS, P. **The Framing Perspective on Social Movements: Its Conceptual Roots and Architecture**. Em: SNOW, D. et al. (Eds.). **The Wiley Blackwell Companion to Social Movements**. 2. ed. Oxford: John Wiley & Sons Ltd, p. 392–410, 2019.

SOARES, J.; CRAVO, A. Campanha de Bolsonaro pede que TSE investigue se rádios do Nordeste e Norte deixaram de veicular propaganda obrigatória. **O Globo.** Brasília, 24 de outubro de 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/campanha-de-bolsonaro-pede-que-tse-investigue-se-radios-do-nordeste-deixaram-de-veicular-propaganda-obrigatoria.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

TALENTO, A.; MUNIZ, M.; SHINOHARA, G. TSE desconfia de atuação de servidor, que é exonerado e procura PF para prestar depoimento. **O Globo**. Brasília, 26 de outubro de 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/10/tse-desconfia-de-atuacao-de-servidor-que-e-exonerado-e-procura-pf-para-prestar-depoimento.ghtml. Acesso em: 23 de junho de 2024.

TAUB, A.; FISHER, M. **How YouTube misinformation resolved a WhatsApp mystery in Brazil**. The New York Times, New York, aug. 15, 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/08/15/the-weekly/how-youtube-misinformation-resolved-a-whatsapp-mystery-in-brazil.html. Acesso em: 22 de junho de 2024.

THE WIRE. **'Delhi Riots Began With Kapil Mishra's Speech, Yet No Case Against Him': Minority Commission Report.** Nova Delhi, 16 de julho de 2020. Disponível em: https://thewire.in/communalism/delhi-riots-kapil-mishra-minority-commission-report. Acesso em: 23 de junho de 2024.

TSE. **Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos.** Brasília, 30 de junho de 2023. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos#:~:text=Por%20maioria%20de%20votos%2C%20TSE%20declara%20Bolsonaro%20ineleg%C3%ADvel%20por%208%20anos,-Plen%C3%A1rio%20reconheceu%20o&text=Por%20maioria%20de%20votos%20(5,a%20partir%20das%20Elei%C3%A7%C3%B5es%202022. Acesso em: 23 de junho de 2024.

TSE. **Nota à imprensa**. 26 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/nota-a-imprensa. Acesso em: 23 de junho de 2024.

UNICEF. **Crise migratória venezuelana no Brasil.** Disponível em https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil. Acesso em: 23 de junho de 2024.

UOL. **Sara Winter: recebi 'orientações' de Heleno para atacar o STF; general nega.** São Paulo, 22 de novembro de 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/11/22/sara-winter-heleno-stf.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 23 de junho de 2024.

VALERIANI, A.; VACCARI, C. **Political talk on mobile instant messaging services: A comparative analysis of Germany, Italy, and the UK.** Information, Communication & Society, v. 21, n. 11, p. 1715–1731, 2018.

VALFRÉ, V. et al. **Live que distorce informações sobre urnas é assistida por 415 mil pessoas.** Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 de novembro de 2022. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/04/live-que-distorce-inf

ormacoes-sobre-urnas-e-assistida-por-415-mil-pessoas.htm. Acesso em: 26 de junho de 2023.

VALLE, V. Bolsonarismo: formação e lógicas de atuação. In: BUZETTO, M. (org). **Democracia e direitos humanos no brasil: A ofensiva das direitas.** São Paulo: CUT, 2021.

VON BÜLOW, M.; ABERS, R.N. **Denialism and Populism: Two Sides of a Coin in Jair Bolsonaro's Brazil**. Government and Opposition: An International Journal of Comparative Politics 1–19, 2022.

VON BÜLOW, M.; GOBBI, D.; DIAS, T. **O Conceito de Ativismo Digital: uma agenda para além das fronteiras entre sistema político e sociedade civil**. TATAGIBA, L. (Org.); ALMEIDA, D. C. R. (Org.) ; Gurza Lavalle, A. (Org.); SILVA, M. K. (Org.)163 Participação e ativismos: entre retrocessos e resistências. 1a. ed. Porto Alegre: Zouk, v. 1000, p. 462, 2022.

VON BÜLOW, M.; DONOSO, S. Introduction: Social Movements in Contemporary Chile. In: Donoso, S., von Bülow, M. (orgs) **Social Movements in Chile.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2017.

WARDLE, C; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Council of Europe report DGI, 09, 2017.

WANG, J. **The U.S. Capitol Riot: Examining the Rioters, Social Media, and Disinformation**. Dissertação (Mestrado), Harvard University Division of Continuing Education, 2022.

WETTS, R.; WILLER, R. **Who is called by the dog whistle? Experimental evidence that racial resentment and political ideology condition responses to racially encoded messages.** Socius, v. 5, 2019.

WITTMANN, A. **Exploring the Election Fraud Conspiracy Theory: A Qualitative Comparison of Selected U.S. and German QAnon Telegram Channels.** Dissertação

(Mestrado em International Security Studies) - Faculty of Social Sciences, Charles University, 2023.

ZHONG, W. et al. **Proud Boys on Telegram.** Journal of Quantitative Description: Digital Media , *[S. l.]*, v. 4, p. 1–47, 2024. DOI: 10.51685/jqd.2024.003. Disponível em: https://journalqd.org/article/view/4187. Acesso em: 22 jun. 2024.